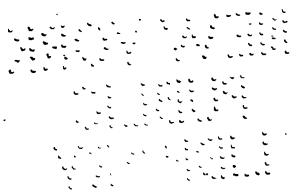
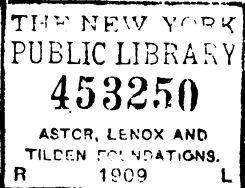
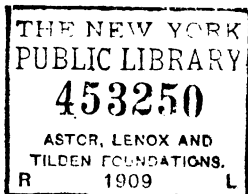
THEATRO DE MACEDO

O PRIMEIRO

LUXO E VAIDADE

COMEDIA ORIGINAL EM CINCO ACTOS

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ, A 25 DE SETEMBRO DE 1860, NO THEATRO GYMNASIO, PELA COMPANHIA DRAMATICA NACIONAL.

LUXO E VAIDADE

COMEDIA ORIGINAL EM CINCO ACTOS

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ, A 25 DE SETEMBRO DE 1860, NO THEATRO GYMNASIO, PELA COMPANHIA DRAMATICA NACIONAL.

PERSONAGENS :

MAURICIO, empregado publico.
ANASTACIO, fazendeiro.
FELISBERTO, marceneiro.
HENRIQUE, pintor.
REINALDO, coronel.
O COMMENDADOR PEREIRA.
FREDERICO.
PETIT, criado francez.
PRIMEIRO MASCARA.
SEGUNDO MASCARA.
HORTENSIA, mulher de Mauricio.
LEONINA, filha de Hortensia.
FABIANA.
FILIPPA, filha de Fabiana.
LUCIA, filha de Reinaldo.
FANNY, Ingleza; mestra de Leonina.
MASCARAS DE AMBOS OS SEXOS.

A acção é passada na cidade do Rio de Janeiro.

Epocha, a actualidade.

LUXO E VAIDADE

ACTO PRIMEIRO

Sala, ornada com esmero e luxo; portas ao fundo e aos lados dando communicação para o exterior e para o interior da casa.

SCENA PRIMEIRA

FANNY, que entra pelo lado direito; PETIT, que ao mesmo tempo apparece á porta do fundo.

PETIT, suspirando.

Miss Fanny!

FANNY, estremecendo.

Ah!... monsieur Petit! ficar muite sustade... êste non se úse n'Ingliterre.

PETIT.

Oh! non tem que assusta; eu venha aproveitar momento deliciose de conversa sosinha com miss Fanny em uma *tête-à-tête* impreciavel.

FANNY.

Mim ficar muite envergonhade com este conversácion.

PETIT.

Oh! miss Fanny, non tem vergonha! vergonha non presta por nada : gente que tem vergonha, non sabe arranja sua vida. (Olhando para dentro.) Onde está as senhoras?

FANNY.

Poder estar segura : madame fique sentada de fronte de toucador, e pinta suas cabellinhos brancas; e mademoiselle estar no janella de sala grande olhando rapagão barbude do sobrado de esquina.

PETIT.

E snr. Maurício estar em seu gabinete lendo contas de despeza e roendo as unhas : então nosso *tête-à-tête* se prolongue dues hores; porque madame tem muito que pinta, mademoiselle muito que olhe, e snr. Mauricio muito que róe.

FANNY.

Oh! mas êste non se úse n'Ingliterre; done deste case ganhe cinco e gaste cincoenta; este familia ser gente de imposture : contracta mim para ensina inglez mademoiselle, e non paga minhas ordenados cinco mezes! Mim ha de faz queixa a ministro inglez.

PETIT.

Esta gente non ande direita. Snr. Mauricio tem bola virada, e madame non tem bola para virar; non pode gastar e faz ostentação, e tem em casa professora de inglez para mademoiselle, e criado francez para servir na sala; mas tambem quatro mezes que eu non recebe meus salarios, e se miss Fanny non mora nesta casa, eu bota logo pés na rua.

FANNY.

De mèsme sorte mim non poder ficar separade de monsieur Petit.

PETIT.

Oh! este confissão me torne verdadeiramente um grande Petit! miss Fanny, vamos deixar esta casa, vem dar corôa de felicidade ao meu amor.

FANNY.

Oh! èste non se úse n'Ingliterre; mim non poder dar corôa de felicidade, sem ver padre catholica bota mão de Petit emcima de mão de Fanny.

PETIT.

Eu non ponha dúvida em fazer alliança anglo-franceza com miss Fanny... é maior ventura que suspira!

FANNY.

Então, mim dar corôa de felicidade: confessa que estar muite desejose...

PETIT, de joelhos e beijando-lhe as mãos.

Miss Fanny! oh! quel bonheur!

SCENA II

PETIT de joelhos. FANNY e ANASTACIO, que apparece á porta do fundo; vem trajando á viajante e traz botas grandes e e poras.

ANASTACIO.

Oh lá!... que par de galhetas! parece uma coruja que ouve em confissão a um macaco d'Angola!...

FANNY.

Ah! ficar muite vergonhade!... êste non se úse n'Ingliterre.

PETIT, levantando-se.

Que diabo de mineiro! (Indo á porta.) Non entra na sala com esses botas que traz lama!...

ANASTACIO.

Não entro na sala!

PETIT, firme, diante de Anastacio.

On ne passe pas!

ANASTACIO, ameaçando-o.

Arreda-te, malandro! quando não...

PETIT, firme.

La garde meurt, elle ne se rend pas!

ANASTACIO, dando-lhe un murro.

Insolente!... (Entra.)

PETIT, caindo.

Au secours ! au secours !...

FANNY.

Mim vai grita *quem de rei*, e chama done de casa ! Éste non se úse n'Ingliterre.

SCENA III

PETIT, ANASTACIO, e logo LEONINA.

ANASTACIO.

Entrei como Palafox em Saragoça !

LEONINA.

Que é isto?... Que aconteceu?

ANASTACIO, á parte.

Que mocetona ! é a tal cabecinha de vento, sem dúvida.

PETIT.

É este mineiro que arruma socco inglez, e entra á força na sala com esses botas que traz lama.

LEONINA.

E porque não havia de entrar, uma vez que vem procurar a meu pae ou a minha mãe? (Com austeridade.) Retira-te.

PETIT, á parte.

Ah! sapristi !... (Vai-se.)

LEONINA.

O snr. quer ter a bondade de sentar-se?

ANASTACIO, sentando-se.

Sou capaz de apostar que a menina não adivinha quem eu sou.

LEONINA, á parte.

A menina!... já se vê que este homem é grosseiro. (A Anastacio.) Certamente, que não tenho a fortuna de o conhecer.

ANASTACIO.

Ora ahi está, como são as cousas! eu conheço a menina como as palmas das minhas mãos.

LEONINA, á parte.

É um velho doudo! (A Anastacio.) Não admira, porque eu sou bastante conhecida, pelo menos, na alta sociedade do Rio de Janeiro.

ANASTACIO.

Pois não deve ufanar-se disso. O que mais convém a uma senhora honesta é que não se falle muito em seu nome, nem em bem e ainda menos em mal; e a uma menina solteira o que melhor assenta é, recolhida no seio da modestia, fazer-se notar pela virtude que não se ostenta, e que no emtanto excita a admiração, por isso mesmo que não procura louvores.

LEONINA.

Meu snr., eu prefiro que em lugar de dar-me conselhos, que não pedi, diga-me o que pretende e se deseja fallar meu pae.

ANASTACIO.

Já agora conversaremos um pouco; hei de provar que a-

conheço bem : sou um velho feiticeiro que adivinha a vida, os pensamentos e até os segredos do coração das moças! Olha para mim sorrindo-se?... pois escute: a menina chama-se Leonina, e bem que assevere a todas as suas camaradas que conta sómente dezesete annos de idade, vai completar os seus vinte dous justinhos d'aqui a cinco dias.

LEONINA.

Senhor!...

ANASTACIO.

A menina toca alguma cousa o seu piano; canta um pouco mal a sua aria italiana; tem de cór algumas phrases do francez; desenha um nariz que parece uma orelha; dansa e walsa noites inteiras nos bailes; passeia e conversa sem vexame com os rapazes, e presume por isso que tem uma educação completa. Engano, menina! a verdadeira educação de uma moça é aquella que, antes de tudo, deve tornal-a uma boa mãe de familia; a outra, a educação ficticia, aquella que recebeu, e que muitas recebem, póde dar em ultimo resultado excellentes e divertidas namoradas, porém, esposas extremosas e mães dignas deste nome sagrado, palavra de honra que não, minha senhora!

LEONINA.

O snr. tem a idéa de offender-me?

ANASTACIO.

A sua historia é em tudo semelhante á de muitas outras. Cedo, bem cedo foi a menina arrastada para o turbilhão das festas ardentes, onde o delirio segue de perto a ale-

gria, a sensibilidade se embota, e o fingimento usurpa o lugar da innocencia; e a menina, na idade em que devia ainda brincar com bonecas, sonhou com amores e conquistas, amou ou suppoz amar ao proximo antes de amar a Deus, e só se lembrou da igreja lembrando-se do casamento.

LEONINA.

Assim mesmo para um roceiro, o snr. falla correntemente! É provavel que seja eleitor e juiz de paz na sua terra.

ANASTACIO.

Dentro em pouco a vaidade encheu de têas de aranha essa cabecinha de criança. A menina realmente não é feia, julga-se, porém, a primeira formosura das cinco partes do mundo : critica e murmura desapiedadamente até das suas proprias amigas, e suppõe-se por isso muito espirituosa; é filha de paes muito honrados, mas tão plebêus como este seu criado, e presume-se fidalga de sangue azul e torce o biquinho a todo aquelle que não tem uma excellencia *de jure*, e quinze avós ainda mesmo arranjados de encommenda entre os descendentes dos doze pares de França.

LEONINA.

Isso é de mais! (Levanta-se.) Eu vou chamar meu pae, que o-fará sahir immediatamente desta casa!

ANASTACIO.

Escute ao menos um segredo do seu coração...

LEONINA.

Um segredo! (Com orgulho.) Que póde o snr. saber de mim?...

ANASTACIO.

Foi, ha dous mezes; a menina encontrou no Club Fluminense um elegante mancebo que lhe fez a côrte, e, ou porque realmente gostasse do seu novo apaixonado, ou porque não achasse inconveniente em acrescentar mais um nome á lista dos seus namorados, mostrou corresponder ao amor desse joven; os encôntros repetiram-se nos bailes; das conversinhas mysteriosas já se tinha chegado aos apertos de mão, e á troca de flores, e é escusado dizer que o papae e a mamãe não viam absolutamente nada; mas em certa noite, ainda no Club Fluminense, alguem murmurou aos ouvidos da menina as seguintes palavras : — « Aquelle moço que a requesta é pintor e filho de um marceneiro; » — a terrivel noticia accendeu os brios da fidalga, e o namorado plebéu foi condemnado ao desprezo. Diga, menina, não é verdade?

LEONINA.

Não o-nego; mas porventura deveria eu continuar a aviltar-me?...

ANASTACIO.

Oh! não, não, de modo nenhum; ha porém no fim dessa historia, uma tristissima e fatal realidade!

LEONINA.

E qual é? já agora dê o seu recado até o fim.

ANASTACIO.

É que o miseravel pintor, filho do miserabilissimo mestre marceneiro, é... é... tenho vergonha de acabar a phrase...

LEONINA.

Nada de reticencias : eu quero que diga tudo.

ANASTACIO.

Pois então lá vai, minha fidalga : é que o miseravel pintor, filho do miserabilissimo mestre marceneiro, é... tenha paciencia, é, sem mais nem menos, primo-irmão de Vossa Excellencia.

LEONINA.

Oh! eu não posso supportar esta ironia insultuosa! (Chamando.) Meu pae!... meu pae!... minha mãe!...

ANASTACIO.

Manchei-lhe o sangue azul com as tintas do meu pintor!... E como ficou irritada!... Menina, façamos as pazes! (Procurando-a.) Venha um abraço em signal de reconciliação!.....

LEONINA, fugindo.

Meu pae!... minha mãe!...

ANASTACIO, seguindo-a.

Ha de dar-me um abraço, quer queira, quer não.

LEONINA, fugindo.

Meu pae! acuda-me!...

ANASTACIO, seguindo-a.

Pois agora ha de ser um abraço e um beijo!...

SCENA IV

ANASTACIO, LEONINA, MAURICIO, e HORTENSIA.

MAURICIO.

Leonina... (Vendo Anastacio.) Oh!... mano Anastacio!... (Abraça-o.)

HORTENSIA.

Meu mano! (Abraça-o por sua vez.)

ANASTACIO.

Sim! elle mesmo!... depois de dezoito annos de ausencia!... elle mesmo!

MAURICIO.

Que prazer! que felicidade!...

LEONINA.

Pois é meu tio?... é o meu padrinho?...

HORTENSIA.

Sim, minha filha, é o teu padrinho.

ANASTACIO, chorando.

Conheceram-me logo... amam-me ainda... não se esqueceram do velho rabugento... mas... parece-me que estou chorando... isto é uma vergonha na minha idade...

Mauricio, mana, outro abraço para esconder estas duas goteiras de casa velha!... (Abraçam-se.)

LEONINA.

E eu então, meu padrinho?...

ANASTACIO.

Ah! já, minha cabecinha de vento?... não te disse que havias de dar-me um abraço e um beijo? (Abraça-a e beija-a na fronte.) Pois toma dous e tres de cada especie, e estes pódes receber e pagar com juros sem dar satisfação á lingua do mundo.

MAURICIO.

Quando chegaste, Anastacio?

ANASTACIO.

Agora mesmo; apeéi-me á porta de tua casa.

HORTENSIA.

Mas porque gritavas com tanto desespero, Leonina?

LEONINA.

Ora... eu não conhecia meu padrinho, e vêndo-o correr atraz de mim para me abraçar... (Sentam-se.)

ANASTACIO.

Não foi isso, mentirosa! deves dizer sempre toda a verdade a teus paes: mana, fui eu que, conforme o meu costume, ralhei como um frade velho. Leonina, tenho mais vinte annos do que teu pae, e portanto acho-me com direito de avô. Meus paes desejaram que eu fosse padre, e deram-me uma educação severa e estudos variados e sé-

rios; circumstancias que agora não vèm ao caso, affastaram-me das ordens sacras; fiquei porém com as menores, e, sem ser padre, gosto de pregar os meus sermões; dispõe-te pois a aturar-me, que tens muito que ouvir e eu muito que ralhar.

LEONINA, á parte.

Peór está essa! mas o meu recurso é simples : para um velho que ralha, uma moça que ri.

MAURICIO.

Sim, ralhe muito com ella e para isso não nos deixe mais nunca.

ANASTACIO.

Mais nunca?... havia de ser bonito! e quem me tomaria conta das fazendas em Minas?... cheguei ha pouco e sinto que já estou pelos cabellos : a vida da cidade é só para gente vadia.

HORTENSIA.

Um homem solteiro, quando chega á sua idade e é bastante rico, tem o direito de descansar e gozar.

ANASTACIO.

Não; o homem ocioso é sempre um peso para a sociedade. O trabalho é uma lei de Deus que se deve cumprir até a morte : sou rico; nunca porém serei vadio, nem perdulario. (Olhando.) Mas pelo que vejo, tu andas pelas grimpas, Mauricio? aposto que tens os teus vinte contos de renda annual?... não?... ah! já sei, tens tirado a sorte grande cinco ou seis vezes.

LEONINA.

Qual! todos os bilhetes, que papae compra, sahem brancos.

ANASTACIO.

Então, accumulas alguns sete empregos para receber os vencimentos de todos elles, sem cumprir as obrigações de nenhum : acertei! a nação é quem paga o pato, e, coitadinha! não se queixa, porque já está acostumada. A quanto chegam os teus ordenados?

MAURICIO.

Tenho só um, Anastacio, e esse e mais alguns achegos dão-me por anno cerca de cinco contos de réis.

ANASTACIO.

Ao menos esta casa é propriedade tua...

MAURICIO.

Infelizmente não; e as casas estão por um preço fabuloso : pago de aluguel por esta dous contos de réis.

ANASTACIO.

E com os tres contos que restam dos cinco que ganhas, vestes com o luxo que vejo a tua familia, pagas criados francezes que olham com desprezo para quem traz botas á mineira, e tens salas como esta, marmores, ricas mobilias, e esta grandeza toda?... Mauricio!...

HORTENSIA.

Que quer dizer, meu mano?

ANASTACIO.

Eu não quero dizer nada : o adagio antigo é que diz uma cousa muito feia, porém muito verdadeira.

LEONINA.

Ora pois, meu padrinho ha pouco ralhava comigo, e agora já está ralhando com meu pae. (Levanta-se e senta-se ao pé do padrinho.)

ANASTACIO.

E que tem você que ver com isto?... destas despezas loucas e superiores aos recursos de quem as-faz, transpira uma prova de demencia ou de immoralidade. Quem despende mais do que ganha, ou cahe na miseria ou no crime... quem... tá... tá... tá... que tenho eu de metter-me com a vida alheia?... Mauricio, como está Felisberto?...

MAURICIO, confuso.

Felisberto...

HORTENSIA, confusa.

Felisberto...

ANASTACIO.

Sim... Felisberto, vocês hesitam? acaso terá morrido?

LEONINA.

Minha mãe, quem é esse Felisberto?...

ANASTACIO.

Quem é esse?... é teu tio, o irmão de teu pae, o cunhado

de tua mãe, é meu irmão; um homem honrado e laborioso, e um mestre marceneiro da primeira ordem.

LEONINA.

Marceneiro!... pois isto é verdade, minha mãe? (Vai sentar-se ao fundo muito triste.)

HORTENSIA, á parte.

Antes nunca tivesse voltado á côrte este velho doudo.

MAURICIO, levanta-se.

Meu mano... a alta sociedade que frequentámos... as nobres relações que temos... certo pundonor... os prejuizos talvez... têm feito com que... apezar nosso...

ANASTACIO.

Tu gaguejas?... estás engasgado com alguma indignidade?

MAURICIO.

Não... nós estimámos sempre muito a Felisberto; mas um simples marceneiro... podia ser encontrado aqui por fidalgos, titulares, grandes personagens emfim, que nos honram com a sua amizade; e por isso... e por um vexame muito natural...

ANASTACIO.

Fechaste a porta a nosso irmão?... Que miseria!... como deve estar corrompida esta sociedade em que ha quem se lembre de quebrár os sagrados laços do sangue e de voltar o rosto a um irmão, só porque elle é um simples artifice! Que sociedade é esta tão estupida, que não sabe repellir de seu seio esses Cains da vaidade, como Deus repelliu o

Caim da inveja!... (A Mauricio e batendo com o pé no chão.) Caim!... Caim!...

MAURICIO.

Anastacio!...

ANASTACIO.

Fidalgo improvisado! o teu castigo é a voz da verdade que sôa em tua consciencia; e onde quer que vás, onde quer que estejas, eu, eu, que não renego nem o meu passado, nem os meus parentes; eu, emquanto vivo fôr, bradarei aos teus ouvidos: lembra-te, meu fidalgo, que nosso pae foi um *nobre* ferreiro, que durante sessenta annos se chamuscou na forja e bateu na bigorna! teve por titulo de nobreza a sua immaculada probidade, e por gloria o seu trabalho e a educação da virtude que soube dar a seus filhos; foi deveras um nobre ferreiro, e é pena somente que deixasse um filho doudo!

MAURICIO.

Oh! é muito!

HORTENSIA.

Meu mano, as cousas aqui na côrte não se passam como lá na roça; aqui ha certas prevenções... certas considerações....

ANASTACIO.

Engana-se, minha senhora: lá na roça, como aqui na côrte, os tolos de ambos os sexos abundam do mesmo modo.

HORTENSIA.

Senhor... é quasi um insulto!

ANASTACIO.

Tire-lhe o quasi e seja um insulto completo ; desagradolhes, não é assim?.. pois fiquem-se com a sua fidalguia, que eu vou direito para a casa do marceneiro. (Indo-se.)

HORTENSIA.

Não... não... é impossivel que briguemos : não ha de deixar-nos assim.

ANASTACIO.

Nesse caso terão de ouvir-me, e aturar-me.

HORTENSIA.

Diga o que quizer, já lhe conhecemos o genio; mas não nos faça injustiças : temos uma filha que desejamos casar b em; e é provavel que se se viesse a saber que é sobrinha de um marceneiro, não pudessemos arranjar-lhe um noivo de familia nobre.

ANASTACIO.

É a honra que ennobrece o homem; e eu juro que não ha homem mais honrado do que meu irmão marceneiro : póde bem sentar-se a par do melhor dos seus barões.

HORTENSIA.

E se o barão fugisse do seu lado?

ANASTACIO.

Provavelmente o-faria envergonhado, por dever-lhe ainda a mobilia da sala.

MAURICIO, á parte.

E elle tem razão... eu sou um miseravel!

LEONINA, á parte.

Marceneiro!... estou definitivamente desacreditada!...

HORTENSIA.

Deixe estar, mano, que havemos de fazel-o chegar á razão. No dia dos annos de Leonina vamos dar um baile, e por signal que será de mascaras, para aproveitarmos a coincidencia da segunda-feira do Carnaval; hoje mesmo receberemos visitas, e o mano ha de ufanar-se de ver a brilhante sociedade com que nos achamos relacionados.

ANASTACIO.

Sim, hei de pôr-me nas pontinhas: jurarei que sou bisneto do imperador da China, e que portanto somos parentes do sol e da lua; creio que vocês por ora se contentam com estas alturas. Ah Gil Braz de Santilhana!... mas... que idéa!... não a-devo perder... meus fidalgos, até logo! vou ver o nosso... o meu irmão marceneiro; contem porém comigo, que ainda hoje hei de fazer brilhaturas!.. (Vai-se.)

MAURICIO, seguindo-o até a porta.

Anastacio!...

LEONINA, á parte.

Marceneiro!...

SCENA V

LEONINA, sentada a um lado; MAURICIO e HORTENSIA; PETIT, entra, accende velas e retira-se.

MAURICIO.

E lá se foi correndo!

HORTENSIA.

Antes nunca tivesse chegado; veio só para envergonhar-nos. Esse fatal segredo, que com tanto cuidado occultavamos de nossa propria filha, elle o-revelou, enchendo de amargura aquelle coração innocente; e o nosso nome... os nossos projectos...

MAURICIO.

Hortensia, ninguem póde ignorar que Felisberto é meu irmão... não é acreditavel que não se saiba isso, e nós já fazemos de mais não o-recebendo em nossa casa ha dezoito annos.

LEONINA, á parte.

Marceneiro!...

HORTENSIA.

Mas porque ferir-nos em ponto tão delicado! olha, se Anastacio não fôsse padrinho de Leonina, e não esperassemos que elle venha a instituil-a sua herdeira, por certo que não me sujeitaria ás suas brutalidades.

MAURICIO.

E no emtanto é sempre a verdade o que elle diz! ainda ha pouco annunciou-nos a miseria, e tu sabes, Hortensia, que a miseria nos está estendendo as garras!

HORTENSIA.

A que vem essas tristes idéas?... dentro em breve ajustaremos o casamento de Leonina com o commendador Pereira: a riqueza do genro esconderá a pobreza do sogro; confia em mim.

LEONINA, á parte.

Marceneiro!...

MAURICIO.

Sim... abracemos a mais leve esperança... esqueçamos o mal que nos ameaça: creio que pouco tardarão as nossas visitas, convém que nos mostremos alegres.

HORTENSIA.

E que nos retiremos da sala, póde ser que o commendador chegue primeiro do que D. Fabiana...

MAURICIO.

Duvido: D. Fabiana chega sempre cedo de mais onde não se precisa da sua pessoa. Eu aposto que ella chega primeiro. (Vão-se.)

SCENA VI

LEONINA, sentada e muito triste.

Marceneiro! marceneiro! como vão zombar de mim aquellas que não valem tanto como eu! hão de fazer-me em cem pedaços com o serrote de meu tio marceneiro! D. Luizinha, que tem olhos côr de vinagre, vingar-se-ha de meus bellos olhos pretos, repetindo: — marceneiro! — D. Jesuina, que tem mãos de calafate; D. Sophia, que tem dentes de tubarão; D. Leocadia, que tem cintura de abbade velho, vingar-se-hão de minhas mãos de princeza, de meus dentes de perolas, de minha cintura de fada, contando a todos que sou sobrinha de um marceneiro! Oh! é horrivel! quando eu suppunha que mais cedo ou mais tarde viria a sêr condessa ou pelo menos baroneza... é abominavel! (silencio) marceneiro!... (chora) marceneiro!... (desesperada) marceneiro!... (Ouve-se o rodar de uma carruagem.) Oh! um carro que pára! se fôrem senhoras, não devem suspeitar que eu padeço; (enxuga os olhos e arranja os cabellos) folgariam com isso... Oh! coração, esconde as tuas magoas! olhos, brilhae! boca, sorri! rosto, expande-te! e agora pódem chegar, venham todas, porque eu tenho consciencia de que sou formosa.

SCENA VII

LEONINA, HORTENSIA, MAURICIO, e logo depois FABIANA, FILIPPA, e FREDERICO.

MAURICIO.

Então, que te dizia eu?... ahi está a D. Fabiana rompendo a marcha.

HORTENSIA.

Leonina, D. Fabiana e sua filha vem subindo a escada.

LEONINA.

Que horrivel massada!... (Indo a porta.) Chegue D. Fabiana; chegue D. Filippa; conheci-as logo pelas pisadas.

FREDERICO, dentro.

D'ora ávante usarei de sapatinhos de setim para ver se um dia mereço igual felicidade.

LEONINA.

Não faça tal: Vossa Senhoria mesmo sem sapatos de setim já se confunde bastante com as senhoras. (Entram os tres, comprimentos, etc.)

FREDERICO, á parte.

Decididamente recebi um comprimento de máo gosto, ou então um epigramma ferino.

HORTENSIA.

Como passou de hontem, D. Fabiana?...

FABIANA.

Soffri um pouco dos nervos : mas nem por isso quiz faltar á minha palavra.

MAURICIO.

É uma fineza de mais que temos de agradecer á Vossa Excellencia, mas... creio que sóbem as escadas...

FREDERICO.

Quem será?... (A Leonina.) Vossa Excellencia não adivinha pelas pisadas?...

LEONINA.

Nem sempre : D. Fabiana, D. Filippa e Vossa Senhoria já aqui se acham.

FREDERICO.

Hei de fazer certa experiencia, vindo aqui uma noite sósinho.

LEONINA.

Dar-nos-ha ainda assim muito prazer; mas olhe que se expõe a ser confundido.

FREDERICO, á parte.

Foi epigramma; reconheço-o pela segunda edição.

SCENA VIII

Os precedentes, REINALDO e LUCIA, comprimentos, etc.

LEONINA E HORTENSIA.

Oh! D. Lucia! Snr. coronel!

MAURICIO.

Como vamos, meu caro snr. coronel?... não ha que perguntar, sempre remoçando...

REINALDO, olhando para Leonina.

Passei o resto da noite cheio de saudades e um dia inteiro anhelante de esperanças...

LEONINA, á parte.

Aquillo é comigo. (A Reinaldo.) Não precisa dizer mais : o theatro italiano faz-lhe saudades no fim das operas, e accende-lhe esperanças com os cartazes. Vossa Excellencia, creio eu, traz sempre um cartaz no coração!

REINALDO.

Minha senhora, dou-lhe minha palavra de honra que não sei o que se cantou hontem no theatro italiano.

LUCIA.

D. Leonina, meu paesinho levou hoje o dia inteiro a fallar no seu *fichu à Marie-Antoinette.*

REINALDO.

E o seu balão, Excellentissima! o seu balão é capaz de levar a gente ás nuvens!

LEONINA, a Filippa.

Você já viu homem mais tolo?...

FILIPPA, a Leonina.

Homem não, porém mulher, já vi.

LEONINA, a Filippa.

Quem é?

FILIPPA, a Leonina.

A filha, que tem tanto de feia como de desfructavel. (A Lucia.) D. Lucia, você é adoravel!

LUCIA.

Porque diz isso?...

FREDERICO.

Perdão; mas é a nós os homens que pertence dizer esse porque, visto que somos nós os que o-sentimos melhor e mais profundamente.

REINALDO, que conversava com Mauricio.

É possivel!... o meu amigo Anastacio? o bom velho que me dava confeitos, quando eu era cadete?

HORTENSIA.

É verdade, depois de dezoito annos de ausencia, chegou-nos hoje de Minas o padrinho de Leonina, o meu cunhado Anastacio. (Comprimentos.)

REINALDO.

Ditoso padrinho de tão formosa afilhada! o meu velho amigo!... Minha senhora, amanhã virei pedir-lhe de jantar... quero jantar com o meu amigo Anastacio.

HORTENSIA.

Mas Vossa Excellencia esquece que o commendador Pereira convidou-nos para passar o dia de amanhã no Jardim Botanico; convenha pois em que todos, que nos achamos presentes, jantemos juntos depois de amanhã para fazer uma saude ao meu excellente cunhado.

PEREIRA, dentro.

Com a devida venia!...

MAURICIO, indo recebel-o.

Oh! senhor commendador!

SCENA IX

Os precedentes e o COMMENDADOR PEREIRA.

HORTENSIA.

Snr. commendador, Vossa Excellencia gosta demasiadamente de se fazer desejar!

PEREIRA.

Não é isso, minha senhora, não é isso: é que eu venho desesperado... furioso...

MAURICIO.

Então que ha?

PEREIRA.

Um attentado que revolta as leis da natureza! (Levantam-se todos.)

REINALDO.

Diga depressa, snr. commendador : Vossa Excellencia está expondo as senhoras aos ataques nervosos.

PEREIRA.

O mundo está perdido!...

LUCIA.

É algum novo cometa, snr. commendador?

FREDERICO.

Qual, minha senhora, os cometas abundam tanto, que já não assustam á pessoa alguma.

PEREIRA.

É cousa muito peór do que dez cometas juntos : é o esquecimento dos deveres mais sagrados, e da honra das familias.

HORTENSIA.

Isso então é muito sério; diga o que foi...

PEREIRA.

Mais um passo dado para o descredito da aristocracia...

REINALDO.

Quem vem lá?... Passe de largo!

PEREIRA.

Lembram-se de D. Innocencia, a filha de um barão, e descendente de uma nobre casa de Portugal?...

FABIANA.

Sim... sim... a baronezinha, como todos a-chamam...

PEREIRA.

Sangue puro de fidalga! sangue puro como o de um cavallo arabe!...

FILIPPA, a Leonina.

A comparação parece de boleèiro.

PEREIRA.

Pois bem... saibam todos: casou-se hoje.

REINALDO, á parte.

Ai! tenho uma namorada de menos.

VOZES.

Casou-se?... mas com quem?...

PEREIRA.

Com um negociante de retalhos!!!

HORTENSIA.

De retalhos?!.. coitadinha!

FABIANA.

Passou de filha de barão a noiva de retalhos! pobresinha!...

REINALDO.

Mas o pae... matou-se... não é assim?...

PEREIRA.

Vergonha das vergonhas! abraçou o genro.

REINALDO.

É o progresso!... são as luzes do seculo!...

HORTENSIA, com fogo.

Não póde haver nobreza, onde os nobres se aviltam misturando-se com a canalha!...

PEREIRA.

É inaudito!

MAURICIO.

Paciencia; mas esqueçamos aquelles que se esquecem de si mesmos.

PEREIRA.

Nós, porém, lembremo-nos sempre do que somos!...

HORTENSIA.

Sim! nós seremos sempre dignos do nome que temos, do sangue que gyra em nossas veias, e da nobreza de nossas familias.

SCENA X

Os precedentes, ANASTACIO, FELISBERTO, HENRIQUE, e depois, a seu tempo, FANNY e logo PETIT.

ANASTACIO.

Mauricio! mana Hortensia! (voltam-se todos) Aqui vos trago comigo o nosso irmão, o mestre marceneiro Felisberto, e o nosso sobrinho Henrique, pintor. (Sorpresa geral.)

HORTENSIA, desmaiando.

Ah!...

LEONINA, correndo a Hortensia.

Minha mãe!

MAURICIO.

Hortensia!... desmaiada! meu Deus! um medico! Petit, um medico!...

(Movimento geral : Felisberto e Henrique ao fundo: no meio da confusão Anastacio tira do bolso uma carta, desdobra-a e prepara uma torcida de papel.)

FANNY.

Um medica! monsieur Petit, um medica! oh! êste non se úse n'Ingliterre!

PETIT.

Le docteur! le docteur! (Vai-se correndo.)

MAURICIO.

Hortensia!

LEONINA.

Minha mãe!...

PEREIRA.

Snr. Mauricio, dei-te-lhe agua fria na cabeça!

REINALDO.

Isto não é nada; deixem-me applicar-lhe um globulosinho de belladona. (Tira do bolso uma caixa homœopathica.)

ANASTACIO, avançando com a torcida de papel.

Affastem-se! eu curo em um instante minha cunhada. (Introduz a torcida no nariz de Hortensia, e esta espirra.) Espirrou!... está salva.

HORTENSIA, tornando a si.

Ah!... (á parte.) Malvado!...

TODOS.

Minha senhora!

ANASTACIO, erguendo a torcida.

Viva a torcida!... a torcida é um especifico infallivel para o mal dos faniquitos!...

LEONINA, á parte.

Marceneiro!...

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

O theatro representa um ponto do Jardim Botanico; ao fundo ve-se o lago e a pequena ilha; á esquerda grupos de bambús, á direita apparece sobre o seu outeiro um lado da casa de cedro; arvores e arbustos convenientemente dispostos.

SCENA PRIMEIRA

MAURICIO, HORTENSIA, LEONINA, FABIANA, FILIPPA, FREDERICO, REINALDO, LUCIA e PEREIRA; uns contemplam o lago, descem outros da casa de cedro, etc.; ANASTACIO, meio deitado na encosta do outeiro.

HORTENSIA.

Devéras que nunca vi rosa mais bella, nem mais perfeita!

FABIANA.

Mas de quem seria a mão cruel que se atreveu a roubar

aquella princeza do jardim? vimos a rosa apenas alguns momentos, e quando voltámos a contemplal-a, tinha já desapparecido!

REINALDO.

A tal rosa tem dado que pensar ás senhoras! oh! quem pudera transformar-me em um pé de roseira!

HORTENSIA.

É o mysterio de uma flor, um começo de romance que enche de poesia o agradavel passeio que nos proporcionou o snr. commendador.

PEREIRA, á parte.

Conheço agora que sou um homem muito espirituoso!

LUCIA.

E não ha quem rompa esse mysterio?...

FILIPPA.

Que mysterio! não ha cousa mais simples: quem roubou a rosa foi o Sr. Anastacio.

PEREIRA.

Não, não; sou capaz de apostar que a rosa se occulta junto de algum coração apaixonado, e está reservada para ser a palma da belleza.

FREDERICO.

E que pensa Vossa Excellencia?... (A Leonina.) Nem mesmo o destino mysterioso dessa rosa póde arrancal-a ás tristes meditações, de que hoje se mostra apoderada?...

FILIPPA.

E quem tem culpa disso é ainda o Sr. Anastacio. (Rindo-se.)

HORTENSIA.

E desta vez adivinhou, D. Filippa: o mano levou a conversar toda a noite com Leonina, e, certamente, lhe pregou tal sermão, que ainda hoje a-faz estar pensativa e triste.

MAURICIO.

Pois vençamos a sua melancolia obrigando-a a passeiar; creio que as senhoras já descansaram.

FREDERICO.

Sim, e as flores esperam as borboletas.

FABIANA.

Vamos, e eu quero ser o cavalheiro de D. Leonina : hei de conseguir tornal-a prazenteira e alegre. (Dá o braço a Leonina.)

PEREIRA, dando o braço a Hortensia.

Minha senhora! (Vão sahindo Fabiana com Leonina pela esquerda e Frederico com Lucia, Pereira com Hortensia, e Reinaldo com Filippa pela direita.)

SCENA II

MAURICIO, que vai sahir, e ANASTACIO, que o-suspende.

ANASTACIO.

Abre os olhos, Mauricio, e attenta bem : não achas que aquella mulher, levando tua filha pelo braço, se assemelha muito a um algoz que arrasta comsigo a sua victima?...

MAURICIO.

Mas, em tal caso, que papel entendes que eu represento?

ANASTACIO.

Peór do que o de um pae tolo: o papel de um pae que desconhece os seus mais santos deveres.

MAURICIO.

Sempre impertinente, Anastacio!

ANASTACIO.

Escuta: ha vinte cinco annos aquella mulher suppunha-se amada por ti, e viu em Hortensia uma rival preferida, quando com esta te ligaste em casamento. O desprezo de um homem abre no seio da mulher uma ferida envenenada que nunca cicatriza. A offensa, fôste tu que a-fizeste, mas a mulher desprezada detesta ainda mais que ao offensor a rival que triumphou. Assim pois, diz a logica, que D. Fabiana aborrece profundamente a tua esposa.

MAURICIO.

Viste ainda ha pouco como ella beijou-a com ardor?

ANASTACIO.

Judas tambem beijou a Christo poucas horas antes de vendel-o. Tua mulher escapou outr'ora á vingança de D. Fabiana, porque esta, casando com um official do nosso exercito, teve de acompanhal-o para o Rio Grande do Sul d'onde só voltou ha dous annos, depois de viuva.

MAURICIO.

Estás perfeitamente informado da sua historia.

ANASTACIO.

Estabelecendo a sua residencia nesta capital, D. Fabiana dissipa loucamente a mediocre fortuna que lhe deixou seu marido, e mancha-lhe o nome honrado, conquistando uma reputação tristemente famosa. É uma libertina, para quem são apenas vãos prejuizos alguns dos preceitos que constituem a moral das familias: sua casa é o ponto de reunião de um circulo licencioso; sua conversação espalha principios desmoralisadores, e o seu exemplo é uma lição corruptora.

MAURICIO.

És severo de mais, e por isso, sem o pensar, te fazes o écho de indignas calumnias.

ANASTACIO.

Commetteste o erro de abrir as portas de tua casa á natural inimiga de tua mulher. Tu... que se importa ella comtigo?... uma mulher nunca fere um homem, quando tem uma mulher para ferir; minha cunhada está defendida por um passado que a-abona, e pela idade precisa para escapar ás cilladas de algum galanteio que a-leve á deshonra; mas Leonina, moça e bella, ahi está, e D. Fabiana, envenenando a vida inteira de Leonina, de um só golpe fará a tua desgraça e a da sua antiga rival. Mauricio! abre os olhos! por aquella rua foi um algoz arrastando comsigo a sua victima.

MAURICIO.

Fazes-me tremer, Anastacio!

ANASTACIO.

E, supponde extincto o odio de D. Fabiana, não bastam os seus principios demasiadamente livres e sua reputação dilacerada pelo publico, para que o dever te mande affastar Leonina de sua companhia? Um pae que expõe sua filha ás consequencias das relações perigosas, não é um pae, é um louco, para não ser um monstro. Oh! quando uma pobre moça, uma filha pervertida pelas más companhias se deixa corromper, e se avilta, o mundo antes de castigal-a com o seu desprezo, devia primeiro cospir na face do pae desnaturado que a-levou pelo caminho do vicio. Era isto, que eu precisava dizer-te : agora pódes ir fazer os teus comprimentos a D. Fabiana.

MAURICIO.

Dezoito annos de ausencia da côrte puderam tornar-te hoje, e apezar da tua instrucção, como um estrangeiro no meio della; desconheces os costumes e os usos da alta sociedade, e confundes a civilisação com a licença.

ANASTACIO.

No Rio de Janeiro, como em todas as capitaes do mundo, a alta sociedade conta duas classes de frequentadores que a-deslustram : uma, é a dos immoraes e libertinos, que della deviam ser expellidos como indignos; a outra, é a dos elegantes caricatos, ridiculos macaqueadores dos grandes; pobres tolos que são castigados em sua propria vaidade : a gente que te cerca, meu irmão, pertence a essas duas classes, e tu fazes parte da ultima.

MAURICIO.

Anastacio, é de mais!

ANASTACIO.

Qual de mais! eu tenho ainda que dizer-te um milhão de verdades amargas ..

MAURICIO.

Pois eu não as-ouvirei, agora ao menos; e fica certo de que nem sempre são os mais avisados aquelles que presumem ter mais juizo que os outros. (Vai-se.)

ANASTACIO.

Vae, abre porém os olhos, Mauricio! (seguindo-o) porque por aquella rua foi um algoz arrastando comsigo a sua victima!

SCENA III

ANASTACIO, e logo HENRIQUE.

ANASTACIO.

Eis ahi um homem que tem uma cabeça de ferro; mas tão ôca como um cabaço sem miolo!

HENRIQUE.

Meu tio, o que vossa mercê praticou hoje comigo chama-se uma traição : foi provocar-me a um passeio no Jardim Botanico, sabendo que vinham aqui passar o dia pessoas que me olham com o mais insultuoso desprezo, e

obriga-me, para não encontral-as, a correr a medo para as alamedas mais solitarias e afastadas, como se eu fôra um miseravel criminoso.

ANASTACIO.

E vossa mercê, chegou ha quatro mezes da Europa com fumaças de artista de genio; foi ao baile, apaixonou-se por sua prima que o não conhecia, e que voltou-lhe as costas, mal soube que o seu namorado era um pintor: então, lembrou-se vossa mercê do seu tio da roça; correu á Minas, confessou-me o seu amor, pôz-me ao facto da vida que levam seus tios da cidade, e arrancou-me da minha fazenda, sob o pretexto de que só eu podia salval-os.

HENRIQUE.

E ainda bem que veio...

ANASTACIO.

Ainda mal, porque estou desconfiando que cheguei tarde. Mauricio disparou em tal carreira pela aristocracia a dentro que é bem de crêr que não pàre senão á porta do palacio da Praia Vermelha. No emtanto, eis-me arvorado em medico de loucos, e o snr., que me impôz este myster, vem agora dizer-me que lhe estou armando traições!... Começo a acreditar que tenho na minha familia mais doudos do que pensava...

HENRIQUE.

E considera-me talvez no numero desses...

ANASTACIO.

A fallar a verdade, ainda não te supponho doudo; mas, orgulhoso, olha que és muito, Henrique.

HENRIQUE.

É a vossa mercê que devo este meu orgulho : desde os primeiros annos senti arder em minh'alma o amor da arte; e foi meu tio que com a sua riqueza facilitou-me os meios para ir estudar na Europa. Ali, no fóco da civilisação, e no meio dos grandes mestres, a cada passo que avançava na conquista dos segredos da arte, reconhecia que me hia ennobrecendo por ella; e quando depois de doze annos de um estudo incessante, ao apresentar um quadro que me fôra inspirado pelas saudades da patria, meu mestre correu a abraçar-me, chorando, e pintores celebres que têm um nome no mundo, me applaudiram e me chamaram irmão, tive consciencia de que valia alguma cousa; amei a minha palheta como um rei a sua corôa, e apreciei devidamente o meu nome de artista para não curvar a cabeça diante de papelões dourados. Eis ahi o meu orgulho: é á vossa mercê que o-devo.

ANASTACIO.

Segue-se d'ahi que te mandei estudar para te fazer pintor, e que tu não me borraste a pintura; sê portanto orgulhoso com esses que em sua soberba desprezam o artista que vale mil vezes mais do que elles; quando porém se tratar de tua prima, perdoa-lhe as fraquezas, e humanisa-te com ella, mesmo porque a rapariga é bella como as virgens do teu Perugino.

HENRIQUE.

Quer então, meu tio, que eu me sujeite aos desdens e aos insultos de parentes que se envergonham de mim?...

Deseja, por exemplo, que Leonina supponha que eu vim hoje aqui de proposito para admiral-a... para beijar os vestigios de suas pisadas... para... Oh! não, meu tio.

ANASTACIO.

Amas ou não amas tua prima?... Sim, ou não?...

HENRIQUE.

Amei-a.

ANASTACIO.

Fallo-te no presente, e respondes-me no preterito?... Tu não sabes grammatica.

HENRIQUE.

Como quer que lhe responda?...

ANASTACIO.

Sim, ou não?. . amas, ou não amas?...

HENRIQUE.

Não devia amal-a.

ANASTACIO.

Peór : tu não nasceste para pintor; nasceste para advogado e havias de ser grande na chicana.

HENRIQUE.

Não devia amal-a, porque o seu coração é uma urna impura que guarda os restos de cem amores fingidos; não devia amal-a, porque a sua vaidade amesquinha e desbota os seus encantos; não devia amal-a, porque...

ANASTACIO.

Mas, apezar teu, morres de amores pela rapariga!...

HENRIQUE.

Ao menos saberei fugir della.

ANASTACIO.

Sim?... pois olha para aquella rua; de quem será aquelle balão pavoroso, que não sei como entrou pelo portão do Jardim?...

HENRIQUE.

Oh!... é ella!... eu fujo... adeus, meu tio...

ANASTACIO.

Foge, corre depressa; mas eu no teu lugar deixava-me ficar, occultando-me atraz destes bambús.

HENRIQUE.

Tem razão: vêl-a-hei sem ser visto; mas não me atraiçôe. (Occulta-se.)

ANASTACIO.

Que elle não fugia, sabia eu muito bem! Os namorados parecem-se todos uns com os outros, como a mão direita com a mão esquerda.

SCENA IV

ANASTACIO, LEONINA, e HENRIQUE, que se conserva occulto.

LEONINA.

Então, meu padrinho, sempre se resolveu a vir jantar comnosco!..

ANASTACIO.

Não, senhora; não sou mulher nem politico para andar mudando de opinião da noite para o dia.

LEONINA.

Entretanto, nós o-viemos encontrar aqui.

ANASTACIO.

É verdade, mas preferi á companhia dos seus fidalgos a de uma pessoa a quem tributo verdadeira estima.

LEONINA.

Sim, creio mesmo que me pareceu ter visto dous vultos, quando agora vinha chegando.

ANASTACIO.

E encontrou só um, porque espantou o outro com a sua presença.

LEONINA.

Palavra de moça, que é a primeira vez em minha vida que assim espanto um homem! Quem é esse senhor espantadiço?...

ANASTACIO.

É seu primo-irmão. (Silencio.) Sabe quem é seu primo-irmão?...

LEONINA.

De mais o-sei e todos o-sabem; hontem á noite vossa mercê descarregou um golpe terrivel na minha vaidade; e embora áquelles, que nos cercavam, nos dissessem depois que raras são as familias que não têm de envergonhar-se

de algum parente menos digno, não pude mais esquecer que um irmão de meu pae é mestre marceneiro, e meu primo-irmão um pintor!

ANASTACIO.

E perdeu por isso uma noite de somno... coitadinha!

LEONINA.

Perdi, sim, meu padrinho, porque a lição que vossa mercê nos deu, e depois a longa conversação que comigo teve, me convenceram de que uma fraqueza de meus paes me fez representar até hoje na sociedade um papel ridiculo; porque eu ostentei um orgulho que não me assentava; pois agora eu vejo bem que não sou fidalga.

ANASTACIO.

Ah! o juizo vai entrando nessa cabecinha de vento?... Mas porque andas hoje tão melancolica?... pensas que perdeste muito com a baixa da fidalguia?...

LEONINA.

Oh! meu tio, vossa mercê nunca leu no coração de uma moça. Escute: eu sei que muitas vezes o pergaminho de um nobre não póde disfarçar a torpeza de suas acções; sei que outras tantas, o cofre de um millionario é um abysmo cheio de lagrimas derramadas por infelizes, mas a mulher deixa-se sempre deslumbrar por esse ouropel das grandezas e ambiciona o cofre de ouro; porque, com o prestigio da nobreza supplantará as outras mulheres, e com a riqueza terá brilhantes, sedas, palacios, ostentação e luxo!... oh! nós outras somos as escravas da vaidade, e

como todas eu desejava ser bem rica e bem nobre, para humilhar as minhas rivaes!

ANASTACIO.

Muito bem, Leonina, essa confissão franca e sincera te absolve; ao menos não és hypocrita; continúa, que estás fallando perfeitamente.

LEONINA.

Que mais posso dizer-lhe?... esses sonhos ambiciosos acabaram para mim, e d'ora avante cumpre que eu abaixe a cabeça diante das outras senhoras, porque nas sociedades que frequento, a menos nobre sou de certo eu.

ANASTACIO.

Pois levanta a cabeça, menina! porque tu és honesta e pura, e só as senhoras honestas é que são as mais nobres.

LEONINA.

Oh! meu padrinho! o que vossa mercê acaba de dizer é grande e generoso; infelizmente porém, não são todos que pensam assim.

ANASTACIO.

Aquelles que negam a primasia á virtude, são uns miseraveis. Já se foi o tempo em que um sandéu valia mais do que um sabio; um depravado mais do que o homem honesto, quando o homem sabio ou honesto era filho de um sapateiro, e o acaso déra ao depravado ou ao sandéu meia duzia de avós, falsa ou realmente illustres. Não temos senão uma nobreza, a nobreza da constituição, que é a do merecimento e das virtudes. Já não se reconhece privile-

gios, graças a Deus, e as portas das grandezas sociaes estão abertas a todos os que sabem merecel-as : nobre é o estadista que se consagra ao serviço da patria; nobre é o diplomata que sustenta no gabinete a causa do paiz; nobre é o soldado que a-defende no campo de batalha; nobre é o sabio, nobres são todos aquelles que illustram e honram a nação, e nobre é principalmente a virtude, a virtude que é a sublime benemerita aos olhos do Senhor!...

LEONINA.

Oh! e como ha então pessoas que olham com desprezo para um artista? (Com viveza.) O artista não póde tambem chegar a ser nobre, meu padrinho?...

ANASTACIO, á parte.

Como ella vai escorregando para o pintor!... (A Leonina.) O verdadeiro artista já é nobre de si mesmo, Leonina; e a sua nobreza lhe vem de Deus, que accendeu em seu espirito a flamma do genio.

LEONINA.

Oh! meu padrinho! porque não veio a mais tempo de Minas!...

ANASTACIO.

Sim?... estás me fazendo suppôr que já te apaixonaste por algum artista...

LEONINA.

Eu?... eu nunca me apaixonei por homem algum. (Rumor.) Que é isto?... parece-me que senti o ruido que faz alguem, que se approxima...

ANASTACIO, indo aos bambús.

Qual! havia de ser o vento. (A Henrique.) Fica quieto, pintor desastrado!... (Volta.) Continuemos : deixa-te de fingimentos comigo; tu não amas a teu primo, Leonina?...

LEONINA.

Porque não tratamos de outro assumpto, meu padrinho?...

ANASTACIO.

Porque é exactamente deste que eu quero tratar: dize, tu amas a Henrique?...

LEONINA, hesitando.

Não, snr., não.

ANASTACIO.

Mentirosa! e aquelle namoro do Club Fluminense?...

LEONINA.

Foi... foi un namoro, meu padrinho.

ANASTACIO.

Namoro sem amor? não comprehendo.

LEONINA.

Ora! todos o-comprehendem perfeitamente.

ANASTACIO.

Menos minha sobrinha... creio eu.

LEONINA.

Mas porque?... diga.

ANASTACIO.

Porque é principalmente a pureza do coração que torna a donzella quasi um anjo na terra.

LEONINA.

Tem razão; pois bem... eu lhe digo tudo : eu amei... talvez ame ainda Henrique... (Rumor.) Que maldito vento!... (Anastacio vai ao fundo.)

ANASTACIO, a Henrique.

Não ficarás quieto, plebéu de uma figa!... (A Leonina.) Deixa o vento e vamos ao caso : então, amas Henrique...

LEONINA.

Sim, foi o primeiro homem a quem amei, será o ultimo a quem ame; ameio-o, e quantas o-viram invejeram-me o seu amor; mas desde que se soube no Club que elle era pintor e filho de um marceneiro, todas as senhoras riram-se de mim, ou mostraram-se compadecidas do meu erro... a vaidade fallou... e a vaidade fez-me esquecer o amor.

ANASTACIO.

Continúa : desta vez o vento não soprou.

LEONINA.

Agora, tudo está acabado; e esse amor não passa de um sonho bello... suavissimo... e ainda assim... bem triste!

ANASTACIO.

Mas se teu primo ainda te amasse como d'antes?...

LEONINA.

Embora, a vergonha que me acanha e o ressentimento que elle deve guardar, levantaram entre nós uma barreira insuperavel.

ANASTACIO.

Bravo, Leonina!...

LEONINA.

Que estou eu a dizer? oh! meu padrinho, jure-me qu não dirá a meu primo uma só das palavras que m ouviu.

ANASTACIO.

Juro-te um milhão de vezes; mas desconfio muito que elle já saiba tudo...

LEONINA.

Como?...

ANASTACIO.

O vento, Leonina, o vento!...

LEONINA.

Meu Deus!...

HENRIQUE, apparecendo.

Adoro-te, Leonina! adoro-te, como no primeiro dia do nosso amor!...

LEONINA.

Ah! meu padrinho atraiçoou-me.

ANASTACIO.

É a segunda vez que hoje me accusam de traidor... mas... ahi temos comnosco a velha Fabiana com o illustre commendador.

LEONINA.

Oh! que não me encontrem aqui...

HENRIQUE.

Não tenha receio; eu me retiro por este lado... não...

lá vejo o coronel Reinaldo... seguirei esta rua... é impossivel... iria encontrar-me com seus paes, minha senhora...

ANASTACIO.

Em tal caso recolhe-te aos bambús : é o recurso que te resta; e adeus, que me resolvi a jantar com Leonina. (Henriqu eocculta-se.) Vem, menina, fujamos... aquella mulher é a peste. (Vão-se.)

SCENA V

FABIANA, e o COMMENDADOR PEREIRA.

PEREIRA.

Não é tanto assim, minha senhora; convenho em que um homem na minha posição, um millionario, commendador e em vesperas talvez de ser barão, deva despertar as sympathias das senhoras; mas as vezes ellas têm idéas tão extravagantes, que pódem chegar até a desprezar uma personagem da minha ordem, por algum doutorsinho, ou mesmo por um qualquer cousa assim a modo de artista...

FABIANA.

Mas, D. Leonina tem bastante juizo para não cahir em tal : falle-lhe em casamento e verá; eu sou muito amiga de D. Hortensia e sei em que principios educou a filha; D. Leonina é um anjo de virtudes, e o seu unico defeito,

que proveio da educação que recebeu, é ainda uma garantia para o amor de Vossa Excellencia.

PEREIRA.

E qual é esse defeito?...

FABIANA.

Preferir à tudo a riqueza; se Vossa Excellencia fôsse pobre, apezar de todo o seu merecimento, duvido que conseguisse ser amado; rico porém como é, póde contar com o amor de D. Leonina.

PEREIRA.

Sim... até certo ponto ella tem razão; porque emfim, o dinheiro é uma grande cousa; mas... por outro lado... isso não me parece muito lisongeiro...

FABIANA.

Pelo contrario... Olhe, quero contar-lhe em segredo: D. Leonina amava não sei porque ao coronel Reinaldo; o galanteio entre ambos tinha ido já além de certos limites; desde porém que Vossa Excellencia se apresentou como pretendente, o coronel, embora tenha ainda licença para amar, perdeu já a esperança de casamento.

PEREIRA.

Era de prever: desde que se mostrava um homem rico, um commendador, talvez em vesperas de ser barão... mas, pelo que vejo, conta-se comigo...

FABIANA.

Se se conta! D. Leonina não cabe em si de contente: e os paes então! esses estão enthusiasmados: excellente

familia! é o céo que lhe depára este casamento. Snr. commendador, Vossa Excellencia está destinado a ser o salvador desta honrada gente, porque o snr. Mauricio, segundo dizem, deve tanto... tanto... que terá de soffrer alguma horrivel desgraça, se lhe não valer um genro dedicado e generoso.

PEREIRA.

Mas eu penso que um genro não tem obrigação de pagar as dividas do sogro...

FABIANA.

E que ha de fazer Vossa Excellencia, quando sua esposa banhada em pranto lhe pedir que salve a seu pae?... que differença farão em sua fortuna, quarenta ou cincoenta contos de menos?... Deixemos porém isso, arrependo-me até de ter fallado em tal; o que lhe importa saber é que D. Leonina o-ama apaixonadamente.

PEREIRA.

Vossa Excellencia o-assegura com toda a certeza?

FABIANA.

Pois se eu já lhe disse que a garantia do seu amor está na sua riqueza, e nas conveniencias da familia! D. Leonina é uma menina virtuosa, mas bastante interesseira; deseja ser muito rica para gastar, brilhar, e ter sempre a seus pés uma roda de adoradores. É o que eu chamo ter juizo, sinto bem que minha filha não seja assim! Filippa é uma doudinha que se deixa levar sómente pelo merecimento pessoal. Eu sei que ella ama um homem muito

rico, mas a pobre tola abafa a sua paixão com receio de que a-supponham ambiciosa.

PEREIRA.

Sim... até certo ponto Vossa Excellencia tem razão; porque o dinheiro é uma grande cousa; mas tambem sua filha parece ter bom coração.

FABIANA.

Qual! juizo o de D. Leonina, que até se enthusiasma ouvindo fallar em dinheiro; mas... que impertinencia! estou roubando momentos preciosos que pertencem á sua amada; vá, snr. commendador... vá ter com D. Leonina.

PEREIRA.

A companhia de Vossa Excellencia nunca póde ser impertinente.

FABIANA.

Basta de sacrificios... (Empurrando-o docemente.) Vá.. ande...

PEREIRA.

Irei... irei... obedecer tambem é servir. (Vai-se.)

FABIANA.

A paixão céga este homem; mas ainda assim se elle tivesse o que no mundo se chama honra e dignidade, por certo que teria sentido os effeitos do veneno que lhe lancei no coração.

SCENA VI

FABIANA, FREDERICO, e FILIPPA.

FREDERICO.

Acabámos de encontrar D. Leonina com o original do tio de Minas.

FABIANA.

Não falle assim de seu tio, snr. Frederico!

FILIPPA.

Como minha mãe conta com o jogo!

FABIANA.

É porque se trata de uma partida segura.

FILIPPA.

E se apparecer alguem que baralhe as cartas?...

FABIANA.

Ninguem póde baralhal-as. Mauricio está a ponto de ficar de todo perdido. Sei que em breves dias os seus numerosos credores apparecerão decididos a fulminal-o.

FILIPPA.

Porque então não esperamos pelo resultado desse golpe?

FABIANA.

Porque era possivel que o irmão se lembrasse de pagar-lhe as dividas.

FREDERICO.

Como Vossa Excellencia calcula e planeja bem!...

FABIANA.

É um calculo que dura a vinte e cinco annos! é uma divida que tenho de remir e de pagar com uzura; não me peça explicações que não as-darei; aborreço Mauricio e sua mulher e vingo-me em sua filha: se lhe vai aproveitar o meu odio, tanto melhor.

FREDERICO.

Mas o commendador Pereira...

FABIANA.

Hontem em casa de Mauricio, e aqui mesmo ainda ha pouco, disse-lhe tudo, quanto convinha dizer-lhe : mas o commendador é um estupido e não me comprehendeu; ou está prompto a sacrificar até mesmo alguns contos de réis por amor de Leonina. Embora! o nosso plano é infallivel! Aproveitando a confusão do baile de mascaras, na chacara de Mauricio, ás duas horas depois da meia noite levarei D. Leonina para o caramanchão que fica junto da rua; o snr. apparecerá então; dou-lhe minha palavra de honra que a victima do rapto não poderá soltar um grito, e a carruagem que deve estar perto o-levará com ella para onde lhe parecer.

FILIPPA.

E depois, minha mãe?

FABIANA.

Até ahi a deshonra, e logo em seguida virá a miseria. É

a vingança; é a parte que me toca. Depois um casamento inevitavel dará ao snr. Frederico direitos á herança do tio e padrinho da noiva; e tu, Filippa, com uma rival de menos, contarás uma probabilidade de mais para conquistar o commendador.

FREDERICO.

Tudo bem calculado, quem ganha mais no negocio, sou eu; uma bella moça... uma grande herança em perspectiva... (A Fabiana.) Minha senhora, Vossa Excellencia é um anjo!...

FABIANA.

Anjo ou demonio, pouco importa, com tanto que eu consiga o meu fim. Dê-me o seu braço, snr. Frederico; tu, Filippa, insinua-te no espirito do commendador, e trata de fazer acreditar que o coronel Reinaldo ama com ardor a D. Leonina : precisamos de um homem, sobre quem recaiam as primeiras suspeitas immediatamente depois do desapparecimento de Leonina. Até logo. (Vão-se.)

SCENA VII

FILIPPA e logo HENRIQUE, que tem estado occulto.

FILIPPA.

Pois as cartas deste jogo serão por mim baralhadas. Vêr Leonina mulher de Frederico que é moço, elegante e bello!... oh! não, não; muitas e até eu ainda mesmo ca-

sada com o commendador lhe invejariamos a sorte : esse casamento salval-a-hia da deshonra; perca-se portanto, ou pelo menos veja manchada a sua reputação, e fique solteira. Um rapto que se mallogra no momento de executar-se, é de sobra para desacreditar a mulher que se encontra nos braços do raptor... Sim... é isso que deve acontecer; e para que aconteça só me falta um homem... um homem dedicado que eu hei de achar... um homem... que a minha boa fortuna ha de mostrar-me...

HENRIQUE.

Eil-o aqui, senhora!

FILIPPA.

Oh!... o snr. Henrique!

HENRIQUE.

Não percamos tempo nem palavras. Ouvi tudo... eu estava ali... ouvi tudo. Estou no dominio do segredo de sua mãe e do seu; poderia destruir os seus projéctos; quero porém ser complice nelles : sabe que tenho sido profundamente offendido e que devo estar sequioso de vingança. Eu sou o homem de quem precisa. Aceita-me?...

FILIPPA.

Farei chegar ás suas mãos um convite para o baile de mascaras do snr. Mauricio. O snr. procederá de modo que não comprometta minha mãe, e ao arrancar Leonina dos braços do seu raptor, provocará com seus gritos o concurso de testemunhas.

HENRIQUE.

Fal-o-hei melhor do que calcula, minha senhora!

FILIPPA.

A vingança aproximou-nos : unir-nos-ha a complicidade. Adeus, snr., até a noite do baile!...

HENRIQUE.

Até a noite do baile!...

FILIPPA, indo-se.

Oh!... agora estou segura. (Vai-se.)

HENRIQUE.

Baralhastes de mais as cartas do vosso jogo, minha senhora! a partida não será vossa, e menos de vossa mãe : a partida será minha! (Vai-se.)

SCENA VIII

O COMMENDADOR PEREIRA.

PEREIRA.

O snr. Mauricio anda mal de fortuna : isso é tão positivo que ainda ha quatro dias descontei com dez por cento esta letra de trez contos de réis, assignada por elle; não é boa firma, não; mas tem uma filha que vale cem contos com os olhos fechados. Nada tenho com as dividas do pae; o que eu quero é a filha, e ha de ser minha. Segundo ouvi

ha pouco, ella vem esperar aqui D. Hortensia, e eu não hei de perder este ensejo. Vou offerecer-lhe a decantada rosa (tira-a do seio); mas ha de ser uma fineza toda especial. D. Fabiana assegura que a menina é muito interesseira; pois então, apresentar-lhe-hei a rosa em um cartuchinho feito com a letra de trez contos de réis. (Prepara o cartucho.) Aposto que o cartucho produzirá mais effeito do que a rosa? D. Leonina não terá de que envergonhar-se, porque o presente será recebido em particular, e, além disso, não posso admittir que o dinheiro envergonhe a pessoa alguma. Eil-a ahi.

SCENA IX

O COMMENDADOR PEREIRA e LEONINA.

LEONINA.

Esperava encontrar aqui minha mãe.

PEREIRA.

E eu dou-me os parabens por não ter ainda chegado a snra. D. Hortensia : desejava achar-me a sós com Vossa Excellencia para testemunhar-lhe o meu profundo affecto, offerecendo-lhe a palma da belleza. (Apresenta a rosa no cartucho.)

LEONINA, recebendo.

Oh! a rosa! .. (Deita fora o cartucho.)

PEREIRA.

Não deite fóra o cartucho:..... não deite fóra o cartucho!...

LEONINA.

Mas que tem de singular este cartucho?...

PEREIRA, apanhando-o e offerecendo-o de novo.

Minha senhora, é que ha cartucho e cartucho!...

LEONINA, recebendo e á parte.

Querem ver que é um bilhetinho amoroso?..... (Abre.) Oh!!!

PEREIRA.

Perdoe-me Vossa Excellencia... é um simples signal...

LEONINA.

Senhor! ha dous insultos neste indigno papel! ha dous insultos, porque o snr. fez-me corar por meu pae, e porque ousou fazer-me um presente de dinheiro! ha dous insultos... ou não ha insulto algum, porque Vossa Senhoria, snr. commendador, não comprehende quanto respeito se deve a uma senhora. Eis-ahi o seu papel!... eil-o!... vê bem que o não posso rasgar; é uma divida de meu pae.

PEREIRA.

Minha senhora... por quem é...

LEONINA.

Eis-ahi a sua letra! está me queimando os dedos: eil-a ahi! E pois que não a-vem receber, apanhe-a no chão. (Atira á letra ao chão e volta as costas.)

PEREIRA.

Perdão, minha senhora, eu sou um bruto. (Apanha a letra.)

SCENA X

PEREIRA, LEONINA, e HORTENSIA.

HORTENSIA.

Oh! a rosa!... a palma da belleza na mão de Leonina!...

LEONINA.

A rosa?... é verdade... nem della me lembrava!... (Desfolha a rosa.)

HORTENSIA.

Que fazes, minha filha?

LEONINA.

Oh! minha mãe! esta rosa tinha espinhos: feriu-me!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

Sala interior em casa de Mauricio; sempre o mesmo luxo e elegancia; mesa pequena, mas de rico trabalho á direita e um pouco ao fundo. Portas lateraes e ao fundo.

SCENA PRIMEIRA

HORTENSIA e MAURICIO, tendo na mão um livro que logo depois vai collocar sobre a mesa.

MAURICIO.

Não, Hortensia, as illusões desappareceram; a hora da desgraça vai soar para nós; já dissipámos toda a nossa fortuna, e legaremos a Leonina a mais horrivel miseria.

HORTENSIA.

Ora, que andas sempre a sonhar futuros pavorosos!

MAURICIO.

Não, este livro não mente; elle me assignala a ruina e

4.

a vergonha, porque me traz á memoria dividas que não posso pagar; elle me lança em rosto um crime, porque em um momento de desvario ousei vender escravos que tinha hypothecado. Estão aqui vestidos de seda que appareceram em uma só noite; brilhantes e enfeites, que importam em contos de réis. Devo ás lojas de modas, devo aos joalheiros, devo aos tapeceiros, devo as mobilias e o aluguel das nossas casas; devo tudo e a todos! e o que é mais! essa hypotheca, que não sube respeitar, me denuncia um crime de estellionato, e não ha meio de escapar ás suas consequencias.

HORTENSIA.

E choras o que gastaste comigo e com tua filha?

MAURICIO.

Não; mas quando penso que me arruinei para engolfar-me em prazeres que duraram instantes; quando penso, que sacrifiquei o futuro de nossa filha a vãs pretenções que só a vaidade inspirava; maldigo mil vezes a loucura que me arrastou á perdição.

HORTENSIA.

E pretendes lançar-me em rosto essas despezas que sómente agora lastimas?... querias que eu fôsse a bailes e theatros e nelles me apresentasse vestida pobre e miseravelmente, para ficar exposta ao escarneo das senhoras e ao desprezo dos homens?...

MAURICIO.

Eu não me queixo de ti, Hortensia; choro apenas a nossa desgraça e maldigo a minha imprudencia.

HORTENSIA.

Fôra talvez melhor que tivessemos vivido ignorados; que uma vez por outra nos reunissemos com uma ou duas familias da classe baixa, e que em quanto jogasses a bisca com os maridos, eu conversasse sobre receitas de doces com as mulheres?... Não fariamos dividas e teriamos a gloria de casar Leonina com algum empregado de pouco mais ou menos, se escapassemos de casal-a com o filho de algum marceneiro.

MAURICIO.

Hortensia! não assenta bem tanta soberba em quem está batendo ás portas da miseria.

HORTENSIA.

Ora! o que nós estamos é chegando ao dia do triumpho. O commendador se mostra loucamente apaixonado por Leonina...

MAURICIO.

Mas o infame procedimento que teve hontem...

HORTENSIA.

Não pensou no que fez e deu-me a satisfação mais completa. Leonina ha de tornar-se ás boas com elle e eu te asseguro que o commendador nos pedirá nossa filha em casamento no dia dos annos desta.

MAURICIO.

Oh! se isso não fôsse uma nova illusão!

HORTENSIA.

Não o-duvides. O proprio commendador m'o-deu a en-

tender; o que portanto nos cumpre é disfarçar a crise que nos ameaça e salvar as apparencias ainda por alguns dias.

MAURICIO.

Entendo; devemos representar o último acto da comedia da impostura.

SCENA II

MAURICIO, HORTENSIA e ANASTACIO, que fica junto á mesa.

ANASTACIO.

Juntinhos a conversar! os meus dous fidalgos estão de certo desenrolando a sua genealogia : quero aprecial-os de parte. (Vê o livro e abre-o.) Oh! o livro da receita e despeza! isto é uma obra rara e prohibida na casa do desmazelo e da dissipação. (Examina.)

HORTENSIA.

Tratemos da nossa festa : convém que seja de estrondo, e que se falle durante um mez inteiro do baile de mascaras dado em honra dos annos de Leonina.

MAURICIO.

E se esse casamento não se concluir, onde iremos parar, Hortensia?...

ANASTACIO, batendo com o livro sobre a mesa.

Miseravel!...

HORTENSIA, voltando-se.

Meu mano!...

MAURICIO, correndo para o livro.

Oh! leu... sabe tudo!... (Pega no livro.)

ANASTACIO, á parte.

Desgraçado!... desgraçado!... (Outro tom e á parte.) Mas antes assim, meu Deus; eu temia que elle fôsse já um infame, e apenas tem sido um louco; antes assim!

HORTENSIA.

Que tem, meu mano?...

MAURICIO.

Anastacio, eu comprehendo o teu desespero; foi este livro...

ANASTACIO.

E que tenho eu com esse livro?... pela encadernação parece-me obra moderna, e eu só acredito nos autores do seculo passado.

MAURICIO, á parte.

Não leu, ainda bem! (Vai guardar o livro n'um gabinete e volta logo.)

ANASTACIO, á parte.

Cousa singular!... quer me parecer que este meu irmão ainda tem vergonha!

HORTENSIA.

Mas porque motivo entrou tão irritado?..

ANASTACIO.

Porque... porque... ah! querem saber porque?... pois eu lhes conto. Fui visitar uma familia de minha intima amisade, e a quem como a vocês, não via ha dezoito annos, e quando esperava encontrar a prosperidade, encontrei sómente a desgraça e a miseria.

HORTENSIA.

Infelizes!...

ANASTACIO.

Infelizes, não; infeliz é o lavrador que trabalha mezes inteiros e vê n'um dia o vento impetuoso ou a enchente assoladora destruir-lhe as plantações; infeliz é o negociante a quem a tempestade roubou a riqueza, fazendo sossobrar seus navios; infeliz é o proprietario a quem o incendio devorou as casas e a fortuna; mas o perdulario, e o dissipador, victimas sómente do luxo e da vaidade, não têm direito á compaixão dos homens; são entes immoraes, que pervertem a sociedade com o seu máo exemplo, e que merecem o castigo da desgraça.

MAURICIO.

Anastacio... levas a austeridade até o excesso...

ANASTACIO.

Não, eu sou apenas justo: escutem; o meu antigo amigo era empregado publico, tal e qual como és, Mauricio; casara-se com uma senhora que tendo todas as virtudes, tinha tambem e infelizmente o defeito da vaidade e do amor da ostentação... n'esse ponto não sei se elle se pa-

rece comtigo; mas como a ti, Mauricio, tambem sua esposa lhe trouxera em dote uma fortuna modesta; o homem da mediocridade, impellido por sua mulher e por seu proprio gosto, esqueceu a sua esphera, quiz hombrear com os grandes, fruir os prazeres, e ostentar o tratamento dos millionarios, e nem os cuidados do futuro de uma filha que o céo concedêra a esse casal desvairado, puderam arredal-o do caminho da perdição. Os annos fôram correndo nas azas das festas... a fortuna propria foi dissipada... vieram depois as dividas, e finalmente chegou o dia da ruina e do opprobrio. Que dizem vocês a isto?...

HORTENSIA.

É um quadro muito commum hoje em dia.

ANASTACIO.

Quando eu ainda ha pouco chegava á casa dessa triste familia, os credores sahiam della levando os trastes penhorados. Vi soldados á porta, entrei; corri aos meus velhos amigos, oh que destino o seu! o marido ia ser levado para a prisão como estellionatario; a mulher para o hospital, porque havia endoudecido; e a filha... a filha tinha diante de si o desamparo, e perto do desamparo a deshonra e a prostituição!..

MAURICIO.

Meu Deus!

ANASTACIO.

Oh castigo do céo! castigo de Deus!... eram meus amigos; mas foi muito bem merecido!...

HORTENSIA.

Meu mano, eu o-estou desconhecendo!

ANASTACIO.

A razão falla pela minha bocca : um empregado publico que não é rico, que ganha pouco, e vive no seio da opulencia e do fausto, ou rouba ao Estado ou aos particulares; porque ou é malversador, ou contrahe dividas que sabe que não poderá pagar. É verdade ou não, Mauricio?...

MAURICIO.

É verdade!

ANASTACIO.

A mulher casada que impelle seu marido a fazer despezas loucas e superiores aos seus recursos; que para trajar brilhantes vestidos e adornar-se com joias custosas, o-expõe ao opprobrio, ao infortunio, á infamia, não ama a seu marido, desconhece os seus deveres de esposa, não é sómente loûca, é ainda altamente criminosa. É verdade ou não, senhora?...

HORTENSIA.

É verdade.

ANASTACIO.

E se esse homem e essa mulher têm uma filha, e dão-lhe a educação perniciosa do luxo e da vaidade; se lhes matam a innocencia e a-abandonam a mil perigos, atirando-a imprudentemente nas garras de sociedades sem escolha; se esse homem e essa mulher ajudam por tal

modo a corromper o anjo que o céo lhes concedera; esse homem é um pae desnaturado, essa mulher é mãe depravadora. Pae e mãe, que me ouvis, não é verdade?...

MAURICIO.

Oh!...

HORTENSIA.

Meu mano!...

ANASTACIO.

E os resultados desses erros, que são verdadeiros crimes, eil-os ahi no quadro que apresentou a misera familia. Chega um dia em que os credores e a justiça entram na casa da dissipação; os credores apoderam-se dos restos de uma fortuna esbanjada; a justiça arrasta para uma cadêa o homem que perpetrára um delicto infamante; a mulher vendo-se sem pão, sem riqueza, sem fasto, cahe fulminada pelo raio da vaidade e enlouquece; e a filha, a unica victima innocente, acha-se no mundo só, em aban dono, ardendo em desejos de brilhar como d'antes, inve jando as joias, os vestidos, o explendor das outras mulhe res, e ahi vem um perfido seductor, que lhe offerece bailes, theatros, sedas e carruagens, e em troco lhe pede a honra... oh!... a filha do luxo e da vaidade acaba por abrir os braços! a serpente da libertinagem morde-lhe o seio... o anjo da pureza a-desampara, e a desgraçada escreve o seu nome na lista das mulheres perdidas. Pae, que me escutas commovido; mãe, que me olhas espantada, respondei: quem precipitou essa infeliz na vergonha da corrupção?... Dizei!...

HORTENSIA.

Ah!... senhor...

MAURICIO.

Meu irmão... basta!...

ANASTACIO.

Não, ouvi-me até o fim; ninguem deplora essa familia; ninguem della tem piedade. O Estado diz ao empregado publico : « Empregado malversador! mereceste a punição do teu crime. » Os credores bradam-lhe resentidos : « Miseravel, tu nos arrancaste o nosso dinheiro! » A patria volta-se contra a mulher e clama : « Insensata! em tua filha tu me roubaste uma mãe de familia! » E a sociedade repelle a moça infamada, a essa triste filha, a quem não ensinaram a trabalhar, e que preferiu a deshonra com o fausto, á honestidade com o trabalho : e a bella corrompida envelhece; seus encantos murcharam depressa nas orgias da devassidão, e um dia, annos depois, o pae sahe da prisão, a mãe sahe do hospital, e encontram na rua uma mendiga esfarrapada, com o letreiro da prostituição escripto na face, e que lhes estende a mão, pedindo esmola... oh! não volteis o rosto, pae e mãe dissipadores! pae e mãe escravos do luxo e da vaidade! soccorrei a mendiga! soccorrei-a, porque é vossa filha!...

MAURICIO.

Basta!... basta!...

HORTENSIA.

É horrivel!...

ANASTACIO, outro tom.

E que têm vocês com isto?... estarão porventura no mesmo caso?...

HORTENSIA.

Oh!... não... não... mas temos uma filha, e o quadro foi medonho.

ANASTACIO.

Pois corrijam-se dos seus erros, se ainda é tempo. Mauricio, a ostentação e o luxo com que tua familia se apresenta, desabonam o teu credito; toda essa gente que frequenta hoje a tua casa; todos esses figurões que te festejam, hão de desapparecer e abandonar-te na hora da adversidade. Mana Hortensia, é simples o segredo da felicidade: quando por acaso nos sentirmos entristecer por não poder gozar os prazeres que gozam os que são mais ricos do que nós, basta que olhando para baixo, contemplemos aquelles que ainda pódem menos do que nós.

MAURICIO.

Tem razão... nós nos corrigiremos...

HORTENSIA.

O mano deu-nos uma lição proveitosa; fallou-nos com o coração e ha de ver o seu triumpho.

ANASTACIO.

Ainda bem; e principiem a ter juizo desde hoje..

MAURICIO.

Sim... nada mais de ridiculas pretenções...

HORTENSIA.

Nada mais de falsas amizades; nada mais de vaidades...

SCENA III

MAURICIO, HORTENSIA, ANASTACIO, e PETIT.

PETIT.

Excellentissimas baron e baroneza do Rio Mirim!

HORTENSIA.

A baroneza!... ah! eu vou immediatamente... (Vai-se.)

ANASTACIO.

Maldita baroneza! oh mana... oüça primeiro...

MAURICIO.

O senhor barão! depressa a receber Sua Excellencia. (Vai-se.)

SCENA IV

ANASTACIO, e PETIT, ao fundo.

ANASTACIO.

Mauricio! qual! deixaram-me por amor dos barões Mirins! Perdi a minha rhetorica, e está decidido que meu

irmão precisa receber uma lição amarga e rude. Desgraçados! debatendo-se já no fundo do abysmo, e tão cegos e tão vaidosos ainda! Oh! é esta sociedade envenenada e corrupta que estraga todos os corações! é esta sociedade que deixando-se escravisar pela paixão do luxo, sacrifica todos os sentimentos e todas as considerações ao ouro; devorada por esta paixão funesta, prefere o ouro á sabedoria, o ouro á honra, o ouro á virtude! é ella que despreza o vestidinho branco da senhora pobre, mas honesta, pelas sedas e pelos velludos das grandes libertinas! é ella que ensina a abafar o pudor, e a menosprezar a propria reputação para satisfazer a paixão do luxo... sim! é uma sociedade depravada, que zomba e ri da consciencia, da lealdade, da justiça, da patria, de Deus, e que violenta se arroja pela estrada da desmoralisação, tendo na mente uma unica idéa — ouro! ouro! ouro! — (Vendo Petit.) Que fazes tu aqui?... estavas ouvindo o que eu dizia, não?...

PETIT.

Oh! non póde ser; eu non entende portuguez.

ANASTACIO.

Que temos então?...

PETIT.

Um cavalleire *comme il faut* quer falla com monsieur Anastace palavra particular.

ANASTACIO.

Conduze-o para esta sala. (Vai-se Petit.) Quem será?... uma palavra em particular?... não tenho negocios na côrte

e mesmo já perdi as minhas antigas relações. Sou inimigo de segredos e de mysterios; gosto da franqueza, que é a arma do justo, e me acho de muito máo humor para soffrer segredinhos de homem. Diabo!... deixem o cochichar para as senhoras que gostam de fallar com a boca fechada.

SCENA V

ANASTACIO e HENRIQUE.

ANASTACIO.

Henrique!... tu aqui?...

HENRIQUE.

É verdade, meu tio; desde hontem que vossa mercê não apparece, e eu precisava absolutamente fallar-lhe. Foi necessario que se désse uma circumstancia bem grave para que eu ousasse entrar nesta casa.

ANASTACIO.

Pois então senta-te. (Senta-se.)

HENRIQUE.

Não, meu tio; fallarei de pé e depressa, porque devo retirar-me antes que me encontrem aqui, e que me lancem para fóra.

ANASTACIO.

Lançarem-te para fóra?!! e não vês que sahiriam dous ao mesmo tempo?...

HENRIQUE.

Embora, ou ainda por essa razão.

ANASTACIO.

Nesse caso falla de pé; mas eu fico sentado.

HENRIQUE.

Meu tio, desde hontem que se prepara uma trama infernal contra minha infeliz prima...

ANASTACIO.

Eu logo adivinhei que tua prima entrava na historia.

HENRIQUE.

Trata-se nada menos que de perpetrar um rapto..

ANASTACIO, de pé.

E a victima?... quem é?...

HENRIQUE.

Minha prima.

ANASTACIO.

Leonina?... será possivel!... (Outro tom e sentando-se.) Vamos adiante; continúa.

HENRIQUE.

A victima deve pois ser minha prima... Ouviu, meu tio? Leonina... minha prima...

ANASTACIO.

Sim, tua prima : ouvi perfeitamente.

HENRIQUE.

E póde estar ouvindo com essa frieza?...

ANASTACIO.

Henrique, em regra geral nunca se furta uma moça senão quando ella se deixa furtar.

HENRIQUE.

E então...

ANASTACIO.

E então, quem não é seu pae, nem sua mãe, e apenas seu namorado, deixa-a ir com o raptor, que por fim de contas é o mais enganado, porque julgando levar comsigo um thesouro precioso, apenas carrega ás costas um sacco de moeda falsa.

HENRIQUE.

Mas é que meu tio ignora as circumstancias...

ANASTACIO.

Pois vamos a ellas.

HENRIQUE.

No baile de mascaras, que vai dar-se na chacara de meus tios, ás duas horas da noite, Leonina será attrahida para um caramanchão, que fica junto de uma rua deserta; ahi dous mascaras atirar-se-hão sobre a infeliz, abafarão seus gritos e arrastando-a para uma carruagem, que estará perto, um dos mascaras desapparecerá com ella.

ANASTACIO.

E esses mascaras serão uma mulher perversa e um homem libertino: Fabiana e Frederico, não é assim?...

HENRIQUE.

Exactamente: mas quem lh'o-disse?

ANASTACIO.

Eu o-tinha previsto... Miseravel!... Como descobriste este segredo?...

HENRIQUE.

Sorprehendi-o, quando me deixou occulto atraz dos bambús, no Jardim Botanico; sorprehendi-o, e opportunamente me offereci á filha de D. Fabiana, que pedia á sua boa fortuna um complice, que impedisse a realisação do rapto ao tempo em que o escandalo fôsse já bastante para manchar o credito de Leonina.

ANASTACIO.

Tens em tuas mãos os fios dessa trama criminosa : qual é o teu proposito?...

HENRIQUE.

Vim consultal-o sobre isso. No meu pensamento brilhou a idéa de uma nobre vingança; lembrou-me que podia abater a soberba de meus tios, forçando-os a reconhecer-se devedores da salvação de sua filha a aquelle que tão indignamente desprezaram...

ANASTACIO.

Pobre plebéu! haviam de dizer-te que as vezes tambem um naufrago póde ficar devendo a vida a um cão da Terra-Nova.

HENRIQUE.

Ainda não acabei. Lembrou-me depois, que eu deveria apresentar-me hoje aqui, e patenteando o crime projectado, e nomeando os criminosos, dizer a meus tios: « Eis ahi

as brilhantes relações de que vos ufanais! eis a vossa sociedade, sociedade que arremeda o que não é! eis ahi os vossos falsos nobres, ridiculas caricaturas d'aquelles, com quem procuram confundir-se; eil-os! são infames réos de policia, são... »

ANASTACIO.

Tempo perdido! os taes figurões chamar-te-hiam calumniador e Mauricio correria a dar um abraço a Frederico; Hortensia a trocar um beijo com D. Fabiana, e um criado viria mostrar-te a porta da rua.

HENRIQUE.

Mas tambem nenhum desses pensamentos foi aceito pelo meu coração : em qualquer delles transpirava um desejo de vingança, generosa embora, e a vingança, oh!... não cabe em um coração que está cheio de amor! Meu tio, eu quero salvar Leonina, mas quero salval-a sem que uma suspeita, uma simples duvida possa deixar a mais leve nuvem no limpido céo da sua vida... quero salval-a, ficando para todos immaculada a sua pureza; quero salval-a sem que ella o-perceba, sem que se falle no seu nome, sem que ella tenha de corar ante a idéa do attentado, de que hia ser victima; quero salval-a, como um pae salvaria sua filha!... não quero nem o abatimento da soberba, nem a confusão do crime, nem a vingança, nem a gratidão; quero a reputação de Leonina intacta, e o seu nome sahindo de todos os labios que o-pronunciarem, suave como uma harmonia de Haydn, puro e celeste como a oração de um anjo.

ANASTACIO.

Excellentemente; mas havemos de levar ao fim a obra modificando um pouco as tuas idéas poeticas. Já fui delegado de policia em Minas, e quando me denunciavam que se pretendia commetter algum roubo, a minha regra era apanhar os ladrões com a mão na ratoeira.

HENRIQUE.

Mas se um descuido qualquer...

ANASTACIO.

Já cumpriste o teu dever; o cumprimento do meu começa agora. Has de dar-me amanhã algumas lições de baile mascarado. Uma difficuldade unica me embaraça... Como hei de eu tolerar a presença desses tratantes, que vêm hoje aqui jantar?... Já, porém, que é preciso fingir, já que no meio desta gente sem fé, os proprios homens honestos devem as vezes trazer uma boa mascara no rosto, verão para quanto presta este velho roceiro!

SCENA VI

ANASTACIO, HENRIQUE, e LEONINA.

LEONINA.

Meu padrinho... meu padrinho... (Vendo Henrique.) Ah!...

ANASTACIO.

Assustou-se?... pois o rapaz não é feio.

HENRIQUE.

Minha senhora...

LEONINA.

Perdão, eu pensava que meu padrinho estava só.

ANASTACIO.

Mas achaste-me bem acompanhado, o que é ainda melhor. Que é isto?... parece que choraste, Leonina?...

LEONINA.

Não... não chorei...

HENRIQUE.

Eu me retiro... (Anastacio o-suspende, segurando-lhe na mão.)

ANASTACIO.

Vieste para confiar-me um segredo, pódes fallar; em vez de um, tens a teu lado dous amigos.

LEONINA.

Meu padrinho...

HENRIQUE.

Eu a-deixo em liberdade, minha senhora; sei bem que não tenho direito algum á sua confiança... (Indo-se.)

ANASTACIO.

Tu o-deixas ir, Leonina?...

LEONINA.

Senhor... meu primo, fique.

ANASTACIO, á parte.

Como tenho domesticado este bichinho!... (A Leonina.) Falla...

LEONINA.

Ah! meu padrinho... tenta-se contra a minha felicidade, contra o futuro da minha vida...

ANASTACIO.

Como?...

LEONINA.

Querem casar-me com um homem grosseiro e mào, cuja unica recommendação è a riqueza...

HENRIQUE, á parte.

Meu Deus!

ANASTACIO.

O commendador Pereira...

LEONINA.

Elle mesmo!

ANASTACIO.

Que dizes tu a isto, Henrique?...

HENRIQUE.

Meu tio!

LEONINA.

Meu padrinho!

ANASTACIO.

Creio que ninguem se lembrará de casar-te contra a tua vontade, e menos de te impôr á força um marido...

LEONINA.

Oh! mas meu pae pede, minha mãe chora, e um pae que pede, obriga: uma mãe que chora, impõe!...

ANASTACIO.

E além disso trata-se de um fidalgo da gemma; e um fidalgo, ainda que seja estupido, grosseiro, e ainda mesmo tratante, é sempre um fidalgo, minha afilhada!

HENRIQUE.

Senhor... meu tio... attenda que ella chora!...

LEONINA.

Veja, meu primo, elle zomba de mim, quando as lagrimas correm de meus olhos!

ANASTACIO.

Tens razão; fui máo : oh! mas nunca hei de consentir que te façam desgraçada! Leonina, enxuga esse pranto... não quero que chores! os teus olhos não devem chorar; olha-me, olha-me bem! sabes?... o teu rosto tem um encanto indizivel para mim. Tu tens o rosto de minha mãe, Leonina! velho, ainda me lembro daquelle anjo de amor e de virtudes... oh!... e lembra-me tambem meu pae, que morrendo nos meus braços, me recommendou Mauricio, meu irmão mais moço, e me pediu que por minha vez fôsse para elle um pae!... (Commovido.) Oh bom e honrado homem, que hoje gozas a bemaventurança do céo! oh meu pae!... eu cumprirei à risca a tua ultima e santa vontade! Leonina é a filha de teu filho!... é o retrato de minha mãe... não ha de ser, não quero que seja desgraçada!... (Com ternura.) Leonina! és tambem minha filha!... e para fazer-te feliz, eu tenho um thesouro de amor neste

seio, que se abre para receber-te... vem! Leonina! minha afilhada! minha filha!... (Aperta Leonina nos braços.)

LEONINA.

Oh!... meu padrinho!...

HENRIQUE.

Que coração o deste homem, meu Deus!

ANASTACIO, soluçando.

Eis ahi! creio que estou chorando!... mas como é doce o abraçar-te, Leonina! não achas que deve ser muito agradavel, Henrique?... e querem fazer-te desgraçada, bella menina?... pela alma de meu pae, juro que não!

LEONINA.

Ouço vozes... (Observa.) Ah! meu padrinho, contenha-se: ahi vem todos os nossos amigos para o jantar.

HENRIQUE.

E vão encontrar-me aqui... é um verdadeiro vexame para mim!

ANASTACIO.

Entra para o meu quarto e espera. (Leva até a porta do quarto a Henrique que entra.) Ora vejam com quem queriam casar minha afilhada!... (Observando.)

SCENA VII

ANASTACIO, LEONINA, MAURICIO, HORTENSIA, FABIANA, FILIPPA, FREDERICO, PEREIRA, REINALDO, e LUCIA.

VOZES.

Senhôr Anastacio!... (Comprimentam-o.)

ANASTACIO.

Minhas senhoras... meus senhores... (Á parte.) Devo estar com uma cara de enforcado : a presença desta gente irrita-me.

HORTENSIA.

Meu mano, os nossos amigos vêm dar-nos o prazer de jantar hoje comnosco para obsequial-o...

FABIANA.

A nossa maior ambição é a conquista da sua amizade.

ANASTACIO.

A minha amizade, Excellentissima... (Á parte.) Eu não offereço a minha amizade a esta furia, nem que me serrem!

FILIPPA.

A sua amizade é um thesouro que todos desejamos possuir.

FREDERICO.

E eu muito particularmente.

ANASTACIO.

Por quem são... os senhores confundem-me .. (Á parte.) Está visto... eu não posso fingir...

REINALDO.

Eu cá sou amigo velho. (Dá a mão a Anastacio, que deixa apertar á sua friamente.)

PEREIRA.

E eu desejo merecer um titulo igual. (Á parte.) Este homem não tem espirito.

ANASTACIO, á parte.

Reconheço-me incapaz de dizer duas palavras; mas emfim, é indispensavel rebentar com alguma cousa. (A todos.) Eu... eu sou um agreste roceiro que não presta para nada... (Á parte.) Até aqui vou bem. (A todos.) Porém... ainda assim... protesto e juro á Vossas Excellencias e Senhorias... (A Leonina.) É assim que se diz, Leonina?... (A todos.) Protesto e juro... que sou... que serei... (Á parte.) Qual! protestar-lhes a minha amizade, não me sahe da bocca. (A todos.) Sim... que fui, sou, e serei sempre um bom amigo, bem entendido, de quem merecer a minha amizade.

FREDERICO.

E nós faremos tudo por tornar-nos dignos della.

MAURICIO.

Desde muito que o são : eu respondo pelo reconhecimento de Anastacio.

ANASTACIO.

Menos essa! ninguem responde por mim... quero dizer... que... meu irmão falla muito bem a linguagem cá da cidade, e eu... roceiro, velho e rude... tenho um modo de fallar que não agrada a todos... mas tal como sou, aprecio devidamente... (Á parte.) Elles hão de pensar que eu sou um estupido... pois que pensem! (A todos.) E os senhores pódem ficar certos de que... eu já os-conheço tanto... que declaro... sim declaro... (Á parte.) Ora viva! eu vou declarar o diabo! (A todos.) Declaro...

SCENA VIII

Os PRECEDENTES, e PETIT, da porta do fundo.

PETIT.

Madame est servie. (Vai-se.)

ANASTACIO, indo a Petit.

Abençoado sejas tu, Petit de uma figa.

HORTENSIA.

Vamos jantar; snr. coronel, o seu braço. (Toma-lhe o braço.) Leonina, pede o braço ao snr. commendador...

ANASTACIO.

Não é possivel; Leonina já está engajada comigo. (A Leonina.) É engajada que se diz, não é, Leonina?...

HORTENSIA, a Reinaldo.

Meu cunhado é um homem muito vexado. (Vão sahindo.)

REINALDO, a Hortensia.

Pois olhe, não era assim no outro tempo. (Sahem.)

FABIANA, tomando o braço de Pereira.

É um original!

PEREIRA, a Fabiana.

Não tem espirito... parece-me até idiota. (Sahem.)

MAURICIO, dando o braço a Filippa.

Venha meu irmão. (Sahem e Frederico com Lucia.)

ANASTACIO.

Eu já os-sigo; quero dizer primeiro uma palavra a Leonina. (Á parte.) Este jantar de hoje não me passa da garganta.

SCENA IX

ANASTACIO, LEONINA, e logo HENRIQUE.

LEONINA.

Que me quer dizer, meu padrinho?...

ANASTACIO.

Eu, nada. Quero despedir-me de Henrique. (Vai á porta do quarto.) Agora pódes sahir; e até logo.

HENRIQUE.

Adeus, meu tio; minha... prima... (Comprimenta-a.)

ANASTACIO.

Então como é isso?... não lhe dás a mão, Leonina?... (Leonina dá a mão, e Henrique a-beija com ardor.) Bravo! agora sim : jantarei como um frade, e vou até fazer uma saude ao commendador Pereira. (Vão-se.)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

Jardim espaçoso e todo illuminado; ao fundo uma casa de campo de bella apparencia, assobradada e com escadaria na frente; pelas janellas abertas vê-se brilhar as luzes; bancos de relva no jardim: á esquerda um caramanchão coberto de jasmins; perto delle um portão de grades de ferro.

SCENA PRIMEIRA

Ha um baile de mascaras; musica, e ruido de festa; os mascaras sóbem e descem pela escadaria, e apparecem ás janellas; dirigem-se uns aos outros. DOUS MASCARAS; o primeiro sentado em um banco, o segundo chega e pousa-lhe a mão no hombro.

SEGUNDO MASCARA.

Bello mascara, porque deixaste o baile?.. esperas ou descansas?...

PRIMEIRO MASCARA.

A esperança é fallaz como a mulher, e o descanso é o

marido fidelissimo da preguiça : aborreço-os a ambos : não espero, nem descanso.

SEGUNDO MASCARA.

Dá-me então o segredo de tua vida...

PRIMEIRO MASCARA.

Medito sempre e ainda mesmo quando trago uma mascara no rosto. Agora estava pensando na grande loucura de um baile de mascaras, e procurava determinar com certeza quem é a pessoa que o baile em que estamos, assignala, como tendo menos juizo.

SEGUNDO MASCARA.

Isso não tem que vêr, é o dono da casa.

PRIMEIRO MASCARA.

Pois enganas-te : é o credor ou são os credores do festeiro, que provavelmente nunca mais tornarão a vêr o cunho do dinheiro que emprestaram para as despezas da festa.

SEGUNDO MASCARA.

És má lingua, e te levantas contra o santo, e contra a esmola.

PRIMEIRO MASCARA.

Esquecia-me dizer-te, que ha meia hora perdi um conto de réis ao lansquenet! parei na dama de copas, que dez vezes consecutivas deixou-se cahir no lado direito!... Oh!... dama constante assim, é a primeira vez que encontro!

SEGUNDO MASCARA.

E achas que deves desforrar-te no dono da casa?...

PRIMEIRO MASCARA.

Desforrar-me?!! pronunciaste uma palavra de bom agouro: voltemos ao baile, e na sala do jogo paremos de parceria na primeira carta...

SEGUNDO MASCARA.

Menos se a carta fôr alguma dama, porque as damas...

SCENA II

Os DOUS MASCARAS, que logo se retiram; FABIANA, FILIPPA, FREDERICO e todos mascarados.

FILIPPA.

Fazem o martyrio dos tolos; não é assim, bello mascara?...

SEGUNDO MASCARA.

Eil-as comigo: imagens mundanas, fugité!... (Vai-se.)

PRIMEIRO MASCARA.

Trez! má conta: um sonha; dous suspiram; trez conspiram! (Vai-se.)

FABIANA.

Que horrivel calor faz lá dentro! (tiram as mascaras Conversemos ao menos alguns instantes aqui no jardim.

FREDERICO.

Parece-me ter achado Vossa Excellencia um pouco pensativa?... sobreviria algum contratempo?...

FABIANA.

Não; tudo vai bem. Um pouco antes das duas horas da noite, D. Leonina sentirá a cabeça pesada e um somno irresistivel, e acompanhar-me-ha ao jardim para adormecer logo depois naquelle caramanchão.

FILIPPA.

Mas a explicação desse somno?

FABIANA.

Está encerrada nesta caixinha de pastilhas. (Mostra-a.)

FILIPPA.

Oh! minha mãe...

FABIANA.

O fim justifica os meios : além disso ha de ser um somno de uma ou duas horas e nada mais.

FREDERICO.

E dormirá reclinada sobre o meu seio...

FABIANA.

E despertará com o movimento da carruagem. (A Filippa.) Mas pela tua parte, que tens feito, insigne medrosa?...

FILIPPA.

Nada; o commendador acha-se possuido da mais acerba

melancolia, e lança olhares fulminadores sobre o coronel Reinaldo, a quem suppõe um rival preferido...

FABIANA.

Melhor; tornar-se-ha portanto mas verosimil uma fuga do que um rapto; e o coronel Reinaldo receberá daqui a pouco uma carta que o-fará deixar o baile inesperadamente, dando-me occasião de fazer sobre elle recahir as primeiras suspeitas do attentado, emquanto o snr. Frederico se põe a salvo. (A Frederico.) E a carruagem?...

FREDERICO.

Já está no lugar determinado.

FABIANA.

O cocheiro?...

FREDERICO.

Respondo por elle.

FABIANA.

Tudo corre á medida dos nossos desejos : até o velho roceiro teimou em não ficar para o baile.

FREDERICO.

Coitado! apenas acabou de jantar, deitou a correr para a cidade antes que apparecesse algum mascara : é um montanhez lá de Minas, que ainda tem medo de mascaras!

FILIPPA.

Foi uma pena que não ficasse, tomal-o-hia á minha conta a noite toda.

FABIANA.

E eu digo que foi muito melhor que se tivesse ido embora. Snr. Frederico, que horas são?...

SCENA III

FABIANA, FILIPPA, FREDERICO, e ANASTACIO, vestido de dominó preto; os trez põem as mascaras.

ANASTACIO.

É meia noite.

FILIPPA.

Que voz! pareceu-me ouvir o sino grande de S. Francisco de Paula dando horas.

FREDERICO.

Bello mascara, quem és tu?...

FABIANA.

Qual bello! quem ès tu, feio mascara?

ANASTACIO.

Todos pódem dizer o que fôram; poucos o que são; nenhum o que hà de vir a ser. O que eu fui, não vos importa; o que eu sou agora, acabastes de testemunhar; sou o chronometro vivo que vos annuncia a hora que desejais saber; o que eu hei de ser ainda hoje... vel-o-heis.

FREDERICO.

Bravo! é un dominó que toca o sublime.

FABIANA.

Mas estás me fazendo raiva; porque sou obrigada a reconhecer que és o primeiro mascara do baile.

ANASTACIO.

Não te desconsoles; tu és a primeira mascara do mundo.

FABIANA.

Senhor!...

FREDERICO, dando um passo.

Dominó, confundes o espirito com o insulto!...

ANASTACIO.

A's vezes, quando a verdade póde ser um insulto...

FABIANA, a Frederico.

Voltemos á sala... este homem assusta-me...

FILIPPA, tomando o braço de Frederico.

Venha, snr. Frederico, venha...

FREDERICO, voltando a cabeça para traz.

Encontrar-nos-hemos de novo, não?... (Vão-se.)

ANASTACIO, seguindo-o.

Máo grado vosso, palavra de honra que sim!...

SCENA IV

MAURICIO e HORTENSIA. (A musica toca uma walsa brilhante; movimento de mascaras. Anastacio, que tem ido até a escadaria, pára, vendo Mauricio e Hortensia; volta, observa-os um momento á distancia, e retira-se para um dos lados até encobrir-se).

HORTENSIA.

Mauricio... meu amigo...

MAURICIO.

Deixa-me fugir dessa multidão que me exaspera! eu tenho a morte no coração, Hortensia.

HORTENSIA.

Silencio... cuidado... (olhando) talvez nos escutem, Mauricio

MAURICIO, olhando.

Não... estamos sós... livres de todos... menos da desgraça; sabes que recebi hoje uma carta em que o meu principal credor me previne de que amanhã ao meio dia em ponto se apresentará para receber quinze contos de réis ou para entregar-me á justiça, como um vil estellionatario?... pois bem : ainda ha pouco no meio da confusão e do tumulto, uma voz soou a meus ouvidos, e disseme : « Amanhã ao meio dia, Mauricio!... »

HORTENSIA.

E essa voz...

MAURICIO.

Não sei de quem foi : olhei e vi-me rodeado de mascaras; ouvi zombarias e gargalhadas : zombariam de mim?... rir-se-hiam de mim, Hortensia?... oh! isto é horrivel!... Estas musicas soam a meus ouvidos como um canto infernal; este ruido me ensurdece... eu enlouqueço!... Hortensia!... Hortensia!.. dize-me uma palavra de esperança... uma palavra que me faça esquecer essa ameaça sinistra : « Amanhã ao meio dia, Mauricio!... »

HORTENSIA.

A nossa situação tornou-se realmente grave : Leonin tem desde hontem tratado com azedume e até com desprezo ao commendador...

MAURICIO.

Meu Deus! e que recurso então nos resta?...

HORTENSIA.

Lancei mão do ultimo. Acabo de expôr á nossa filha as circumstancias desesperadas em que nos achamos; appellei para a sua generosidade, e conto vencer a sua repugnancia : pediu-me dez minutos para reflectir, e eu corro, porque é tempo de receber a sua resposta afim de communical-a já ao commendador.

MAURICIO.

O sacrificio da vida inteira e da felicidade de Leonina?... oh! o luxo! a vaidade! eis ahi as suas consequencias!...

HORTENSIA.

Nossa filha ha de ser feliz, eu te affianço...

MAURICIO.

Não pareces mãe, Hortensia!...

HORTENSIA.

Mauricio! é a primeira vez que me maltratas...

MAURICIO.

Oh! perdoa-me! eu não sei o que digo... minha cabeça desgoverna... salva-me, Hortensia...

HORTENSIA.

Socega e confia em mim; mas onde encontrarei agora Leonina?...

SCENA V

MAURICIO, HORTENSIA, e ANASTACIO, sempre de dominó.

ANASTACIO.

Meditando e a chorar junto á ultima janella da galeria. (Vai-se.)

MAURICIO.

Esta voz!... quem é este mascara?...

HORTENSIA.

Sabel-o-hemos depois; agora cumpre salvar-nos. (Vai-se.

SCENA VI

MAURICIO, só. — Continúa a musica alegre.

A musica sôa festiva e alegre! as luzes brilham! admira-se em toda parte o luxo, a riqueza, o fausto e a magnificencia do baile... tudo isto partiu de mim, e eu sou mais pobre do que o ultimo mendigo!... hoje a festa... e amanhã ao meio dia a miseria e o opprobrio!... oh! e medroso do infortunio que eu preparei por minhas mãos; aterrado pela idéa do mais justo castigo; eu, no meio das musicas estridentes, do ruido da alegria, do movimento jubiloso de todos, eu, pae desnaturado e máo, consinto que vão arrojar minha filha no abysmo que cavei debaixo de meus pés!... minha filha!... Leonina!... misericordia, meu Deus! sou vil, sou infame, reneguei, desprezei meus parentes... reneguei a honra e a virtude, e ainda vou renegar minha filha!... sinto as ancias do seu coração, vejo as lagrimas dos seus olhos, e ainda assim com as minhas mãos arrasto-a para o altar do sacrificio... oh! não!... não! este crime, esta abominação, este sacrilegio não se ha de realisar... não quero... não! não! (Partindo.)

SCENA VII

MAURICIO, que logo se retira, e ANASTACIO.

ANASTACIO.

É tarde : Leonina deixou-se vencer por sua mãe.

MAURICIO.

Não! não!... não é tarde nunca para correr um pae a salvar sua filha!... (Vai-se.)

ANASTACIO.

Vae, desgraçado, vae : a obra é tua, não tens portanto que maldizel-a : vae! enxuga e esconde as tuas lagrimas, esmaga o teu coração e ri, e ri mil vezes aos olhos dessa sociedade mentirosa, em que quasi todos são victimas, e quasi todos querem parecer triumphadores!... Oh! que sociedade! ali dentro daquellas salas ha homens que soltam gargalhadas e que têm no seio o fogo do inferno; ha mulheres que se festejam e desejariam poder dilacerar-se; ha moças que se estão beijando e que têm vontade de morder-se; ali dentro a inveja derrama veneno, a traição forja cilladas, a calumnia despedaça reputações, a corrupção se propaga, a hypocrisia triumpha, e melhor, e mais sublime que tudo isso, a miseria contradansa e o calotismo dansa a polka! oh, que mundo do diabo! (Sente passos.) Quem vem lá?... é ella. (Vai-se.)

SCENA VIII

LEONINA, só.

Está lavrada a minha sentença... meu Deus! não ha mais riso para meus labios, nem felicidade para o meu coração. Mascara! mascara! não me deixes mais: agora tu és o meu unico recurso. A desgraça feriu meus paes, um crime vergonhoso está a ponto de deshonral-os... oh!... não ha que exitar... é preciso que eu me sacrifique para salval-os. Coragem! ha por ahi tantas como eu vou ser... animo! mas, meu Deus, é muito!... uma vida inteira é muito!... Oh! meu Deus, manda-me um anjo que me salve!

SCENA IX

LEONINA e HENRIQUE. — Ambos têm as mascaras nas mãos.

HENRIQUE.

Leonina!

LEONINA.

Eu te pedia um anjo, meu Deus!...

HENRIQUE.

Oh! o amor as vezes é quasi um anjo, porque o amor puro e santo é todo cheio de influxo divino!... Leonina, eu amo!

LEONINA.

Não m'o-diga, não... agora é muito tarde, para quem a tempo não quiz ouvil-o! não é um anjo, não, meu primo! Para mim o snr. é um remorso! ah! eu estou no caso dos moribundos, que uma hora antes de expirar pedem perdão a aquelles a quem offenderam; perdão, Henrique!...

HENRIQUE.

Leonina, coragem!... nós seremos ainda felizes...

LEONINA.

Impossivel!...

HENRIQUE.

A idéa do impossivel é quasi um sacrilegio : a esperança sómente se apaga na alma do athêo.

LEONINA.

Mas quando o proprio dever e o mesmo Deus ordenam o sacrificio de uma vida inteira... quando para salvar seus paes o unico recurso que tem uma pobre filha é aceitar a mão de um homem que detesta... quando...

HENRIQUE.

Não diga mais... eu sei... eu adivinho tudo... o rubor de suas faces revela o que lhe parece um segredo, e o que ninguem ignora... Leonina... vão condemnal-a a uma desventura eterna... e eu lhe offerecia no meu coração um altar de amor... Leonina!...

LEONINA.

E para sentar-me nesse altar, Henrique, já que o-sabe,

lembre que eu precisaria fazer um degráo da honra de meus paes!... um homem se apresenta para salval-os... atiro-me nos seus braços... não! não! eu abraço-me sómente com a salvação meus paes!...

HENRIQUE.

Tem razão, é assim mesmo; o santo amor de filha que lhe aconselha tanta abnegação, a-engrandece ainda a meus olhos. Tem razão : procede, como deve. Oh! vã philosophia que zombas do poder do ouro! reconhece um tal poder e curva-te diante delle!... eil-o!... aqui está o ouro comprando uma mulher, e uma mulher vendendo-se nobremente ao ouro por amor da virtude!

LEONINA.

Meu primo!...

HENRIQUE.

Miseravel orgulho de artista!... artista!... de que te vale essa palheta, que amas como um sceptro, essa gloria, com que sonhas incessantemente? de que te vale o genio, artista?... Oh!... quem me dá um cofre de ouro por essa palheta, que me custou tantos annos de fadigas? quem me dá um cofre de ouro pela gloria de meus sonhos, pelo talento que me inflamma?... Oh! vãs chimeras!... a gloria é uma illusão! o talento é nada! o genio é a tunica de Nesso, o merecimento, a probidade, a sabedoria são mentiras : ha só uma grande verdade; é o ouro!

SCENA X

LEONINA, HENRIQUE, e ANASTACIO.

ANASTACIO.

Blasphemias!... ha só uma grande verdade, é Deus; e por Deus são verdades o genio, o merecimento, a probidade e a sabedoria.

LEONINA.

Meu tio!

HENRIQUE.

Salve-nos, meu tio! quem nos reconciliou, quem nos animou com suaves esperanças, deve salvar-nos.

ANASTACIO.

E hei de salval-os. Não sahi de Minas para assistir ao casamento de minha sobrinha com o commendador Pereira.

LEONINA.

Que hei de fazer... ensine-me?...

ANASTACIO.

Resiste.

LEONINA.

Mas eu já dei o meu consentimento a minha mãe...

ANASTACIO.

Resiste.

HENRIQUE.

Ainda é tempo, vá retirar a sua palavra.

LEONINA.

É tarde!... eil-os ahi..... (Anastacio e Henrique pòem as mascaras.)

HENRIQUE.

Lembre-se do nosso amor, minha prima.

LEONINA.

Oh! e meu pae?... e meu pae?

ANASTACIO.

Resiste. (Vão-se Anastacio e Henrique.)

SCENA XI

LEONINA, MAURICIO, HORTENSIA, PEREIRA, FABIANA, FREDERICO, FILIPPA, REINALDO, e LUCIA.

REINALDO.

Festa sublime e inimitavel! mas foi o diabo; apezar do meu disfarce conheceram-me logo pelo arreganho militar.

PEREIRA, á parte.

Se eu fôsse ministro da guerra havia de reformar este coronel em cabo de esquadra; tenho-lhe um odio!

LUCIA.

Só o snr. Mauricio e D. Hortensia sabem dar bailes com tanta riqueza e tão apurado gosto.

LEONINA, *á parte.*

Como meu pae está soffrendo!... o meu pobre pae!...

HORTENSIA.

O explendor da nossa festa é todo devido ao brilhante concurso que nos veio honrar...

PEREIRA.

E eu sou o mais ditoso entre todos os que vieram a ella..

FABIANA.

Bem o merece, se o é; porém D. Hortensia chamou-nos ao jardim com um ar de mysterio que me vai dando que pensar.

HORTENSIA.

Escolhi os nossos mais dilectos amigos, para que fôssem elles os primeiros a quem eu tivesse o prazer de participar que o snr. commendador Perreira fez-nos a honra de pedir Leonina em casamento, e que esta correspondeu como devia a tão notavel distincção, aceitando ufanosa a felicidade que o céo lhe destinou.

VOZES.

Parabens! parabens!

PEREIRA.

Falta-me só receber a confirmação da minha dita da propria bocca da formosa noiva...

MAURICIO.

Um momento... devo dizer ainda uma palavra a Leonina; perdão... é o ultimo conselho de um pae. (Leva Leonina para um lado; Hortensia toma o outro lado da filha, ficando um pouco para traz.) Minha filha, eu corri a pouco para impedir uma promessa fatal, e cheguei tarde; agora, porém, o momento é supremo; o teu sacrificio não impediria o meu infortunio...

HORTENSIA, a Leonina.

O commendador jurou-me que salvaria teu pae, Leonina!

MAURICIO, a Leonina.

No meio das maiores desgraças, a tua felicidade seria para mim a unica e a mais doce consolação...

HORTENSIA, a Leonina.

E amanhã a vergonha e a deshonra...

MAURICIO, a Leonina.

Consentir neste sacrificio fôra um verdadeiro crime; minha filha... não ousas fallar... fallo eu...

HORTENSIA, suspendendo Mauricio.

E o estellionato, Mauricio!... Salva teu pae, Leonina!

LEONINA, á parte.

Oh! oh!... é muito! eu não posso mais; meu Deus! eu cumprirei o meu dever. (A Pereira.) Senhor... commendador... serei... sua... ah!... (Desmaia.)

MAURICIO.

Minha filha!

HORTENSIA.

Leonina... Ella torna a si... foi a emoção... o excesso do prazer...

REINALDO, á parte.

Aquella conversa e este desmaio não pódem ser de bom agouro para o noivo.

PEREIRA.

Minha senhora, eu vou dever-lhe a felicidade da minha vida...

LEONINA.

Senhor...

MAURICIO, á parte.

Sou eu que sacrifico a pobre victima!

FABIANA.

Poupemos o pudor da noiva; é uma impiedade martyrisal-a assim. (A Frederico.) Vai tudo ás mil maravilhas para nós.

FREDERICO, a Fabiana.

Só um estupido como o commendador deixaria de comprehender o que se está passando.

FILIPPA.

Não esqueçamos o baile: snr. commendador, D. Leonina ainda não é sua; pertence-nos durante esta noite;

voltemos ao baile; eu estou louca por encontrar de novo o dominó preto; já viram o famoso dominó preto?...

PEREIRA.

Dizem-me que tem intrigado a todos; mas eu ainda o não vi, nem ouvi.

LUCIA.

Nem eu, e ardo em desejos...

SCENA XII

Os Precedentes e ANASTACIO.

ANASTACIO.

Pois eil-o aqui, senhores!

VOZES.

Oh! ainda bem! ainda bem!...

FREDERICO.

Todos estamos sem mascara; tira tambem a tua.

ANASTACIO.

Ainda me assiste o direito de conserval-a no rosto.

HORTENSIA.

Sem dúvida, e pelo menos até a hora da ceia.

FREDERICO.

Desse modo é facil exercer uma certa superioridade;

porque conheces a nós todos, e ninguem ainda poude descobrir quem sejas.

ANASTACIO.

Tanto melhor para mim; mas quem vos disse que vos achais sem mascaras?... enganho, senhores, todos estaes mascarados!...

REINALDO.

Excellente! excellente!...

PEREIRA.

Pois tira-nos as mascaras, dominó pretencioso.

ANASTACIO.

Vós o quereis?...

VOZES.

Sim! sim!...

FILIPPA.

É um mascara singular! quando todos fallam em falsete, elle conversa em baixo profundo!

ANASTACIO.

Então ahi vai: Mauricio, a placidez do teu rosto é uma mascara; tu tens na alma o desespero. Tambem não te devias chamar Mauricio, porque o nome que te cabe é a — Fraqueza.

MAURICIO.

Oh!...

VOZES.

Impagavel! impagavel!

ANASTACIO.

Hortensia, a felicidade que ostentas é a tua máscara; porque o medo te opprime, e o remorso te despedaça o coração. Tambem não te devias chamar Hortensia, o nome que te assenta, é a — Vaidade!

MAURICIO.

Senhor!...

ANASTACIO

Leoninà, és a unica que não trazes mascara; porque o teu pranto e a tua afflicção estão a todos dizendo que és uma victima.

PEREIRA.

Que pretende significar com isso, snr. dominó?...

ANASTACIO.

Commendador Pereira, a tua nobreza é uma mascara; porque tens tu mesmo consciencia da tua nullidade. Tambem não te devias chamar Pereira, o nome que mereces é a — Fatuidade.

PEREIRA.

É... é uma insolencia!...

FREDERICO.

Qual! é sublime!

ANASTACIO.

Coronel Reinaldo...

REINALDO.

Dispenso... dispenso, absolutamente; eu e minha filha

queremos guardar o incognito... Anda, Lucia... este dominó traz o diabo no corpo. (Vai-se com Lucia.)

FILIPPA.

Pois eu não o-dispenso.

ANASTACIO.

Pobre moça! tambem a tua leviandade é uma mascara; porque soffres tormentos incessantes; não te devias chamar Filippa, o nome que te compete, é a — Inveja!

FABIANA.

É demais!...

ANASTACIO.

Frederico, esse alegre estouvamento que ostentas é uma mascara; porque a tua alma está enregellada pelo egoismo, e o teu coração ressecado pela pratica dos vicios. Não te devias chamar Frederico, o nome que te assenta é a — Libertinagem!

FREDERICO.

Ah! ah! ah! é incomparavel, palavra de honra!...

ANASTACIO.

E o teu agrado, a tua affabilidade, a tua lhaneza são uma triplice mascara, Fabiana! porque no teu espirito refervem negras idéas; não te devias chamar Fabiana; o nome, que te define, é a — Traição!

FABIANA.

Miseravel!

PEREIRA.

E deixaremos assim impunes tantos insultos...

MAURICIO, avançando um passo.

Protegido pela mascara e pelo indulto da hospitalidade, acabaste de injuriar a todos nós; perdeste portanto os teus direitos, e me impuzeste o dever de arrancar-te essa mascara, e de mostrar o teu rosto aos olhos... (Quer arrancar-lhe a mascara e Anastacio suspende-lhe o braço.)

ANASTACIO, a Mauricio.

Amanhã, ao meio dia, Mauricio!...

MAURICIO.

Oh!... (Deixa cahir o braço.)

HORTENSIA.

Este homem é um atrevido, e como tal deve ser expulso da nossa casa... (Anastacio leva Mauricio para um lado.)

ANASTACIO, a Mauricio.

Nós vamos entrar de novo na sala do baile, e tua mulher aceitará sem duvida o meu braço...

MAURICIO, atterrado.

Senhores... é um amigo... zombou de todos nós... mas não houve offensa... é um amigo... tornemos ao baile...

FABIANA.

Como?... depois dos insultos que nos dirigiu...

MAURICIO.

É um amigo... já disse... respondo por elle... e a prova é, que Hortensia vai tomar-lhe o braço...

HORTENSIA.

Eu?... nunca!...

MAURICIO, a Hortensia tremendo.

Toma-lhe o braço, Hortensia!...

HORTENSIA, tomando o braço de Anastacio.

Meu Deus!... (Vão-se retirando.)

FREDERICO, dando o braço a Fabiana.

Hora e meia!...

FABIANA.

Vamos. (Vão-se.)

SCENA XIII

FILIPPA e logo HENRIQUE.

FILIPPA, olhando em torno.

Hora e meia!... e alguem me falta...

HENRIQUE, apparecendo.

Hora e meia!... Estou prompto.

FILIPPA.

O momento terrivel se approxima, um leve descuido poderia ser-nos fatal; cuidado!

HENRIQUE.

Eu vélo

FILIPPA, á parte, apertando-lhe a mão.

E eu triumpho!... (Vão-se.)

SCENA XIV

REINALDO e LUCIA.

LUCIA.

Mas, meu paesinho, isto é intoleravel! é revoltante!...

REINALDO.

Que queres, minha filha?... o primeiro dever do soldado é a obediencia, e principalmente agora que, segundo corre, estamos em vesperas de promoção. O negocio é necessariamente muito grave; a carta é do official de gabinete do ministro, e tão atrapalhado escreveu que quasi lhe desconheci a lettra...

LUCIA.

Ah, meu paesinho, tomara eu que caia este ministerio.

REINALDO.

Olha, elle está por têas de aranhas... e ao primeiro vento, vai-se como um passarinho; mas, emquanto se demora no poleiro, é preciso não faltar-lhe com as continencias devidas. A's duas horas devo estar em casa do ministro... tenho apenas tempo de deixar-te em casa e de ir apresentar-me a Sua Excellencia... Ha negocio grave... ha negocio grave... anda... vamos...

LUCIA.

Ai! cá para mim não ha ministro que valha um baile.

REINALDO, sahindo com a filha.

Não digo o contrario... porém que remedio! vamos... e... adeus, minhas contradansas!...

LUCIA.

Adeus, minhas boas walsas!... (Vão-se.)

SCENA XV

FREDERICO, só. — De mascara e com uma capa no braço.

Lá se foi o coronel, e ao menos durante o resto da noite carregará com a responsabilidade do rapto de Leonina. É chegada a hora; cumpre abrir o portão para facilitar a retirada. (Faz o que diz.) Oh, que doce peso vou carregar sobre os meus hombros! que moça encantadora, que noite de embriaguez e que bella herança a esperar! Se D. Fabiana se lembrasse de dar a comer uma boa dóse de pastilhas ao tio e padrinho da minha noiva!... Mas... é tempo de esconder-me... É celebre! parece-me que a despeito de todo este meu enthusiasmo, estou começando a receiar as consequencias deste passo... que puerilidade... ávante!... vou occultar-me entre jasmins para roubar uma rosa. (Occulta-se por traz do caramanchão.)

SCENA XVI

FREDERICO, occulto; FABIANA, e LEONINA.

FABIANA.

Venha... o ar da noite e o aroma das flores hão de fazer-lhe bem.

LEONINA.

A cabeça pesa-me horrivelmente... como que os olhos se vão fechando...

FABIANA.

É um incommodo passageiro; havia de ser a emoção que lhe causou o pedido do casamento...

LEONINA.

Não... não... mas é impossivel resistir aó somno que sinto; eu vou retirar-me para o meu quarto...

FABIANA.

Não faça tal, o calor augmentaria este pequeno incommodo. Olhe, descanse antes ao pé de mim, no banco do caramanchão.

LEONINA.

É melhor que eu me vá deitar... não posso... quero dormir.

FABIANA, puchando-a.

Venha... eu me sentarei a seu lado...

LEONINA, cedendo.

Oh! é muito! é de mais!...

FABIANA.

Venha!... (Leva-a para o banco do caramanchão; Leonina reclina-se sobre Fabiana.)

LEONINA.

Pesam-me os olhos... ah... se eu dormir... acorde-me...

FABIANA.

Sim... descanse; esta aragem suave que sopra lhe fará bem, durma... no meio das flores... como um anjo... como... e dormiu! Dona Leonina! minha boa amiga! Dona Leonina! Qual! dorme profundamente. Bem! a hora da ceia deixa o jardim em solidão; eu tinha calculado com isso; mas é preciso não perder um instante. Psio! psio! é tempo.

FRÈDERICO, apparecendo.

Prompto; dê-me esse precioso thesouro!

FABIANA.

Espere, atemos-lhe primeiro este lenço na boca; podia por acaso despertar, e, se gritasse, ficariamos perdidos. (Atam o lenço.)

FREDERICO.

Sim... mas não magoemos estes labios de rosa...

FABIANA.

Como já está zeloso da sua noiva! eil-o atado de leve; mas ao primeiro movimento aperte com força o nó.

FREDERICO.

Hei de durante quinze dias ser o mais apaixonado e constante dos maridos. (Tomando com cuidado Leonina nos braços.)

FABIANA.

Emfim... eil-a ahi.

FREDERICO.

Leonina! és minha!

SCENA XVII

FABIANA, LEONINA, FREDERICO, ANASTACIO, e HENRIQUE.

ANASTACIO.

Ainda não.

FABIANA.

Oh!...

FREDERICO, descansando Leonina no banco e avançando com um punhal.

Sempre elle! miseravel, morre!... (Ferindo.)

HENRIQUE, suspendendo o golpe.

Assassino! somos dous!... (Subjuga Frederico.)

ANASTACIO, *arrancando a mascara de Fabiana.*

Eil-a, a traição!... (*O mesmo a Frederico.*) Eil-o, a libertinagem!... Infames, fugi!... (*Vão-se Fabiana e Frederico. Anastacio e Henrique correm a Leonina.*) Oh!... este somno é sinistro...

HENRIQUE.

Leonina!... meu Deus!... permitti que nós a-salvemos.

FIM DO QUARTO ACTO.

ACTO V

Sala em casa de Mauricio; ainda riqueza e luxo; agora porém signaes de alguma desordem; sobre uma mesa vê-se uma pendula de primoroso gosto.

SCENA PRIMEIRA

HORTENSIA, e logo depois MAURICIO.

HORTENSIA.

Só! abandonada! debatendo-me sem esperança nas garras da miseria e da vergonha! oh! é horrivel! e minha filha... a minha Leonina... meu Deus! se ao menos me restasse minha filha!... (Silencio.) Todos os meus calculos destruidos como nuvens desfeitas pelo vento! misericordia, meu Deus!... (Vendo entrar Mauricio.) E Leonina?... e nossa filha?...

MAURICIO.

Poupa os meus pesares, e as minhas lagrimas; ninguem sabe de Leonina.

HORTENSIA.

O nome da infame roubou ao menos...

MAURICIO.

Hortensia, não houve rapto, houve fuga. Qual é a mulher que se deixa roubar sem que solte um grito ou brade por soccorro?... Não houve rapto: Leonina fugiu-nos e fez bem: queriamos sacrifical-a, ella salvou-se; fez bem.

HORTENSIA.

Mas deshonrou-se... e deshonrou-nos.

MAURICIO.

Deshonrados estamos nós desde o dia em que sem medir os nossos recursos nos atiramos no golphão do luxo e da vaidade, e nos carregamos de dividas, que não podiamos remir. Hortensia! olha aquella pendula, ella marca onze horas; ao meio dia, em ponto, virão pedir-me o pagamento de uma divida sagrada, e os meus credores terão o direito de chamar-me ladrão; porque eu vendi escravos que tinha hypothecado, e me utilisei do seu dinheiro, enganando-os com essa fraude vergonhosa.

HORTENSIA.

Oh, Mauricio! e não temos esperança, não temos recurso algum?... as minhas joias?...

MAURICIO.

As tuas joias! eis ahi o seu producto; importaram em

mais de doze contos de réis, e deram-me por ellas menos de cinco! Aqui estão; uma gotta d'agua no oceano!

HORTENSIA.

Se te dessem algum tempo de espera, Mauricio...

MAURICIO.

E com que fim o-pediria eu?... d'aqui a um anno estarei em melhores circumstancias do que hoje?... Não, Hortensia, basta de enganar; em minha propria consciencia fui até agora apenas um louco, e de agora em diante seria um velhaco.

HORTENSIA.

E teu irmão, tão rico! porque não te abres com o mano Anastacio?... no fundo do coração elle é bom.

MAURICIO.

Meu irmão não póde ignorar em que situação nos achamos, e se quizesse soccorrer-nos, não precisava que eu lh'o-pedisse.

HORTENSIA.

Fallaste a algum dos nossos amigos?...

MAURICIO.

Os nossos amigos! a minha desgraça já é conhecida: bati em dez portas e achei-as todas fechadas, ou glacial frieza naquelles que ainda me quizeram receber. Entendi que não me devia expôr a outras desillusões.

HORTENSIA.

Oh! o mano Anastacio tinha razão.

SCENA II

MAURICIO, HORTENSIA, e PETIT.

PETIT.

Snr. barão do Rio Mirim não recebe ninguem hoje.

HORTENSIA.

Tambem elle!...

PETIT.

Snr. conselheire vai sair fóra de cidade quinze dias, e madame não faz nem recebe visitas.

MAURICIO.

Como os outros!

HORTENSIA.

Abandonada de todos...

PETIT.

Oh! non, tem muito gente na escade.

HORTENSIA, com viveza.

Quem são?...

PETIT.

Mais de vinte caixeiros que traz contas, e faz bulha de mil diables, dizendo que quer dinheiro por força.

MAURICIO.

Irei fallar-lhes immediatamente.

PETIT.

E da minha parte, eu tambem faz comprimento a monsieur e a madame, e pede trez mezes de salario que não recebeu, e agora mesmo vai embora.

HORTENSIA.

Tal e qual como Fanny ainda ha pouco!... até elles nos abandonam!...

MAURICIO, tira a carteira e dá dinheiro.

Toma; vai-te: pelo menos não se dirá que caloteamos até os nossos criados.

PETIT

Eu faz comprimento e deseja muitas felicidades...

MAURICIO.

Deixa-nos! (Vai-se Petit.) Estás vendo a triste posição a que temos descido?...

HORTENSIA.

E Leonina?... e Leonina?...

MAURICIO.

Quasi que estimo que ella não tenha sido testemunha de tão vergonhosas scenas.

HORTENSIA.

Até o mano Anastacio nos desampara!...

MAURICIO.

Paciencia. Espera-me, Hortensia; vou fallar aos caixeiros e aos cobradores que me enchem a escada: vou corar

diante delles, e entregar-lhes todo o dinheiro, que me renderam as tuas joias. (Vai-se.)

SCENA III

HORTENSIA, e logo ANASTACIO.

HORTENSIA.

Oh! meu Deus, quem dissera que eu me veria em tão lamentavel situação?!

ANASTACIO.

Eu lh'o-predisse, minha cunhada.

HORTENSIA.

Meu mano! meu mano!...

ANASTACIO.

Onde está a multidão de amigos que dia e noite enchia as salas desta casa?... de que lhe serviram esses bailes, esses banquetes, essa vida de ostentação, com que enganava o mundo?... que é feito do seu orgulho de nobreza?... oh! as musicas dos sarãos e o ruido das festas trocaram-se pela gritaria que levantam ali na escada os caixeiros insolentes; e aos applausos dos parasitas succederam as maldições dos credores enganados.

HORTENSIA.

Meu mano, não redobre os nossos soffrimentos; a desgraça que cahiu sobre nós é horrivel!

ANASTACIO.

Essa desgraça é um justo castigo da Providencia. Consulte a sua consciencia, que é a voz de Deus que lhe falla n'alma, e reconhecerá que ella lhe está dizendo : « Mulher, tu és um exemplo doloroso que deve ensinar ás esposas e ás mães a seguir o caminho da virtude. Mulher, tu fôste a causa do infortunio de teu marido, porque o-arrojaste no abysmo da dissipação; tu empurraste tua filha para a sua perda, porque lhe déste uma educação perniciosa e fatal Mulher, tu fôste má esposa; mulher, tu fôste mãe desamorosa; tu fôste parenta ruim : recebe portanto o merecido castigo. O teu vicio foi o luxo; fica pois miseravel : a tua paixão foi a vaidade; fidalga improvisada! fica abaixo da plebe!... »

HORTENSIA.

Oh! piedade! compaixão!...

ANASTACIO.

Olhe que não sou eu quem lh'o-digo; é a sua consciencia que, sem dúvida, lh'o-está dizendo.

HORTENSIA.

Tem razão, pragueje contra mim; mas nem por isso desconheça que a nossa infelicidade é cruel e atroz.

ANASTACIO.

Pelo contrario, eu a-considero muito proveitosa, e util.

HORTENSIA.

O snr. zomba dos seus parentes no infortunio : é um homem sem generosidade, um homem máo!

ANASTACIO.

Acima dos meus parentes está a nação que póde colher beneficos resultados da lição que offerece a sua desgraça. A sociedade acha-se corrompida pelo luxo e pela vaidade, e um quadro vivo das consequencias desastrosas dessas duas paixões talvez lhe seja de prudente aviso. Em Mauricio verá o homem de mediocre fortuna e especialmente o empregado publico, que a ostentação e o fausto de alguns annos determinam a miseria de todo o resto da vida; nas suas lagrimas de esposa e de mãe as mães e as esposas verão os horrores a que as-póde levar o abuso do amor de um marido extremoso e cégo e a falsa educação dada às filhas. A sua triste pobreza proclama a necessidade da economia. A propria deshonra de meu irmão ensina que desvairado pela paixão do luxo, um homem honesto é capaz de arrojar-se até o crime. As suas pertenções de nobreza, emfim, dizem ao mundo que o ouropel não é ouro, que a mascara não é o rosto, e que nobre, verdadeiramente nobre é só o que é virtuoso e probo, o que é grande e generoso, o que é digno de Deus e da patria. Soffra pois, soffra! e de joelhos agradeça a Deus a punição que recebe.

HORTENSIA.

E minha filha... a minha Leonina...

ANASTACIO.

Sua filha é uma orphã, porque nunca teve paes que a guiassem pelo bom caminho. Ella é orphã, e Deus é o pae dos orphãos.

HORTENSIA.

Oh! que homem este! ao vêr os nossos martyrios sómente acha para dizer-nos palavras de amargor e quasi de insulto!

ANASTACIO.

Sou rude, senhora; mas a minha bocca não sabe dizer senão a verdade.

HORTENSIA.

Nem se lembra de que está humilhando e desprezando os seus parentes!

ANASTACIO.

Orgulhosa fidalga de hontem! como trataste os parentes de teu marido, durante dezoito annos de vaidade e de presumpção?... que fizeste á cinco dias, quando se apresentaram em tua casa teu cunhado, o marceneiro, e teu sobrinho, o pintor?... prova, mulher, prova hoje por tua vez o calix da humiliação e do desprezo!

HORTENSIA, curvando-se.

Perdão!

ANASTACIO.

É o castigo de Deus!

HORTENSIA, de joelhos e com vehemencia.

Perdão!... perdão!...

ANASTACIO, sentindo-se commovido.

Levante-se, minha irmã; tarde chega as vezes o arrependimento para os homens; mas nunca elle vem tarde

para Deus. Que tem feito desde que lhe roubaram sua filha?...

HORTENSIA.

Chorar.

ANASTACIO.

As lagrimas são estereis, senhora; nas maiores afflicções o recurso é o Omnipotente. Reze.

HORTENSIA.

Sim... sim... tem razão.

ANASTACIO.

Não derrame lagrimas sobre a terra; levante os olhos para o céo, e espère. Vá orar. Deus é grande.

HORTENSIA.

Eu vou; é delle sómente que agora espero tudo. (Vai-se.)

SCENA IV

ANASTACIO, SÓ.

Pobre senhora! fui talvez austero de mais : a vaidade germina espontaneamente no coração da mulher; mas é o homem que cultiva e dá vigor a essa planta venenosa. O mais culpado é meu irmão, que devera ser o protector e o guia de sua esposa; que devera ser forte e prudente que por sua fraqueza levou sua familia a uma ruina com-

pleta. Que será feito desse infeliz? creio que ouço suas pisadas : observal-o-hei de perto. (Vai-se.)

SCENA V

MAURICIO, só. — Depois de alguns instantes de silencio, observa a pendula.

A hora se adianta, pouco falta; ao meio dia o meu opprobrio estará consummado. Hão de vir enxotar-me desta casa, e à porta da rua eu encontraria talvez soldados, que me levassem á prisão. Coberto de dividas, deshonrado por um crime vergonhoso, deshonrado pela deshonra de minha filha, lancei uma nodoa indelevel no nome de meu pae e não tenho esperança, senão na morte. Não hão de arrastar-me a um carcere; não curvarei a cabeça ao peso de injurias e de maldições; não!... porque em lugar de um homem, só acharão um cadaver. Acabemos com isto. (Vai buscar uma garrafa d'agua e um copo, e deita naquella o veneno que traz em um vidro.) Era exactamente pelo suicidio que devia terminar uma vida desgraçada e louca. Perdão, meu Deus! minha filha, perdão! ora pois... bebamos a morte. (Pega no garrafa e deita agua no copo.)

SCENA VI

MAURICIO, e ANASTACIO.

ANASTACIO.

Mauricio!

MAURICIO, estremecendo.

Quem é... Anastacio... (Larga a garrafa e o copo.)

ANASTACIO.

Não ouviste um grito de tua mulher?...

MAURICIO.

De Hortensia...

ANASTACIO.

Lembra-te ao menos della, acode-a depressa.

MAURICIO.

Hortensia! que mais devo soffrer, meu Deus! (Vai-se.)

SCENA VII

ANASTACIO, só.

Um suicidio! Mas de que me admiro?... Mauricio não é homem fraco? Na hora da adversidade a fraqueza mata-se para poupar-se ao incommodo de lutar. Sublime recurso!

um estravagante enche-se de dividas, e no dia do vencimento das letras, suicida-se, pregando assim um calote a Deus, além dos que pregou aos credores. Nos calculos dos dissipadores o unico que ganha é o Diabo. Um suicidio! que bella idéa! o homem despoja-se da vida a pretexto de que a honra a isso o-obriga. Mentira! a honra é o cumprimento do dever. Mas o estravagante abre com o punhal ou com o veneno o caminho do inferno, e no dia seguinte os jornaes referem a historia da loucura e do crime tão romanescamente, que fazem à outros loucos vontade de imitar aquella acção heroica!... (Deita fóra a agua da garrafa e enche esta de outra agua.) Muito bem : vou apreciar os effeitos da agua da Carioca.

SCENA VIII

ANASTACIO, ao fundo. O COMMENDADOR PEREIRA.

PEREIRA.

Chego deitando a alma pela bocca... não importa; bato, ninguem apparece; grito, ninguem me responde : eis o que importa muito. Então certos são os touros! é uma indignidade e uma infamia! o homem está perdido, deve os cabellos da cabeça, não tem onde caia morto, e os meus tres contos de réis fôram devorados! deixaram-me sem mulher e sem dinheiro! ainda se eu me casasse com a moça, soffreria com paciencia o prejuizo; mas emquanto o pae rebentava financeiramente, a filha batia as azas

amorosas, e ambos me pregavam dous calotes desastrados; nada, ao menos quero os meus trez contos de réis... isto é uma patifaria, este homem é um...

ANASTACIO.

Acabe!

PEREIRA.

É um... sim... um... um infeliz!

ANASTACIO.

E o snr. que é?

PEREIRA.

Eu?... eu... sou um commendador...

ANASTACIO.

Não! é sómente um miseravel!

PEREIRA.

Senhor Anastacio... Anastacio... Anastacio não sei de que...

ANASTACIO.

Aquelle que durante annos foi recebido no seio de uma familia honesta, e por ella tratado como amigo; que jantou cem vezes á sua mesa, que foi objecto de attenções e cuidados penhoradores; que gozou de sua confiança inteira: que mereceu, emfim, ser considerado digno de receber em casamento uma joven cheia de encantos e virtudes, o anjo querido de seus paes, e que no momento em que essa familia cahe em desgraça, vem insultal-a, lançar-lhe em rosto a sua miseria, pelo receio vil e mesquinho

de perder trez contos de réis, é... oh! não é um malvado, não; não é um tigre; é menos do que isso, é um homem vil e abjecto!... é um reptil asqueroso, em que nem mesmo se pisa sem repugnancia : não tem coração, não tem alma, não tem... não tem ao menos dignidade fingida para revoltar-se, quando ouve as injurias que lhe estou atirando ao rosto!

PEREIRA.

Tudo isso é bom de se dizer; mas trez contos de réis é dinheiro! e se ao menos...

ANASTACIO.

A sua letra!

PEREIRA.

Eil-a aqui; mas que pretende fazer?...

ANASTACIO, tira a carteira e dá dinheiro.

Rasgue-a! que não toque nas minhas mãos um papel que passou pelas suas. (Pereira rasga a letra.) Dou-lhe minha palavra de honra, que a sua alma não vale este trapo que piso com os meus pès!

PEREIRA.

Sim... porém a emoção... a fadiga... o calor... com licença, um copo d'agua... (Bebe.) Ah! sinto-me um pouco melhor.

SCENA IX

ANASTACIO, PEREIRA, MAURICIO, e HORTENSIA

HORTENSIA.

Meu mano, Mauricio imitou-me; rezou tambem.

MAURICIO.

Senhor commendador...

PEREIRA.

Meu caro amigo... minha senhora...

HORTENSIA.

Ainda bem, snr. commendador, que Vossa Excellencia não pertence ao numero daquelles que esquecem os amigos na adversidade.

PEREIRA.

Oh! essa é boa! isso não está no meu caracter.

ANASTACIO.

Mas sempre é bom que saibam o motivo que trouxe aqui o snr. commendador.

PEREIRA.

Não é preciso. (A Anastacio.) Por quem é... poupe-me...

ANASTACIO.

Senhor commendador, o baile de mascaras foi hontem.

PEREIRA.

Sinto-me de novo incommodado... que tonteiras diabolicas... mais um copo de agua... (Deita agua no copo.).

MAURICIO.

Não beba! não beba!...

PEREIRA.

Então porque?...

MAURICIO.

Essa agua...

PEREIRA.

Acabe... esta agua... que tem esta agua?

MAURICIO.

Oh! eu tive a idéa infernal de suicidar-me!

HORTENSIA.

Mauricio!

MAURICIO.

Essa agua está envenenada!...

PEREIRA, deixando cahir o copo.

Misericordia! eu já bebi!

HORTENSIA.

Senhor commendador...

PEREIRA.

Minha senhora, seu marido suicidou-me!

MAURICIO.

Isto é horrivel!

PEREIRA.

Horribilissimo! já sinto dôres pela barriga... Oh! um medico! chamem um medico! eu quero um contra veneno. Diga-me depressa: qual foi a substancia assassina?

MAURICIO.

Arsenico...

PEREIRA.

Arsenico! estou morto: pois se eu já estou reconhecendo todos os symptomas do arsenico! Um medico! e ninguem me acode! vou eu mesmo... um medico! um medico! (Vai-se.)

SCENA X

ANASTACIO, MAURICIO, e HORTENSIA.

MAURICIO.

Que fatalidade!

ANASTACIO.

Não se assustem, a agua que elle bebeu é innocente; eu destrui os preparativos para o ultimo acto de loucura de meu irmão.

MAURICIO.

Ainda bem!

ANASTACIO.

E não te envergonhas, Mauricio, do attentado que ias

commetter contra Deus e a sociedade? Nem te lembrou a esposa?

HORTENSIA.

Ingrato!

ANASTACIO.

Nem a filha...

MAURICIO.

Minha pobre Leonina! se eu a-tivesse junto de mim resistiria com mais coragem ao golpe tremendo da fortuna.

ANASTACIO.

E nada sabes ainda a respeito de Leonina?

MAURICIO.

Ignoro o principal. Sei que essa indigna D. Fabiana e Frederico, seu infame complice, estavam a ponto de realisar um plano de antemão forjado, raptando minha filha, quando appareceram dous mascaras que arrancaram a victima de suas garras; mas depois elles por sua vez me roubaram Leonina. Eis tudo quanto pude descobrir; e além disto, nada... nada mais!

ANASTACIO.

Mauricio, tu despresaste pelos falsos os teus verdadeiros amigos, e elles se vingaram de ti, salvando tua filha.

HORTENSIA.

Onde está minha filha?

MAURICIO.

Anastacio! minha filha... onde está minha filha?...

ANASTACIO.

Junto de sua tia... da mulher de Felisberto...

MAURICIO.

Ah! que felicidade tão grande! E quem a salvou?...

ANASTACIO.

Olha!...

SCENA XI

Os precedentes, LEONINA e HENRIQUE.

LEONINA, correndo a abraçal-os.

Meu pae!... minha mãe!...

HORTENSIA.

Minha filha!

MAURICIO.

Leonina!...

ANASTACIO, á parte.

Peór está essa... penso que já vou ficando com os olhos molhados... pois se eu sou um chorão!...

MAURICIO.

E o teu salvador... onde está elle?... (Vendo-o.) Henrique!

HORTENSIA.

Meu sobrinho... nos meus braços. (Abraça-o.)

ANASTACIO.

Sem a menor dúvida, a desgraça dá juizo aos parvos...

LEONINA.

Minha mãe, meu primo é o mais nobre e honrado dos cavalheiros...

ANASTACIO.

Sahiu ao pae que é tal e qual, apezar de ser mestre marceneiro.

HENRIQUE.

Cumpri em tudo o meu dever de parente e de homem de bem.

MAURICIO.

Henrique, desprezei-te, quando me illudia ostentando grandezas ficticias, e hoje na mais cruel adversidade, hoje na miseria, e quasi perdido pela deshonra, eu te peço que sejas o esposo e o protector de minha filha!

HORTENSIA.

Chama-me tua mãe, Henrique!

HENRIQUE.

Juro que farei a felicidade de Leonina! e de joelhos eu vos agradeço a esposa que me dás, e que vai transformar a minha vida em um paraiso!

MAURICIO.

Meu filho!

HENRIQUE.

Oh! meu pae! minha mãe!... (Abraçam-se.)

LEONINA.

Meu padrinho, como somos ditosos!...

MAURICIO.

Ditosos!... (Dá meio dia. — Atterrado.) Meio dia!...

HORTENSIA.

Meio dia... é a hora terrivel...

MAURICIO.

Justo cèo! sóbem a escada...

ANASTACIO.

Pois que subam! agora pódem subir...

HORTENSIA.

Meu mano...

ANASTACIO.

Pois que subam... repito!

LEONINA.

Que é isto?...

SCENA XII

Os Precedentes e FELISBERTO.

MAURICIO.

Felisberto!

ANASTACIO.

Felisberto!

LEONINA.

Meu tio!

HENRIQUE.

Meu pae!

HORTENSIA, á parte.

Eu tremo de confusão...

FELISBERTO.

Bom dia, Mauricio; Deus a-guarde, minha senhora.

ANASTACIO.

Com que cara vens tu, Felisberto?

FELISBERTO.

Venho dizer-te, Anastacio, que tu és um homem máo.

ANASTACIO.

Eim?... como é lá isso?...

FELISBERTO.

Homem máo, sustento ainda. Tu és rico, mesmo até muito rico; não és casado, nem tens filhos, sobram-te pois os recursos; nosso irmão te recebia em sua casa, e és o padrinho de sua filha; no emtanto esquecido de nossos paes, do nosso sangue, do nosso amor de crianças, e do mais santo dever, tu consentias que nosso irmão passasse pelo maior vexame do mundo! És um homem máo, um avarento, um parente ruim. (A Mauricio.) Mauricio, foi sómente á uma hora que eu soube de tua desgraça; eu sou um pobre marceneiro, e trinta e cinco annos de econo-

mias deixaram-me apenas ajuntar estas oito apolices de conto de réis. (Apresenta-as.) Eu as-reservava para meu filho... mas vejo que precisas muito... oito contos de réis talvez não cheguem... diabo! não tenho mais vintem; arranja-te, porém, com isto, emquanto eu trato de vender a minha casinhola, que nos dará ainda uns cinco ou seis contos. Nada de ceremonias... por fim de contas tu és meu irmão... anda... toma... aceita, Mauricio; aceita... e meu filho que trabalhe...

MAURICIO, chorando.

Felisberto!...

LEONINA, abraçando Felisberto.

Meu querido pae!...

HENRIQUE, abraçando-o.

Abençoado sejas, meu pae!...

FELISBERTO, confuso.

Que algazarra por uma cousa tão natural!

HORTENSIA, curvando-se.

Meu irmão, perdoe-me o mal que lhe tenho feito!

FELISBERTO.

Minha senhora... então que é isto?... o passado, passado: viva Deus! a mulher de meu irmão é minha irmã... Abro-lhe este peito... é rude, é grosseiro, mas venha... póde vir que é um peito de madeira de lei! (Abraça Hortensia.)

ANASTACIO.

E eu então, Felisberto?

FELISBERTO.

Toma lá (indo a elle), mas tu és um homem máo.

ANASTACIO.

Alto, senhor mestre marceneiro! dobre a lingua, guarde as suas apolices; o que veio fazer, já está feito.

LEONINA.

Meu padrinho...

ANASTACIO, dando papeis a Leonina.

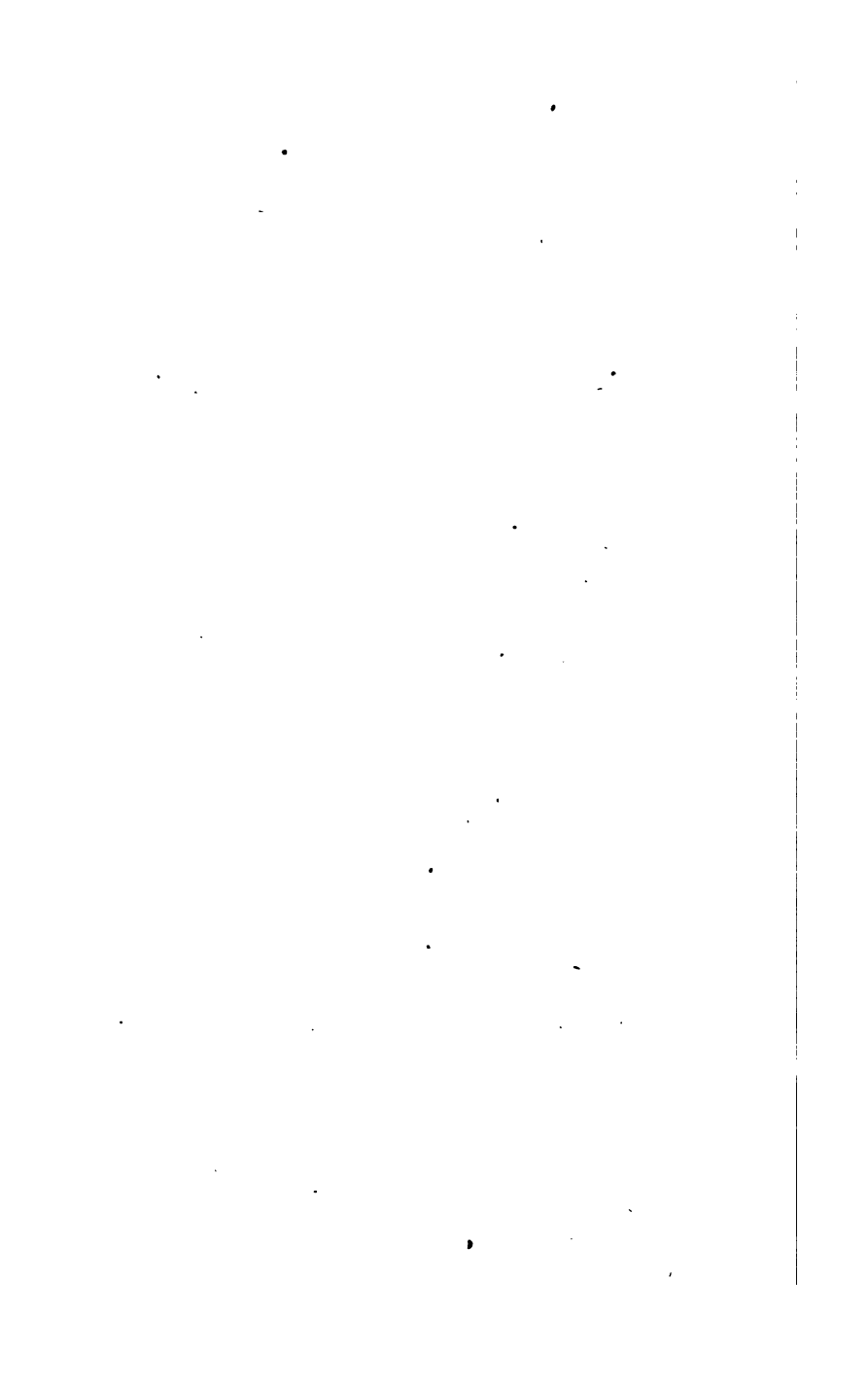
Toma esta escriptura de hypotheca, e estas letras, Leonina, entrega-as a teu pae, e dize-lhe que para o futuro tenha mais juizo.

HORTENSIA.

Mauricio! de joelhos aos pés d'estes dous anjos! (vão ajoelhar-se aos pés de Anastacio e de Felisberto, e elles os-suspendem.)

ANASTACIO.

De joelhos á Deus, meus irmãos! de joelhos á Deus e agradecei-lhe a lição que recebestes, e a felicidade de vossa filha!

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO.

O PRIMO
DA CALIFORNIA

OPERA EM DOUS ACTOS

FOI A SCENA N'ABERTURA DO GYMNASIO DRAMATICO, EM 12 DE ABRIL DE 1855.

IMITAÇÃO DO FRANCEZ

PERSONAGENS:

ADRIANO GENIPAPO, joven professor de musica.
PANTALEÃO, antigo taberneiro.
FELISBERTO, alfaiate.
ERNESTO, amigo de Adriano.
EDUARDO, amigo de Adriano.
CELESTINA.
BEATRIZ, criada de Adriano.
DOUS AMIGOS DE ADRIANO.

A scena passa-se no Rio de Janeiro.

O PRIMO DA CALIFORNIA

ACTO PRIMEIRO

O theatro representa uma sala modestamente ornada; uma mesa com gavêtas; um piano, um violão, papeis de musica, etc.; uma porta ao fundo abrindo para a rua.

SCENA PRIMEIRA

BEATRIZ em pé, engraxando um botim.

Eis-me aqui pagando os meus peccados!... eu sou uma especie de *verbi-gratia* das mudanças d'esta vida. No tempo do vice-rei chamávão-me a nênê da rua das Flores: quando o rei chegou, já eu era conhecida pela formosa Beatriz: depois que me appareceu o primeiro ca-

béllinho branco, tivérão o desafôro de tratar-me por tia Beatriz; felizmente ainda a sorte me deparou um soldado inválido que quiz casar comigo; mas veio a febre amarella, que deu baixa eterna ao meu querido Pancracio, e eu fiquei viuva, e viuva sem filha, e sem vintem! não tive remedio senão recorrer aos Diarios, e annunciar uma criada para homem solteiro ou viuvo: tive a esperança de me tornar meia-dona de casa; mas por fim de contas fiquei simples criada, e criada muito ordinaria: isto é, criada de um musico!... Eis aqui por tanto a bota de um musico engraxada pelas mãos da formosa Beatriz!... Oh! eu só conheço tres cousas tão despreziveis como as botas de um musico: uma barretina de soldado, um capote de estudante, e uma casaca de meirinho! E eu sempre a engraxar estas botas, botas de um musico, de um musico que tem a pouca vergonha de me estar a dever cinco patacas de despezas miudas!... (Canta.)

No tempo da ventura
Chamávão-me formosa;
E agora nem airosa
Alguem, que eu sou, me diz!..

Engraxa, engraxa as botas,
Engraxa, Beatriz!

Meus olhos, minhas faces,
Cobrião de louvores;
E agora... adeus amores,
Já torcem-me o nariz!

Engraxa, engraxa as botas,
Engraxa, Beatriz!

SCENA II

BEATRIZ e CELESTINA.

CELESTINA.

Bom dia, snra. Beatriz; o snr. Adriano não está em casa?...

BEATRIZ.

Sumiu-se logo depois do almoço: tambem é provavel que não esperasse pela sua visita, porque a snra. tem passado dous dias sem apparecer.

CELESTINA.

Não me tem sido possivel.

BEATRIZ.

Sim... sim... entendo isto ás mil maravilhas! e, quanto a mim, minha menina, julgo que faz muito bem em ir pondo o anzol a outro peixinho.

CELESTINA.

O que quer dizer com isso, snra. Beatriz?...

BEATRIZ.

Eu nem de leve pretendo offendel-a; minhas intenções são muito boas; e olhe, menina, tal como aqui me vê, já tive meus trinta e seis annos de idade, e então commetti a fraqueza de deixar o meu coração prender-se na patrona de um cabo de esquadra; oh! quanta seducção que tinha!...

CELESTINA.

O que, snra. Beatriz?... a patrona?...

BEATRIZ.

Não, menina; o cabo de esquadra.

CELESTINA.

E deixou-se enganar por elle?...

BEATRIZ.

Tambem não, e a prova é que elle me desposou; mas passei uma vida de trabalho e pobreza, porque o triste Pancracio apenas tinha de mais que os outros cabos de esquadra uma pequena pensão; mas tambem tinha de menos que os outros uma perna... era a direita; logo a direita!... a mais bonita de suas duas pernas!...

CELESTINA.

Mas eu não comprehendo que relação...

BEATRIZ.

Não comprehende?... mas, minha menina, a moral da historia está mesmo sahindo pela ponta dos dedos! em uma palavra, moça e bella, como a snra. é, não deve votar-se sem mais reflexão ao amor de um mancebo, que não tem aquillo com que se compra os melões: olhe, o snr. Adriano padece a molestia mais feia e mais terrivel d'este mundo... tem a phthisica das algibeiras.

CELESTINA.

Ah! era isso?... pois é precisamente porque Adriano é pobre, que eu gosto, quero, e hei de amal-o sempre e cada vez mais. (Canta.)

Minha'alma foi sempre rude,
Nunca aprendeu a contar;
Não serve p'ra guarda livros;
O que sabe é só amar!

O meu Adriano é pobre,
Mas não indigno de mim;
Eu amo a sua pobreza;
« Gosto bem de ser assim! »

BEATRIZ.

Sim... sim... idéas romanescas, poesias, e pensamentos generosos; mas o diabo me leve se a snra. fôr capaz de fazer ferver uma panella no fogo com um soneto, ou com uma idéa generosa.

CELESTINA.

Mas bem que o snr. Adriano não esteja em muito boa posição : o que prova que elle seja tão pobre, como a snra. o-diz?...

BEATRIZ.

Quando se está devendo cinco patacas a sua criada, minha menina...

CELESTINA, á parte.

Pobre moço!... (A Beatriz.) Eis ahi como se faz uma accusação injusta!... elle me havia encarregado de lhe entregar essa quantia, e eu não tendo vindo aqui ha dous dias, deixei de cumprir tal commissão. (Dá dinheiro.)

BEATRIZ, recebendo.

É singular! ainda hontem fallei-lhe n'esta continha, e elle nada me disse.

CELESTINA.

Poder-se-ia ter esquecido, ou não quereria fallar no meu nome.

BEATRIZ, á parte.

Aqui ha cousa! mas como já tenho nas unhas o meu dinheiro, fica o exame d'esta geringonça para depois.

CELESTINA.

E Adriano sem voltar!...

BEATRIZ.

Não póde tardar... foi dar lição de musica à filha do snr. Pantaleão, o proprietario d'esta casa : isto basta para o-fazer suar! a filha de um antigo taberneiro, ridiculo, exigente, e vaidoso da sua fortuna! O ventas de mono não tem na bocca senão — a sua fortuna!... — Porém... ouço os passos e a voz do snr. Adriano...

SCENA III

BEATRIZ, CELESTINA, e ADRIANO.

ADRIANO, que vem cantando.

Quem por não ter dinheiro
Não vive com prazer,
Não póde ter miolo,
Quer cedo envelhecer;

É tolo, é tolo, é tolo:
Eu não o-quero ser.

Sou pobre como Job;
Mas faço o que convem:
Amar, e rir-me busco,
E passo muito bem;

Patusco, e bom patusco,
Como eu não ha ninguem.

Bravo! oh! que boa companhia! linda Celestina... é verdade; snra. Beatriz, queira fazer-me o favor de ir ver se eu estou escondido em algum canto do seu quarto...

BEATRIZ.

E se não o-encontrar lá?...

ADRIANO.

Terá a bondade de esconder-se atraz da porta para agarrar-me de improviso, quando eu lá entrar.

BEATRIZ.

Entendo... entendo... (Á parte.) Como é insuportavel obedecer a um musicosinho de *do re mi*, quando já se foi mulher de um cabo de esquadra!

ADRIANO.

Então?... não julga conveniente ir procurar-me?...

BEATRIZ, indo-se.

Sim, senhor; ponho-me ao fresco. (Á parte.) É um musico desafinado!

SCENA IV

CELESTINA e ADRIANO.

ADRIANO.

Bem; agora que a velha bruxa nos deixou em paz, permitte que eu beije essa mãosinha de anjo. (Beija-a.) Ah! que louco que sou! eu tinha assentado de pedra e cal que devia brigar comtigo, e commetti a inconsequencia de te beijar a mão... véjão só que tolo!

CELESTINA.

Brigar comigo?... e porque?...

ADRIANO.

Porque de algum tempo a esta parte eu te vejo menos vezes.

CELESTINA.

Adriano, é preciso que eu te dê tempo para trabalhar.

ADRIANO.

Mas, amiga da minh'alma, eu só trabalho bem quando estás presente: teu olhar me inspira, o sorrir de teus labios enche de fogo minha imaginação, teu fallar meigo derrama doçura angelica em minhas melodias, teu coração me exhala o suspiro, que quando estou só, procuro debalde... e se para completar um pensamento, ou pôr o remate em uma harmonia, uma nota me falta, acho-a sempre nas covinhas de tuas faces.

CELESTINA.

Sim... sim... mas tambem tu me abraças muitas vezes, e isso te faz perder o compasso.

ADRIANO.

É possivel. Conversemos, porém, sobre outro assumpto; porque motivo vejo eu em alta noite luz no teu quarto?...

CELESTINA.

Luz?...

ADRIANO.

Creio que não me enganei: d'ali descubro a tua janella: será, que me deixes de noite para ir celebrar um commercio clandestino com espiritos e duendes?... haverá feitiçarias em teu quarto?... eim, Celestina?... Celestina, falla; tira-me d'este labyrintho em que me vejo perdido.

CELESTINA.

Ah!... sim... se tens visto luz no meu quarto... é... porque... eu tenho medo de estar só de noite no escuro, e conservo accesa uma lamparina.

ADRIANO.

Lamparina!... que má lembrança! tens medo de ficar só de noite?... porque então me não chamas para te fazer companhia?...

CELESTINA.

Que dizes, Adriano?... pois esqueces...

ADRIANO.

É verdade... é verdade... seria isso inconsequente... inconveniente... prejudicial, e muito proprio para dar que fazer ás más línguas: eu não sou assás licencioso, Celestina, para brigar comtigo por este motivo; e se para ser teu inseparavel companheiro não te offereço já o meu nome, meus dous nomes até, Adriano Genipapo, é que não desejo que venhas partilhar comigo do pão mal amassado, o unico que me concede este mundo patife!

CELESTINA.

Mas quando se ajúntão dous, ajuda um ao outro a carregar a pobreza, e reune-se o pouco que cada um ganha de sua parte.

ADRIANO.

Sim... é isso... não ha dúvida nenhuma; mas quando d'esses dous um ganha sómente — nada — e o outro de seu lado traz para o monte unicamente um — zero, — por mais que se sommem as duas parcellas quinhentas vezes por dia, o resultado da operação dá sempre — cousa nenhuma — e isso é o diabo, Celestina!

CELESTINA, suspirando.

Tens razão: é necessario esperar...

ADRIANO.

Esperar... esperar... é exactamente o que eu recommendo aos meus credores; desconfio, porém, que tanto lhes recommendarei, que esperem, que acabarei por não ter quem me fie um pão, e uma gotta d'agua!...

CELESTINA.

Coragem! ninguem como eu tem mais direito a aconselhar coragem : tu o-sabes já; nasci no seio da riqueza; mas era filha natural, e quando meu bom pae morreu, os parentes d'elle e meus queimárão-lhe o testamento, e enxotárão-me para o meio da rua.

ADRIANO.

E a victima foi olhada como uma creatura desprezivel! e os larapios, que queimárão o testamento, transformárão-se com a rica herança, que roubárão, em homens de bem e de gravata lavada!... É preciso confessar que o maior maluco d'este mundo é o mesmo mundo!

CELESTINA.

Fechárão-se-me todas as portas, e todos me repelirão; desanimava já, quando ouvi soar a meus ouvidos : « Eis uma mulher perdida! » Levantei a cabeça, e disse: « Não me perderei : » corri á uma igreja, e resei por meus paes, e por mim; quando sahi da igreja, tinha já o coração cheio de esperança e de coragem; trabalhei... sabia bordar, bordei; sabia desenhar, desenhei; cosi, copiei manuscriptos, e musica, e finalmente vi que podia com o meu trabalho viver independente de todos, e pura aos olhos de Deus; hoje desprezo os meus verdugos, amo-te, Adriano; mas amo-te honesta, casta e virtuosa para ser digna de ti quando me deres a mão de esposo, se o nosso amor fôr abençoado por Deus. Assim pois, Adriano, coragem! coragem, e trabalho!

ADRIANO.

Oh! tu me animas sempre! e animemo-nos ainda mais agora, Celestina, porque aproxima-se o momento, que deve realisar nossos sonhos de ventura.

CELESTINA.

Como então?...

ADRIANO.

Meu editor me espera d'aqui a pouco para ajustar comigo o preço de uma composição que hontem lhe enviei, e ao mesmo tempo espero vender uma ópera ao theatro Provisorio, e conto com um lugar na orchestra do theatro de S. Pedro.

CELESTINA.

Se tudo isso se pudesse realisar...

ADRIANO.

Realisar-se-ha, estou seguro; tenho todas as condições que se requerem. (Canta.)

> A fortuna é qual moça galante,
> Que nos traz em constante lidar;
> Já provoca, já foge, e já volta,
> Té que sempre se deixa apanhar.

E contando já com o meu proximo adiantamento, receberei aqui visitas esta noite.

CELESTINA.

E que visitas?...

ADRIANO.

Alguns antigos camaradas de collegio : o que havia de

ser, Celestina?... na última corrida de cavallos interessei-me por um maldito mouro de crinas brancas e de cauda preta; tinha-me esquecido que de um máo mouro não se póde fazer bom christão, e ainda mais era um diabo de cavallo que pertencia aos russos pelo pescoço, aos mouros pelo corpo, e aos escuros pela cauda : a cabeça pertencia a todos ao mesmo tempo, por que tinha todas as côres : era um cavallo que fazia furor, um cavallo da moda! apostei por elle e perdi! perdi um bolo inglez e doze garrafas de champagne! Nunca mais confiarei em animaes, que perténção a todas as côres.

CELESTINA.

E portanto pagas hoje o bolo inglez e o champagne?...

ADRIANO.

É verdade! faço esse obsequio aos meus amigos : tambem elles têm-me recebido tantas vezes em suas casas, que hoje por minha parte quero tambem recebel-os : o peór é que os meus amigos são ricos, e eu pobre; oh!... não é inveja, é orgulho : quando eu vejo que elles se deitão sobre bilhetes do banco, e eu não possuo cousa nenhuma, Celestina, daria sem hesitar tudo, absolutamente tudo quanto possuo, para ter uma renda de cem contos de réis.

CELESTINA.

Vou deixar-te em socego para que te occupes dos preparativos do teu bolo inglez; mas olha, toma cuidado em ti, Adriano; tu tens a cabeça muito fraca... não te adiantes muito pelo champagne...

FELISBERTO, entrando.

Ora graças, que uma vez o-encontrei!...

SCENA V

ADRIANO, que acompanha CELESTINA até á porta, e FELISBERTO.

ADRIANO.

Oh! caro e preclaro amigo Felisberto!... (Acompanha Celestina.)

FELISBERTO, á parte.

Exactamente... a nova rua, que a Camara Municipal projecta abrir, deve passar por aqui, e se eu consigo comprar esta casa, hei de vendel-a com um lucro de trezentos por cento, pois que tenho bons padrinhos.

ADRIANO.

A's ordens do meu amigo Felisberto!...

FELISBERTO.

O snr. adivinha sem dúvida os motivos que me trazem aqui...

ADRIANO.

Oh! incomparavel alfaiate! vem seguramente ver se tenho necessidade de alguma roupa; chega bem a proposito... a minha roupa mais nova mostra já os cordões diabolicamente, e exige a todo trance uma reforma.

FELISBERTO.

E o snr. pensa...

ADRIANO.

Em lhe encommendar roupa nova... pois que dúvida?... tenho inteira confiança na sua tesoura magistral; o snr. é o alfaiate de minha confiança; não lhe posso retirar o meu voto.

FELISBERTO.

Eu o-supponho: quando se é o alfaiate do corpo diplomatico...

ADRIANO.

Ah!... então o snr. é o alfaiate dos diplomatas?... porque não m'o-disse a mais tempo?

FELISBERTO.

Tenho essa honra; porém, voltemos ao que mais importa: o snr. diz que quer roupa nova?... bem: mas a respeito da velha, que lhe fiz...

ADRIANO.

Já não presta para nada, meu querido Felisberto!

FELISBERTO.

Estou por isso; é, porém, necessario que nos entendamos acerca de...

ADRIANO.

Da côr provavelmente?... é verdade: qual é a do último gôsto?...

FELISBERTO.

Não ha côr dominante agora; mas não é isso... o que eu quero, é que...

ADRIANO.

Já lhe disse, que o snr. é o alfaiate da minha confiança; escolha portanto as fazendas, corte, cósa, vista-me! eu me entrego em suas mãos... Que mais póde desejar?...

FELISBERTO.

O que eu desejo é, que finalmente fallemos sobre...

ADRIANO.

Sobre os botões, não é isso?... meu amigo, prefiro os de metal, porque o metal...

FELISBERTO.

Exactamente é por causa do metal que éu aqui venho; o seu metal, meu senhor, é muito raro... não apparece nunca... o meu cobrador já cansou de o-procurar, e agora venho eu proprio a ver se sou mais feliz: então?... (Canta.)

Está perdendo o seu tempo,
Se finge não me entender;
Pague já o que me deve,
Que eu tenho mais que fazer.

Não sou criado do povo;
Quem trabalha, quer comer;
Pague já o que me deve,
Que eu tenho mais que fazer.

ADRIANO.

Que!... será possivel que por alguns magros réis o alfaiate do corpo diplomatico se abaixasse a subir a um

terceiro andar?... o alfaiate do corpo diplomatico!... que miseria!... que miseria!...

FELISBERTO.

Mas é que o snr. chama magros réis a uma somma de...

ADRIANO.

Páre... páre... não pronuncie o total... lembre-se que sou musico, e que o som produzido por um total é capaz de esfollar-me os ouvidos!...

FELISBERTO.

Senhor! basta de gracejos; creio que devo ser pago, visto que não seria com o unico fim de lhe obsequiar, que ha dous annos o-tenho vestido dos pés á cabeça; lembre-se que está coberto com os meus pannos.

ADRIANO.

Alfaiate do corpo diplomatico! sabe musica?...

FELISBERTO.

Não, snr.

ADRIANO.

Em tal caso lhe farei ouvir uma composição, que deve elevar-me á immortalidade! Comprehendo perfeitamente, que em quanto não chega a immortalidade, é necessario ter de que viver; mas não é tarde... sim, caro, preclaro, e preclarissimo Felisberto; eu vou estrear na minha arte... o snr. já estreou na sua... a unica differença está nas nossas divisas; o snr. tem a tesoura, e eu vou ter a batuta... o snr. entende isto sufficientemente,

não é assim?... eu sou um rapaz de consciencia... O snr. deve sêr um homem de paciencia... eu... não pretendo enganar á pessoa alguma... oh! não... nunca!... porém, por ora... fallemos serio... (Batendo nos bolsos.) Estou a tocar matinas!... por consequencia, caro e preclaro Felisberto! em summa... em uma palavra... em último resultado... para dizer tudo... agora?... não póde ser: amanhã... veremos; espere sempre; (á parte) é impossivel... ninguem satisfaz um credor melhor do que eu!

FELISBERTO.

Senhor! se se acha em más circumstancias, tanto peór para a sua pessoa; quanto a mim, nada tenho com isso, nem pretendo intrometter-me em negocios alheios.

ADRIANO.

Todavia convem que fique sabendo, que me vão imprimir uma magnifica collecção de composições musicaes.

FELISBERTO.

Faço idéa... algumas walsinhas...

ADRIANO.

Nada... nada... cousa mais alta: vou concluir o meu ajuste com o editor, e espero em breve pagar-lhe a insignificante continha, que o snr. teve a baixeza de julgar tão elevada.

FELISBERTO.

Porém, quando, snr.? quando?...

ADRIANO.

Mais cêdo do que talvez espera.

FELISBERTO.

Juro que não será mais cêdo do que desejo.

ADRIANO.

Oh! que semelhança em nossos pensamentos, caro e preclaro Felisberto!

FELISBERTO.

Adeus, snr; como não nasci para andar toda a minha vida correndo atraz do seu dinheiro, cá lhe enviarei outra vez o meu cobrador.

ADRIANO.

Elle achará a porta da minha casa tão aberta e franca, como para o snr. o-está sempre a porta do meu coração!

FELISBERTO.

Preciso é pagar;
O triste credor
Não pode esperar;
Quem compra fiado,
E quer ser honrado,
De pagar os meios
Calcula e prevê;
Preciso é pagar,
Arranje com que.

ADRIANO.

Preciso é pagar?..
O duro credor
Não pode esperar?..
Eu comprei fiado,
Quero ser honrado;

Mas que os meios fáltão,
O senhor bem vê;
Preciso é pagar?..
Não tenho com que.

SCENA VI

ADRIANO, só.

Preciso é pagar... boa dúvida! que é preciso pagar, sei eu; mas como é que um homem sem dinheiro póde pagar suas dividas? é o segredo que elles me devião ensinar. Dinheiro... dinheiro... os diabos me levem se eu não o-desejo mais do que elles: ora é boa! tenho eu culpa de não ter nada de meu?... a fortuna é uma rapariga a quem tenho namorado toda minha vida, e a ingrata teimando sempre em dar-me de táboa; mas agora espero ficar ás boas com ella. Corramos á casa do meu editor... fica perto... ali de fronte: e o bolo inglez?... ah! chamemos a impagavel Beatriz... Eil-a que chega a proposito... Snra. Beatriz! snra. Beatriz!...

SCENA VII

ADRIANO e BEATRIZ.

BEATRIZ.

Aqui estou, snr.; mas por quem é, não me mande mais procural-o em parte nenhuma.

ADRIANO.

Esta noite reuno aqui os meus amigos : vá ao hotel de França, e receba lá um bolo inglez, e algumas garrafas de vinho, que lhe entregarão, e durante a minha ausencia disponha tudo o que é necessario para esta solemnidade um pouco extraordinaria em minha casa.

BEATRIZ.

O que é isto pois?... bolo inglez e vinho?... então o snr. tirou a sorte grande no vigesimo, que comprou no outro dia?...

ADRIANO.

Sim, modêlo das criadas!... (Canta.)

O diabo atraz da porta
Não devia sempre estar.

BEATRIZ.

Mas que fortuna foi essa?..

ADRIANO.

Minha sorte vai mudar.

Sinto já por tal ventura
O juizo a me voltar;
E a prova de que estou doudo
É que chego a te abraçar!

BEATRIZ, sem recuar.

Snr. Adriano, não comece com essas graças.

ADRIANO.

Não tenha receio... Oh! certamente deve confiar em si mesma... adeus... não esqueça nada. (Vai-se.)

SCENA VIII

BEATRIZ e depois PANTALEÃO.

BEATRIZ, suspirando.

Sempre pensei que tivesse o atrevimento de me abraçar! tambem de que me servia o abraço de um musicozinho das duzias?... se eu não recuo tão depressa... mas deixemos estas asneiras. Uma ceia!... ainda trabalho... e depois deita-se a gente tarde... perde-se a noite... e isto acontece á Beatriz a formosa, por causa de um musico de meia cara!... ora emfim vamos a ver o que se arranja. (Abre a gaveta.) Bem... copos cinco, exactamente, e cada qual de sua qualidade : pratos... nove, entrando dous rachados : aqui ha de tudo, desde a louça da china, até...

PANTALEÃO.

Olhem lá em que ella se occupa... dá de lingua como um deputado!... Velha resingueira, é assim que cumpres o nosso contracto?... eu te pago meia moeda por mez, fóra os caidos, para observares o procedimento da minha sucia de inquilinos, e entre tanto um d'elles está pondo os trastes da porta para fóra sem pagar o que legitimamente me deve, e eu nada sei do que se passa!... olha, que te suspendo o ordenado!

BEATRIZ.

E quem é que está fazendo esse desafôro?...

PANTALEÃO.

O locatario do terceiro andar, que acaba de fazer descer as escadas a dous enchergões e uma esteira!...

BEATRIZ.

Já sei o seu destino, snr.; os enchergões vão se encher de novo e a esteira, que já está muito velha, mandárão-na atirar á praia.

PANTALEÃO.

Aceito a explicação; mas sustento o que disse: eu quero que não durmas, e que de dia e de noite observes o que se passa na minha propriedade: olha... põe-te álerta principalmente de madrugada: quando eu tinha as minhas duas vendas era de madrugada, que eu fazia o melhor negocio com os pretinhos: aquillo, sim! hoje era um cordão de ouro por meia pataca, amanhã uma colher de prata por quatro vintens, depois d'amanhã um anel de brilhantes por um martelinho de infusão de gengibre, que eu chamava aguardente... oh! tudo isso sem bulha, sem matinada, e muito honradamente, muito honradamente!...

BEATRIZ.

Snr. Pantaleão, eu cumpro como posso as suas ordens; mas Vossa Senhoria bem sabe que eu sou tambem criada do musicozinho...

PANTALEÃO.

Tudo isto mudará, e principiarei hoje por mandar pôr os quartos na rua a esse insuportavel arranha-notas...

BEATRIZ.

Olhe, não hei de ser eu que me ponha diante d'elle para lhe impedir a retirada : pois o insolente não quiz ainda ha pouco dar-me um abraço?... e se eu não recuo tão depressa...

PANTALEÃO.

Emfim... devo proceder d'este modo : pois o que é esse musico?... um habitante de um terceiro andar : sómente farroupilhas mórão em taes alturas : dever-se-hia prohibir os terceiros andares... elles só servem para alojar inquilinos, que nunca págão ao senhorio.

BEATRIZ.

Eis ahi o que é fallar bem : cá eu sempre fui inimiga da canalha.

PANTALEÃO.

Sim... é isso mesmo : essa gente que não tem real de seu é uma verdadeira canalha!... Mas agora deixa-me só, que ouço os passos do meu inquilino farroupilha : anda, vai-te!

BEATRIZ.

Eu sou uma criada sempre prompta a obedecer a Vossa Senhoria por cuja felicidade reso sempre nas minhas bentas contas! (á parte) é um jagodes muito ordinario; mas é preciso fazer-lhe cortezias, porque dizem que tem dinheiro, como farinha! (A Pantaleão.) Sou uma criada de Vossa Senhoria Excellentissima... (Vai-se.)

SCENA IX

PANTALEÃO e ADRIANO desesperado.

PANTALEÃO.

Usemos do meu direito de proprietario para tratar a este melquetrefe como convém.

ADRIANO, atirando com o chapéo, e um rolo de musicas.

Estupido editor! falta-me á palavra! recusa minhas musicas!... é necessario, diz elle, que eu tenha um nome... um nome!... um nome preciso eu para qualificar tão indigno procedimento!... e eu, que calculava com isto, (sentidamente) obrigado a empenhar o meu relogio... a ultima lembrança de minha mãe! (Põe uma clareza ou papel sobre a mesa.) Porém, elle está seguro, e apenas puder tiral-o do Monte de Soccorro...

PANTALEÃO.

Penso que, emfim, o snr. se resolverá a prestar-me dous minutos de attenção!

ADRIANO.

Ah! é Vossa Senhoria, snr. Pantaleão?... perdoeme, não o-tinha visto... chegou muito a proposito...

PANTALEÃO.

A proposito?... então está de maré cheia?...

ADRIANO.

Sim; em maré cheia de tristeza... de angustias... de colera... de...

PANTALEÃO.

É moeda que não corre em minhas propriedades.

ADRIANO.

Pois vejamos : o que quer o snr. de mim?...

PANTALEÃO.

Duas cousas muito simples : primeira, despedil-o de inquilino de uma das minhas propriedades; segunda, despedil-o de mestre de musica de minha filha Ephigenia Pantaleôa.

ADRIANO, á parte.

Como vai tudo a melhor! Quéda!... em cima de quéda couce... em cima de couce... um dardo, que atravesse a esta sucia toda! Estou bonito! estou mesmo a ver jurar testemunhas!... (A Pantaleão.) Supponho que tenho o direito de perguntar-lhe os motivos de duas despedidas tão subitas, como intempestivas.

PANTALEÃO.

Pois não! eu lhe satisfaço : não me convêm que o snr. continue a dar lições de musica á minha filha, porque vejo que ella nenhum progresso faz; gasto em sua educação seiscentos mil réis por anno, e isto dura já ha dez annos, o que prefaz a quantia de seis contos de réis, que com juros e juros compostos, ía muito longe, e minha filha se vai tornando muito cara!

ADRIANO.

E tenho eu a culpa de que D. Ephigenia não tenha disposições para a musica?...

PANTALEÃO.

Que! pois a filha de um homem rico, de um homem que já teve duas vendas e que é hoje senhor de tantas propriedades, deixaria de ter disposições para a musica?... ella tem habilidade... mesmo habilidade rara, o que lhe falta é um mestre de capacidade.

ADRIANO, á parte.

E ature-se lá um estupido d'estes! (A Pantaleão.) Então é este o unico motivo porque sou despedido?...

PANTALEÃO.

Além disso ella tem coração... esse coração tem suas fraquezas... e eu tenho reparado que minha filha quando olha para o snr. fica sempre vermelha como um camarão.

ADRIANO.

Sim?... talvez aperte muito o espartilho.

PANTALEÃO.

Em suas lições de desenho ella não faz um nariz, uma orelha, um olho, que eu ahi não encontre o seu mesmo nariz, a sua mesmissima orelha, e até o seu mesmissimo olho!... em bom portuguez : desconfio que minha filha está se apaixonando pelo snr.

ADRIANO.

É possivel... e realmente isso não me faz mal nenhum.

PANTALEÃO.

Mas a mim me faz muito : eu, que já tive duas vendas, e que sou hoje senhor de tantas propriedades; eu que tenho uma certa posição, que sou capitão da guarda nacional, não havia de ir entregar minha linda filha a um pobre musico, que nem ao menos paga o aluguel da casa em que mora.

ADRIANO.

Não briguemos por isso : pagarei o aluguel d'esta casa...

PANTALEÃO.

Pagarei, pagarei, e pagarei, está o snr. a me dizer ha tres mezes!... e eu devo afirmar-lhe que por este terceiro andar acábão de me offerecer mais quatro mil réis por mez, além do que o snr. me devia pagar, e portanto...

ADRIANO.

Pois bem, eu cêdo; dê-me um pequeno quarto, uma *mansarda* qualquer em relação com os meus poucos meios, e amanhã mesmo estarei mudádo; póde crer : dou-lhe palavra de honra que em menos de um quarto de hora mudarei toda a minha mobilia... a minha louça... os meus trastes de luxo... emfim, tudo... tudo...

PANTALEÃO.

Devéras?... eis ahi um correctivo ao máo procedimento que tem tido comigo : ha aqui por cima d'este sobrado um sotão em que o snr. se accommodará perfeitamente.

ADRIANO.

Ah! é n'um buraco que fica aqui por cima?... pois está tratado; serve-me ás mil maravilhas... vou transformar-me em rato... Que bom agouro... os ratos quando são grandes, são tão felizes e respeitados!...

PANTALEÃO.

Mas insisto sempre no que lhe disse a respeito de minha filha, e quero que me pague o que me deve: preciso de dinheiro, senhor, e de muito dinheiro: vou entrar em negociações importantes; o monopolio da carne fresca e do toucinho é uma mina aberta, e os homens de bem não devem perder a pechincha; vou portanto abrir de novo as minhas vendas, e tornar a viver entre as pipas e os paios, e sobre as mantas de carne secca!

ADRIANO, *á parte.*

D'onde nunca deverieis ter sahido, taberneiro de uma figa!

PANTALEÃO.

Não se esqueça do que acabo de lhe dizer; ficaremos amigos como d'antes, logo que me pagar o que me deve; *(á parte)* minha filha apaixonada de um farroupilha: que humilhação!... *(A Adriano.)* Joven musico, locatario insoluvel, dinheiro quanto antes, e adeus... *(canta.)*

Da carne fresca e toucinho
No monopolio me empenho;
Chore o povo muito embora,
Eú com isso nada tenho;

Quero dinheiro e depressa,
Que o monopolio começa.

ADRIANO.

Da carne secca e toucinho
No monopolio se empenha:
Em taes biltres é preciso
Que a policia os olhos tenha;
Policia, acode depressa,
Que o monopolio começa.

SCENA X

BEATRIZ e ADRIANO logo depois.

ADRIANO.

« É necessario pagar; eu quero o meu dinheiro! » Tal e qual como aquelle indigno alfaiate: « Meu dinheiro! » Que gente estupida! só tem na bocca uma palavra, não sabe dizer, senão isto: « Meu dinheiro! » é fastidioso... massante... diabolico... vai-te, miseravel taberneiro.

BEATRIZ, trazendo uma cesta, e uma bandeja.

Snr., eis aqui o que me entregárão no hotel... vim carregada como um preto do ganho.

ADRIANO, examinando.

Muito bem: bôlo inglez... champagne... vinho do Rheno... madeira secco... Experimentemos este; afoguemos os pezares em copos de vinho (bebe); agora d'este outro (bebe); não está mào!...

BEATRIZ.

Mas como o-vejo triste, snr. : ah! adivinho, que já lhe dérão a noticia...

ADRIANO.

Noticia de que, mulher?...

BEATRIZ, arranjando a mesa.

Eu sou discreta... porém, como não é mais um mysterio... o snr. Juca do armarinho o-tem publicado por todo o quarteirão.

ADRIANO.

O que?... o que! diga de uma vez, ande.

BEATRIZ.

Emfim, elle é sufficientemente rico para fazer a fortuna de uma moça : olhe, só em consultas gratuitas, tem ganho rios de dinheiro!

ADRIANO.

Mas então o que ha?... desembucha, velha dos meus peccados.

BEATRIZ, á parte.

Velha! pois espera, que eu te curo. (A Adriano.) Eu me explico : o doutor Oliveira, medico homeopatha, que, como todos sabem, está muito rico, e que vende cada vidrinho das suas feitiçarias a cinco mil réis, fez suas proposições á snra. D. Celestina, que depois de algumas dúvidas acabou por dizer, que sim.

ADRIANO.

Celestina?!!! é uma ignobil mentira!

BEATRIZ.

O snr. está no seu direito duvidando; mas a noticia é official; falta só apparecer no *Jornal do Commercio,* e nos factos diversos do *Mercantil.*

ADRIANO.

Snra. Beatriz, retire-se, deixe-me!...

BEATRIZ.

Senhor!

ADRIANO.

Retire-se... retire-se... aliás...

BEATRIZ.

Está furioso : tal e qual como o meu defunto Pancracio quando tinha ciumes da sua formosa Beatriz! (Vai-se.)

SCENA XI

CELESTINA e logo ADRIANO.

ADRIANO.

Esta velha mente! mente por fôrça! mas não... deve ser verdade... as desgraças hão de continuar a cair sobre mim... todos devem abandonar-me... aborrecer-me: eu sou o mais vil dos homens, isto é... sou pobre!

CELESTINA.

Meu Deus! que tens?... ah! eu o-adivinho; o editor regeitou tuas musicas...

ADRIANO.

Sim, Celestina, elle faltou á sua palavra : é muito mal feito faltar á palavra que se dá, não é assim?...

CELESTINA.

Sim, sim; é muito mal feito.

ADRIANO.

Não é verdade, que quando se tem feito uma promessa, essa promessa se deve cumprir?...

CELESTINA.

Sim, sempre; mas a que fim semelhantes perguntas?...

ADRIANO.

Ah! Celestina! é que tu te condemnas por ti mesma; tu me fizeste uma promessa sagrada... juraste que serias minha mulher á face da igreja, e agora?... oh!... mas não... tens razão... era necessario esperar... sabe Deus quanto tempo!... e depois : que futuro te podia offerecer um simples artista, que jámais ganhará com que dar-te bellos vestidos de seda... que só teria para ti profuzão de amor, e de ternos cuidados?!!! pensas bem... é melhor um homem rico, que te encherá de brilhantes e de joias preciosas; que te levará ao theatro, aos espectaculos, aos passeios em seu vistoso carro!... tens razão, Celestina; aceita o homem rico, esquece o pobre musico; sómente uma cousa te peço : quando correres pelas ruas em tua carroagem, se encontrares o misero artista, recommenda ao teu cocheiro, que o não salpique de lama... isso será

um obsequio feito a quem morrerá pronunciando o teu nome.

CELESTINA, chorando.

Adriano! que acabas de proferir?... ah! despedaçaste-me o coração.

ADRIANO, cantando.

Não chores; podem no rosto
Traços do pranto ficar,
E esses signaes de amargura
Teu novo amor desgostar.

Tem valor, porque bem cedo
Para ti vindo a riqueza,
Esquecerás, sem remorso,
Quem te adora na pobreza.

CELESTINA.

Ah!... Adriano... és muito cruel!

ADRIANO.

Como?... ainda em cima sou eu que não tenho razão?... ora não falta mais nada!... tuas ausencias, essa luz que em horas mortas vejo em teu quarto... esse maldito homeopatha, que te faz propostas seductoras: tudo isso será um sonho de minha imaginação?...

CELESTINA.

Eu queria te occultar a razão porque vélo; mas já que me accusas, fallo, e provarei tua injustiça: essa luz que tens visto em horas mortas, esclarece minhas vigilias; eu aprendo a gravar musica... se não me acreditas, posso mostrar-te os meus trabalhos...

ADRIANO.

Celestina! é possivel?...

CELESTINA.

O meu bom Adriano... disse eu a mim mesma, merece ser feliz, e é desgraçado! Bem... eu não lhe serei pesada... elle tem talento; porém, não querem aceitar suas producções... pois eu as-gravarei... nós as-espalharemos pelo mundo... finalmente, far-lhe-hão justiça, e eu terei feito alguma cousa para lhe chegar mais cedo a gloria e a fortuna, que por fôrça deve ter um dia.

ADRIANO.

Ah! Celestina! tu tens tantas virtudes, como aquella joven mulher que outr'ora conduzia pela mão a Belisario cego! Mas esse indigno homeopatha...

CELESTINA.

Elle quer casar comigo.

ADRIANO.

Casar comtigo?...

CELESTINA, dando uma carta.

Eis a minha resposta; eu lh'a-ia enviar; pódes lêl-a; a carta ainda não tem obrea.

ADRIANO, depois de lêr.

Recusas, Celestina?... tu recusas um brilhante futuro?...

CELESTINA.

Sim; e queria tambem occultar-te isso.

ADRIANO.

Ah! que eu não mereço um anjo, como tu ès! quanto mais sobre mim pesa a pobreza, mais tu te prendes á minha má fortuna: ah! velha bruxa Beatriz de uma figa!

CELESTINA.

Não fallemos mais nisso.

ADRIANO.

Eu o-desejo, sim, porque o arrependimento de ter julgado mal de ti, me opprime tão fortemente o coração, que me acho quasi em termos de, por indisposto, transferir o bôlo inglez, que offereci aos meus amigos.

CELESTINA.

Bôlo inglez?... e o dinheiro?...

ADRIANO.

Eu ainda tenho .. uns... dezesete mil réis.

CELESTINA.

Sim?... e como os-arranjaste?...

ADRIANO.

Como os-arranjei?... sim... é verdade... foi... um caso muito engraçado; encontrei um amigo, que m'os-devia, e que m'os-pagou; o procedimento certo que é pouco usado; mas... esta snra. Beatriz... (Indo á porta.)

CELESTINA, junto á mesa e vendo a clareza.

Uma clareza!... o seu relogio no Monte de Soccorro!... ah! eu comprehendo tudo agora! (Guarda a clareza.)

ADRIANO.

Sinto as pisadas da minha velha e insolente criada.

CELESTINA.

Eu te deixo.

ADRIANO.

Sem resentimento, minha Celestina?...

CELESTINA.

Oh! sim! amando-te mais ainda!

ADRIANO, cantando.

Adeus, pois, o meu ciumè
Offendeu teu coração;
Mas do amor, que me consagras,
Alcancei facil perdão.

O ciume é um peccado,
Que sempre de amor provêm:
Sem ciumes não se ama;
Só quem não ama os não tem.

SCENA XII

ADRIANO e BEATRIZ que acompanha CELESTINA até a porta.

BEATRIZ, pondo no piano copos, pratos, etc.

Creio, que esta serigaitasinha olhou-me assim com um ar de desprezo... isto já me vai passando os limites da familiaridade!

ADRIANO, voltando.

Snra. Beatriz, a snra. é uma velha Proserpina!

BEATRIZ.

Proserpina! Proserpina!... e o snr. é um... é um... é um Proserpino! (À parte.) Entendo isto perfeitamente... a menina untou-lhe mel pelos beiços, e elle caiu como um patinho... como é credulo, coitado!...

ADRIANO.

Então tudo está prompto?... mas faltão duas facas...

BEATRIZ.

Fórão essas as unicas que encontrei na gavêta da mesa: e note que uma já está desconjuntada.

ADRIANO.

Não importa: os meus amigos são ricos, e estão acostumados ao luxo; é bom que vejão um dia e bem de perto como se passa na pobreza: divertir-se-hão ainda mais com isso.

BEATRIZ.

Devo, porém, dizer, que o meu defunto Pancracio era bem pobre, mas quando queria dar o seu banquete, mandava-me pedir louça emprestada á mulher do sargento Luizinho...

ADRIANO.

Silencio! sinto que sobem os meus amigos: limite-se ás suas funcções; e que se não perceba, que eu discuto com os meus criados.

BEATRIZ, á parte.

Criados! vejão como é insolente este farroupilha.

SCENA XIII

ERNESTO, EDUARDO, ADRIANO, BEATRIZ, e dous Amigos.
Adriano os-recebe na porta.

OS AMIGOS.

Eis-nos promptos para a sucia,
P'ra comer, beber, folgar;
Queremos rir e brincar;
Eis-nos promptos, bem o-vês:
Venha o vinho de Champagne,
Venha o nosso bôlo inglez.

ADRIANO.

Bem vinda seja esta sucia,
Disposta a rir e folgar;
Eu tambem quero brincar,
E brincarei como tres:
Eis-aqui o bom champagne,
Eis o nosso bôlo inglez.

ERNESTO.

Bem vês, que somos exactos!

ADRIANO.

Eu vos agradeço... vamos, tratemos de sentar-nos snra. Beatriz, por ora dispensâmos os seus serviços; retire-se...

BEATRIZ, á parte.

A trinta annos passados esta sucia de bregeiros me convidaria a tomar parte na patuscada. (Vai-se.)

SCENA XIV

Os Mesmos, menos BEATRIZ.

ADRIANO.

Sirvamo-nos de bôlo inglez!...

ERNESTO.

Proponho que se dê carta de naturalisação a este bôlo: parece estar tão gostoso, que vale a pena fazer-se d'elle uma conquista nacional.

ADRIANO.

Os vossos copos, senhores...

EDUARDO.

Eu cá tenho um copo de meio quartilho.

ERNESTO.

E eu um de lavôres dourados!...

ADRIANO.

Perdoae-me, senhores, o meu apparelho se acha um pouco desprovido...

EDUARDO.

Isto dobrará ainda o nosso prazer...

ADRIANO.

Misturemos o champagne com o Rheno e o madeira: viva quem mais beber! (Bebe.)

ERNESTO.

Excellente bôlo!... mandarei o meu *groom* aprender com Adriano a fazer bôlo inglez.

EDUARDO.

Ah! tu tens um *groom?*...

ERNESTO.

D'esta altura... (fazendo signal de pequeno tamanho) inglez de puro sangue...

ADRIANO, á parte.

E eu?... só tenho por *groom* a velha Beatriz!... nada... vou embebedar-me. (Bebe.)

ERNESTO, a Eduardo.

A proposito: sabes, que comprei um cabriolet?... oh! cousa encantadora!

ADRIANO, á parte.

E eu?!! eu cá tenho os omnibus ou as gondolas em lugar do cabriolet... oh! sorte endemoninhada!...

EDUARDO.

Eu pretendo ter um carro magnifico, logo que herdar de meu tio, o conselheiro, trinta contos de réis de renda annual... nada menos que isso.

ADRIANO.

Então tu tens um tio com trinta contos de réis de renda?... (Bebe.)

ERNESTO.

Eu conto que minhas duas tias me deixarão muito mais do que isso... Florindo e Julio têm igualmente bellas heranças em perspectiva... oh! que bello uso faremos de tanto dinheiro!...

ADRIANO, á parte.

Todos elles têm parentes millionarios... e eu?... eu tenho as algibeiras em trapos, e nunca me acontece cair-me o dinheiro por ellas abaixo! nem passado, nem presente, nem futuro, sou um pinga na extensão da palavra! ora isto faz ferver o sangue!... (Bebe.)

ERNESTO.

E quem será tão desgraçado, que não tenha tios, ou tias ricas?...

ADRIANO.

Apoiado! qual será, qual esse desgraçado?

ERNESTO.

Então, tu tambem os-tens?...

ADRIANO.

Ora seguramente! (Á parte.) É boa! então porque não posso ter tambem os meus parentes?

EDUARDO.

Onde mora teu tio?...

ADRIANO.

Eim?... (Bebe.)

EDUARDO.

Teu tio onde existe?

ADRIANO.

Meu tio?... não é precisamente um tio... é um primo... oh! um parente de desempenho! (Á parte.) Que mentira tão miseravel!

TODOS.

Um primo!...

ADRIANO.

Sim... um primo, que habita na California... Paulo... Claudio... Genipapo... tal qual... e eu que sou o seu unico herdeiro : (á parte) todos elles têm tios ou tias, não é muito que eu arranje um primo para mim. (Bebe, e já meio tonto aos outros.) Vossês bebem muito soffrivelmente!

ERNESTO, aos outros.

Eis-aqui um parente, cuja existencia me parece contestavel : (A Adriano) então teu primo é muito rico?... o snr. Paulo... Claudio... Genipapo?...

ADRIANO.

Oh! immensamente rico! foi ha quatro annos para a California, e hoje possue nada menos que dous mil contos... cinco milhões. (Á parte.) Eu arranjo esta fortuna toda com a maior facilidade... é uma riqueza, que não me custa nada.

ERNESTO.

E tu sem dúvida entretens com elle a mais viva correspondencia... Mostra-nos algumas de suas cartas.

ADRIANO.

Nada... elle não me escreve ha muito tempo; simples

delicadeza de sua parte... não quer arruinar-me com os portes do correio.

ERNESTO, aos outros.

Vejão que desculpa! (A Adriano.) Póde ser que teu primo já tenha morrido.

ADRIANO.

Qual! se elle tivesse morrido já me tinha mandado participar...

ERNESTO.

Pois então bebâmos á sua saude!...

ADRIANO, bebendo.

Sim... bebâmos! isto não póde fazer mal nenhum a meu primo.

ADRIANO.

Soffrido tenho até hoje
As privações da pobreza;
Mas em breve irei gozar
Todo o luxo da riqueza.

TODOS.

Oh! vem depressa,
Feliz herança!
Tu nos promettes
Grande folgança.

TODOS.

Viva! viva!

ERNESTO.

Oh! que soberbo futuro!...

ADRIANO, *enfraquecendo.*

Sim... o futuro... é meu, não tem dúvida; eu sou muito amigo do futuro... oh! que bello primo!

EDUARDO.

A' saude das nossas namoradas!... viva!

TODOS.

Hip! hip! hip! — urrha!...

ADRIANO.

Viva... meu primo... oh! sim... meu rico primo...

ADRIANO.

Morre já, querido primo,
E deixa-me o teu dinhéiro;
Sóbe p'ra o céo direitinho,
Mas que eu seja o teu herdeiro.

TODOS.

Oh! vem depressa,
Feliz herança!
Tu nos promettes
Grande folgança.

EDUARDO, *mostrando Adriano.*

Oh! eil-o adormecido!

ERNESTO.

Effeitos do champagne! pobre rapaz, não está habituado.

ADRIANO, *balbuciando.*

Excellente... oh!... o que eu tenho... é... o que eu não

tenho... ah! ah! como é agradavel estar a gente sem um real de seu!... Er...nesto... Edu...ardo... não os-vejo mais... partirão... Ah! ah! como elles engulirão a historia do primo da... California... ah!... ah!...

ERNESTO.

O que é que elle está dizendo?

EDUARDO.

Oh! eis-aqui como é a grande herança do nosso pobre Adriano!...

ADRIANO.

Ah!... como é... doce... do...... doce. (Adormece.)

ERNESTO.

Meus amigos, uma idéa!

TODOS.

Qual?...

ERNESTO.

Vós sabeis que eu tenho amigos na redacção de todos os jornaes: pois bem, graças á imprensa, vou dar em um mesmo dia vida e morte a esse primo fantastico imaginado por Adriano: eu quero realisal-o, afim de o-poder matar.

TODOS.

Excellente idéa!...

ERNESTO.

Amanhã Adriano contará com esta herança imaginaria; essa riqueza lhe durará talvez um dia: nós nos divertiremos com a sua surpreza e com a sua alegria: elle preten-

deu divertir-se á nossa custa; pois bem, seremos nós que nos divertiremos á custa delle!

TODOS.

Apoiado! apoiado!

ERNESTO.

Elle está profundamente adormecido: venha uma penna e papel... ides admirar a belleza do meu estylo. (Escreve.) « Uma carta da California, datada de 25 de outubro proximo passado, annuncia com certeza a morte de um Brasileiro... » O nome e sobre-nome do fabuloso primo?...

EDUARDO.

Paulo Claudio Genipapo.

ERNESTO, escrevendo.

« De nome Paulo Claudio Genipapo, estabelecido na California ha quatro annos: morreu sem deixar filhos, ficando unico herdeiro de sua fortuna, que sobe a cinco milhões, um primo — Adriano Genipapo — joven músico estabelecido no Rio de Janeiro. »

TODOS.

Muito bem! muito bem!

ERNESTO.

Amanhã esta noticia apparecerá publicada nos tres jornaes diarios da Côrte.

TODOS.

Bravo!

ERNESTO.

Ah! meu pobre Adriano!

EDUARDO.

Eil-o que abre a bocca!

ERNESTO.

Elle sonha talvez com a sua pobreza; amanhã sonhará ainda, mas sonhará em completa vigilia, e então terá um verdadeiro sonho de ouro!

EDUARDO.

Mais um copo de vinho!

ERNESTO.

Sim, á saude de Adriano, e da sua riqueza!... (Enchem os copos.)

ERNESTO.

Em pobreza adormecido
Ha de rico amanhecer;
Mas no fim de poucas horas
Pobre outra vez ha de ser.

TODOS.

Que viva o herdeiro
Dos cinco milhões,
Milhões que não valem
Nem cinco tostões!

TODOS.

Hip! hip! hip! — urrha!...

FIM DO ACTO PRIMEIRO.

ACTO II

O theatro representa a saleta baixa, irregular e pobre de uma *mansarda*; os trastes e mobilia da sala do primeiro acto estão em desordem.

SCENA PRIMEIRA

ADRIANO e BEATRIZ.

ADRIANO.

Eis-me aqui em uma *mansarda!* por cima de um terceiro andar! se vou n'este subir continuado, em pouco tempo mandão-me morar nas montanhas da lua! não póde haver dúvida nenhuma, eu me acho em uma alta posição! Brigão tanto por esse mundo por causa das altas posições... e eu me vejo socegadamente de posse da que me concedeu o meu amigo do monopolio do toucinho!... Vamos, snra. Beatriz, acabemos com isto.

BEATRIZ.

É necessario não ter muita pressa; já estou bastante moida, e fique sabendo, que se me não tivesse pago o mez adiantado, não era capaz de me obrigar a subir até este buraco.

ADRIANO.

Pois a viagem não é das mais longas... do terceiro andar a este meu novo palacio não ha senão uma escada.

BEATRIZ.

Mas quando se tem já subido dez vezes!...

ADRIANO.

Sempre lhe acho de máo humor, snra. Beatriz!

BEATRIZ.

E queria que estivesse muito derretida?... é boa!... uma snra., que era no outro tempo chamada a formosa Beatriz, e que depois foi casada com um cabo de esquadra, ver-se emfim reduzida a representar o papel de criada de um musico!

ADRIANO, á parte.

A maldita velha é mil vezes péor que uma maitáca! e eu forçado a soffrer seus máos modos, e suas insolencias! oh! sorte de uma figa!...

BEATRIZ.

Toda vossa mobilia se reduz a isto, ou tendes mais alguma cousa lá embaixo?...

ADRIANO.

Snra. Beatriz, no que diz respeito á mobilia, *dixit!* mas lá embaixo ainda está o que eu tenho de mais precioso, o meu violão e as minhas musicas.

BEATRIZ.

As musicas?... assim mesmo talvez que algum fogueteiro as-quizesse comprar para fazer bombas, e désse por ellas duas ou tres patacas; e se além disso o snr. vendesse estes trastes a algum belchior, poderia ser que...

ADRIANO.

Silencio! a snra. parece haver promettido aos santos de sua maior devoção o não abrir a bocca hoje, que não seja para dizer parvoices; fique pois grunhindo sósinha, que irei eu mesmo buscar aquelles inapreciaveis objectos. (Vai-se.)

SCENA II

BEATRIZ, sentando-se

Havia de ter que ver, se eu me fatigasse por um musico tão ordinario: nada... vou lêr o jornal, que o barbeiro da esquina me emprestou; já ha de estar desesperado por elle: em quanto aos arranjos desta *mansarda*, o snr. musicozinho póde muito bem esperar. Vejamos. (Tira o jornal, põe os oculos e lê.) « — Guerra do Oriente... os

Russos e os Turcos... » Ah! quem me dera vêr esta sucia de Turcos toda ella enforcada!... eu cá sou Russa... Russa até os cabellos!... não posso levar à paciencia, que hajão homens, cada um dos quaes se case com cincoenta mulheres!... todas as snras. devem ser Russas. (Lê.) « Falla-se em mudança de ministerio... » Que me importa?... para mim suba quem subir é sempre a mesma cousa! quem vê um, vio todos. (Lê.) « Hontem estiverão expostos durante todo dia no campo d'Acclamação um burro, dous cachorros, e tres gatos mortos... » Ora que asneira! pois o campo da Acclamação não é mesmo o lugar do despejo publico?... » (Lê.) Uma carta da California, datada de 25 de outubro proximo passado, annuncia com certeza a morte de um Brasileiro de nome Paulo Claudio Genipapo... » Genipapo?... é o mesmo nome do tal musicozinho das duzias. (Continúa a ler baixo e espantada.) Oh! meu Deus!... será possivel!... era seu primo!... e elle fica seu unico herdeiro!... só se eu me engano... (Ergue-se, e esfrega os oculos.) Vejamos... vejamos... (Lê.) Não... está aqui!... impresso!... em lettra redonda!... o snr. Adriano millionario!... e eu chamal-o musicozinho... não, lingua damnada! é um musicozão, maior que Rossini, que Donizetti, e que toda essa gente da casa da ópera! é maior que... que... é maior que tudo emfim: o snr. Adriano millionario.,. vai ter uma casa... criados... é bem capaz de me tomar para sua criada grave... Que inconsequencia havel-o tratado sem o devido respeito... então eu... eu que sempre tive ao snr. Adriano a maior amizade... mesmo uma amizade que faria desconfiar, se eu já não

fôsse maior de cincoenta... vamos pois... zelo... cuidado... trabalhemos com boa vontade... (Arruma os trastes com ardor.)

Eu não sou velha enfesada,
Menos beata fingida;
Sou uma boa criada,
Que gosta da sua vida.

E o amosinho que eu tenho
É bom como um serafim,
É uma joia, um thesouro,
Um cupido d'alfinim.

SCENA III

BEATRIZ e ADRIANO, trazendo o violão e as musicas.

ADRIANO.

Finalmente, eis aqui tudo.

BEATRIZ, correndo a elle.

Oh! snr. Adriano, meu amorsinho do coração da minha alma! para que tomou o trabalho de ir buscar tanta cousa lá embaixo?... era eu quem devia ir... eu tinha obrigação disso..

ADRIANO, espantado.

O que é isto, snra. Beatriz?... a snra. está devéras fallando comigo?...

BEATRIZ.

Certamente : por ventura não sou criada de V. S.?

ADRIANO.

Senhoria?!!! snra. Beatriz, diga, está em seu perfeito juizo?...

BEATRIZ.

Nunca me senti melhor.

ADRIANO.

Nada... a snra. não está no seu estado normal.

BEATRIZ.

Sim, snr... estou mesmo no natural da minha natureza!

ADRIANO.

Todavia... esta esquisita urbanidade... os obsequios que agora me está fazendo... esta mudança do preto para o côr de rosa operada em um instante... tudo, tudo é um phenomeno em nossas relações quotidianas.

BEATRIZ.

Talvez que as vezes eu me tenha achado de máo humor... é necessario perdoar os pezares internos que me atormentão : quando se tem recebido uma certa educação, e se chegou a ser...

ADRIANO.

Ah! sim... sim...

BEATRIZ.

É duro ver-se depois a gente reduzida a uma triste po-

sição : tirando disto, eu não sou má, e, olhe, tive sempre por V. S. a mais decidida predilecção...

ADRIANO.

Senhoria outra vez!... emfim, seja como fôr, antes como está, do que como estava.

SCENA IV

BEATRIZ, ADRIANO e CELESTINA, trazendo manuscriptos de musica e chapas de cobre.

CELESTINA.

Bom dia, Adriano; trago-te as minhas chapas de musica, para que admires os meus progressos.

BEATRIZ.

Oh! que calamidade! mãos tão delicadas carregando semelhante peso! dê-me isso, snra., dê-me... ande... sente-se... eis-aqui uma caixa... descance...

CELESTINA, admirada.

Obrigada... agradecida... snra. Beatriz; (a Adriano) Adriano, como se explica isto?...

ADRIANO, a Celestina.

Celestina, isto como se explica?...

CELESTINA.

Snra. Beatriz, olhe bem para mim : a snra. está bem certa de quem eu sou?

BEATRIZ.

Oh! se estou! a snra. é a moça mais bella, mais modesta e mais perfeita das vinte provincias do imperio do Brasil, e isto é o que eu tenho sempre dito e sustentado.

ADRIANO.

Snra. Beatriz, pois que emfim a snrâ. acaba de fazer ponto, concluindo a oração com um sentido perfeito; aproveito o ensejo para pedir-lhe que vá lá para baixo procurar por mim, e ver se me descobre escendido em algum canto.

BEATRIZ.

Pois não, meu snr., eu deixo V. S. em liberdade; (á parte) vou em um pulo dar a noticia ao snr. Pantaleão.

CELESTINA, á parte, pondo uma caixa de relogio na gaveta.

Elle não me está olhando... aproveitemos o momento.

BEATRIZ.

Se V. S. tiver necessidade de mim, basta um simples aceno; estou e estarei sempre prompta a servil-o com gosto: (a Celestina) sua serva... snr.... (a Adriano) snra.... (a Celestina) snr.... (a Adriano) snra.... (Vai-se, fazendo mil comprimentos, e sem jámais dar as costas.)

SCENA V

ADRIANO e CELESTINA.

CELESTINA.

Eu não posso comprehender isto...

ADRIANO.

Consola-te comigo, minha amiga; é um prodigio, é um phenomeno estupendo para quem está no ultimo apuro do infortunio, como eu; sim... porque tu o-estás vendo, é impossivel que eu desça mais abaixo, por quanto estou morando quasi em cima do telhado.

CELESTINA.

Fizeste algum presente á snra. Beatriz?

ADRIANO.

Qual! apezar do meu genio um pouco extravagante, nunca me veio ao pensamento semelhante asneira; mas, emfim, deixemos a minha grotesca criada; dize : como achas o meu novo domicilio?...

CELESTINA.

Excellente.

ADRIANO.

Muito pequeno, não é isso?...

CELESTINA.

Não vejo razão para que te estejas lastimando. (Canta.)

No rico palacio
De ouro fulgente
Nem sempre o vivente
Encontra o prazer.

As vezes n'um rancho
De palha formado
Se vê, como o fado
Dá grato viver.

Ah, sim, que se goza
O nectar mais puro,
Se no rancho escuro
Dous podem caber.

ADRIANO.

É assim, certamente que é assim; mas sempre com a condição de caberem dous no tal ranchinho: e este é o meu rancho... e se algumas economias me fôssem possiveis, eu daria aqui mesmo um lugar a ti, como minha legitima mulher.

CELESTINA.

Isso é verdade, Adriano?... bem verdade?... Ah! tu não comprehendes como esse pensamento é doce para o meu coração!

ADRIANO.

Não tenho-te dito já, Celestina, que logo que as circumstancias o-permittão...

FELISBERTO, dentro.

Mais acima?... obrigado.

ADRIANO.

Ainda este massante alfaiate!...

CELESTINA.

Eu me retiro...

ADRIANO.

Não, pelo contrario, demora-te: talvez que a tua vista lhe diminua a ferocidade; ah! que demonios serião os que inventárão os credores!!

CELESTINA.

Sem dúvida, Adriano, fórão os devedores.

SCENA VI

FELISBERTO, ADRIANO e CELESTINA

FELISBERTO.

Dá licença?...

ADRIANO.

Oh! pois não! (Á parte.) Entra, diabo.

FELISBERTO.

Eu estou desesperado por me ver obrigado a parecer importuno!

ADRIANO, á parte.

Mais desesperado do que eu não está, certamente elle.

FELISBERTO.

Passando por acaso por diante d'esta casa...

ADRIANO, á parte.

Os credores passão sempre casualmente por defronte da porta dos devedores.

FELISBERTO.

Meu caro amigo, hontem eu fui por demais apressado... não estava em mim... um negocio importante me preoccupava tanto, que o-deixei de repente e sem lhe tomar medida; ao acordar hoje, lembrei-me do meu bom amigo, como sempre me acontece, por que realmente eu lhe tributo verdadeira estima; lembrei-me, pois, e disse comigo mesmo: o meu caro Adriano precisa da minha tesoura e... eis-me aqui... (Desdobrando a medida.)

ADRIANO, á parte.

Ora, esta agora ainda é melhor!... eu estou no mundo da lua!... (A Felisberto.) Então o snr. diz...

FELISBERTO.

Vestido preto, completo, não é assim?...

ADRIANO.

Snr. Felisberto... então eu... e o snr.... sim... o snr.... e eu... como hontem... era hontem... e hoje... (Á parte.) Eu não sei mesmo o que lhe hei de dizer... isto é uma charada indecifravel!

FELISBERTO.

Mas o que pretende fazer-me entender? ..

ADRIANO

Eu?... pois se exactamente sou eu, que não entendo nada, homem!

FELISBERTO, á parte.

Ainda não sabe .. tanto melhor; isto me fará honra... (A Adriano.) Nada ha mais intelligivel; quero tomar-lhe medida...

ADRIANO.

Comtudo, hontem o snr. negou-se a isso, e creio mesmo, que chegou a ameaçar-me.

FELISBERTO.

Eu?... eu?... como?... o snr. me confunde com outro: eu ameaçar ao meu maior amigo?... a aquelle, em cuja defeza eu me deixaria fazer em postas, morreria até, exclamando no momento de morrer — oh! gloria! morro por um amigo! — *amicus est alter ego!!!*

ADRIANO, á parte.

Começo a me persuadir que estou com o juizo virado! Quem sabe se ainda me dura a mona de hontem?... por que é impossivel, eu juro, que tudo isto que acontece esteja realmente acontecendo.

CELESTINA, á parte.

Aqui ha mysterio, seja elle qual fôr.

FELISBERTO.

Nós diziamos, pois — vestido preto...

ADRIANO.

Nada: a roupa preta é muito cara, e estraga-se muito depressa; antes quero azul.

FELISBERTO.

Por consequencia, preta e azul; a azul em verdade tem seu lugar; actualmente, porém, o snr. Adriano ha de precisar da preta.

ADRIANO, á parte.

Ah! entendo: este melquetrefe tem na loja alguma porção de panno preto velho, e como se vê em termos de mandal-o atirar á praia, prefere fazer-me roupa com elle.
(Felisberto toma a medida e canta.)

FELISBERTO.

Deixe que eu tome a medida...

ADRIANO.

Sim, senhor...

FELISBERTO.

Fique direito.
Nunca vi moço mais lindo,
Mais garboso, e mais bemfeito.

ADRIANO.

Ora, até já sou bonito!

FELISBERTO.

Sempre o-foi...

ADRIANO.

Inda mais essa!

Ou estou doudo ou este amigo,
Quer pregar-me alguma peça.

AMBOS.

FELISBERTO.

Fazer esta roupa
Que gôsto me dá!
Que linda casaca
Não lhe sahirá!

ADRIANO.

A tal roupa nova
Cuidado me dá;
Que cára casaca
Não me sahirá!

ADRIANO.

Mas já de antemão lhe vou declarando, que duvido muito, que lhe possa pagar, ouviu?... não sei se lhe poderei pagar, entendeu?...

FELISBERTO.

Oh! e quem foi que lhe fallou aqui em dinheiro, meu caro amigo?...

ADRIANO.

Nada! não posso mais viver com tal mysterio! Snr. Felisberto, explique-se: hontem, eu não lhe merecia um seitil de credito, e hoje...

FELISBERTO.

Oh! sim! hontem, hoje, amanhã o snr. tem sido, é, e

será sempre o meu amigo do coração: eis a unica explicação, que póde dar uma alma sensivel como a minha.

ADRIANO, a Celestina.

Celestina, vai pedir que me preparem um quarto no Hospicio dos alienados da Praia Vermelha.

FELISBERTO.

Emfim, o meu caro amigo Adriano me dará a honra de tomar um lugar no meu caleche, e iremos juntos á minha casa escolher os mais finos pannos.

ADRIANO.

A melhor! quer que eu lhe faça a honra de tomar um lugar no seu caleche!... então que me dizem a esta?...

FELISBERTO.

Nada de ceremonias... verá como elle é elegante... talvez que lhe dê na cabeça comprar-m'o... olhe... póde, se quizer, ficar com elle, e com os cavallos, que são magnificos, por trės contos de réis, é quasi de graça...

ADRIANO.

E esta?... pois o homem não quer me vender o seu caleche?!!

FELISBERTO.

Não percamos tempo... o seu chapéo, (da-lhe o chapéo) a sua bengala... pois não tem bengala?... é indispensavel: eu lhe cedo a minha... tenho outras em casa... esta custou-me sessenta mil réis; olhe, é de unicornio, e tem rico castão de ouro; eu lh'a-cedo pelo custo...

ADRIANO.

Então eu hei de dar sessenta mil réis por isto? estou quasi gritando ah! quem d'El-Rei!... esta gente quer pôr-me doudo...

FELISBERTO.

Oh! sessenta mil réis... que vale isso?... o snr. não póde fazer caso de semelhante bagatella. (Canta.)

Querido amigo, emfim,
É tempo de pôr casa,
Fazer não póde vasa
Vivendo sempre assim.
Meu caro, eu já lhe acudo,
Por quanto tenho tudo
Que possa desejar;
Oh! venha me comprar
Mobilia nova e linda
De França ha pouco vinda,
Cadeiras de lavores,
Quatorze aparadores,
Divans, sofás e mesas
De fórmas e bellezas
Em tudo variadas:
As mesas regulares
Redondas, ou quadradas,
E até triangulares;
Por uma ninharia
Lhe cedo a livraria,
Que bem cára comprei!
Tambem lhe venderei
O meu melhor carrinho,
E até o fardamento

P'ra um lindo jokeyzinho,
E tudo a bom contento.
Sim, sim, venha comprar,
Que em tudo que lhe vendo,
Amigo, o que pretendo
É só gôsto lhe dar.

ADRIANO.

Ora, louvada seja a Providencia! pois que, emfim, conheço que quem está doudo não sou eu, é elle!

FELISBERTO.

Vamos, vamos depressa, amigo do coração.

ADRIANO.

Adeus, Celestina, eu me deixo levar para vêr isto em que dá.

SCENA VII

Os Mesmos, e PANTALEÃO que apparece apressado.

PANTALEÃO, a Adriano.

Um instante!...

ADRIANO.

O taberneiro monopolisador do toucinho! agora sim, estou apertado... (Querendo sahir.) Desculpe, snr. Pantaleão...

PANTALEÃO.

Não o-posso deixar sahir... tenho um negocio mais importante, do que o proprio monopolio da carne fresca.

FELISBERTO.

Conclua os seus negocios, meu amigo; não lhe quero ser incommodo; vou esperal-o em minha casa...

ADRIANO, querendo sahir.

Nada... já agora eu tambem vou.

PANTALEÃO, retendo-o.

De modo nenhum... os momentos são preciosos...

ADRIANO, á parte.

Como me safarei eu das unhas d'este gavião!...

FELISBERTO, á parte.

A sós conferenciando,
Ambos vão aqui ficar;
Que tratada será esta?...
Que irá disto resultar?...

ADRIANO.

A sós conferenciando,
Nós vamos aqui ficar;
Que maldito taberneiro,
Que maçada me vai dar!

PANTALEÃO.

A sós conferenciando,
Nós vamos aqui ficar;
Não me escapa o millionario,
Eu o-hei de conquistar.

CELESTINA.

A sós conferenciando,
Elles vão aqui ficar;

Anda nisto algum mysterio,
Que eu não posso desnublar.

SCENA VIII

ADRIANO e PANTALEÃO.

PANTALEÃO.

Meu joven e prezado amigo, agora que estamos sós, eu me posso desabafar...

ADRIANO, á parte.

Oh!... pois tambem o taberneiro?... Que diabo quer dizer isto?... estarei dormindo... ou... ou... querem vêr que graça na cidade alguma peste de loucura!...

PANTALEÃO.

Mas, antes de tudo, consinta V. S....

ADRIANO, estupefacto.

V. Senhoria!!! elles acabão hoje por dar-me excellencia!...

PANTALEÃO.

Consinta V. S. que eu lhe abrace, e que faça correr por suas faces uma lagrima de dôr, que V. S. ajuntará áquellas, que, sem dúvida, já tem derramado hoje!...

ADRIANO

Eu, senhor?... eu ainda não derramei hoje uma unica lagrima!

PANTALEÃO, chorando.

Isso depende dos temperamentos; cá eu choro como um bezerro!...

ADRIANO, á parte.

Ha de ser consequencia da profissão.

PANTALEÃO.

V. S., sem dúvida, é duro para chorar...

ADRIANO.

Mas, sou eu algum bobo para andar chorando á tôa?... chorar porque, homem dos meus peccados?!

PANTALEÃO.

Comigo é inutil o fingimento... eu sei tudo!...

ADRIANO.

Está mais adiantado do que eu, que ainda não sei nada.

PANTALEÃO.

Pois, vá que não saiba: mudemos de assumpto, e tanto mais que vou propôr-lhe um negoció importante. Snr. Adriano, estou decidido de pedra e cal a metter-me com unhas e dentes no monopolio do toucinho e da carne fresca; mas para isso é, como lhe dizia hontem, necessario dinheiro grosso.

ADRIANO, á parte.

Entendo agora: o maldito taberneiro untou-me mel pelos beiços para acabar pondo-me fóra d'este buraco!...

PANTALEÃO.

Sou, portanto, obrigado a vender as minhas propriedades; ora, como V. S. não o-ignora, eu sou proprietario de uma filha muito bem edificada, e pae de uma casa perfeitamente educada... ora... quero dizer...

ADRIANO.

Entendo... entendo... é isso mesmo, trocando a casa pela filha.

PANTALEÃO.

Na nova posição em que V. S. se acha...

ADRIANO.

Que posição, senhor!... (á parte) eu creio que esta caçoada já vai passando a desafôro... e se me chega a mostarda ao nariz, eu caio de soco inglez n'esta sucia toda.

PANTALEÃO.

Basta de gracejar... fallemos seriamente... Eu sou um homem serio, e muito honrado.

ADRIANO, á parte.

Oh! pois não! e tanto o-é, que metteu-se com unhas e dentes no monopolio do toucinho.

PANTALEÃO.

Na sua nova posição tem V. S. necessidade de uma casa e de uma mulher: V. S., meu amigo do coração, conhece minha filha, e esta casa; venho pois rogar-lhe que me compre a propriedade, e que se case com a rapariga.

ADRIANO, estupefacto.

A casa... e a moça?... ora isto só pelo diabo: é de mais! é pouca vergonha! (a Pantaleão) Snr. Pantaleão, o snr. suppõe que deve divertir-se á minha custa?!! (á parte) estou quasi atirando-me a elle!

PANTALEÃO.

O que, senhor?... Póde V. S. ficar certo, de que lhe offereço um brilhante partido. (Canta.)

Minha casa é um palacio;
Minha filha é um peixão;
Compre a casa, aceite a moça
E verá como ambas são;
E verá que eu dou-lhe provas
Da mais ardente affeição.

Não rejeite este partido,
Por quem é não dê um *não*;
Se regeita, cae a casa,
Fica a moça em convulsão,
E eu julgando que duvida
Da minha ardente affeição.

ADRIANO.

E hontem, snr. Pantaleão?... e hontem?...

PANTALEÃO.

Oh! meu presado amigo! não fallemos no dia de hontem... eu tinha tomado uma carraspana... hontem foi hontem, e hoje é hoje.

ADRIANO.

Isso agora é a pura verdade: póde mesmo ir adiante, e declarar-me muito solemnemente, que amanhã será amanhã.

PANTALEÃO.

Hontem, já o-disse, estava eu fóra de mim; mas despertando esta manhã, meu amigo, abri os olhos...

ADRIANO.

É provavel que o-fizesse; eu lhe creio.

PANTALEÃO.

E disse então com os meus botões: minha filha e minha casa podem cair em mãos desconxavadas; o snr. Adriano é um varão nobre e illustrado, e por tanto habitará bem a casa, e dará boa vida à rapariga.

ADRIANO.

Nada! não posso mais; agora ou ha de explicar-se, ou eu atiro-me a elle como um damnado. (A Pantaleão.) Snr. Pantaleão, peço a palavra.

PANTALEÃO.

Oh! V. S. póde fallar tanto quanto desejar: quem seria tão atrevido, que ousasse cortar-lhe a palavra?...

ADRIANO.

Pois vamos ver: escute-me.

PANTALEÃO.

Sou todo ouvidos, para servir a V. S....

ADRIANO.

Ha uma boa hora que o snr. me falla de lagrimas, de casa e de casamento; desde hoje de manhã eu sou uma especie de obelisco, envolvem-me em charadas... em logogryphos...

PANTALEÃO.

Para que dissimular por mais tempo?... oh! eu li, eu li o jornal!...

ADRIANO.

Que jornal, homem de todos os diabos?...

PANTALEÃO, tirando o jornal.

Tenho-o ainda no meu bolso : tome... tome... veja...

ADRIANO, lendo.

Oh!... que é isto?... na California... um primo... Paulo Claudio Genipapo... cinco milhões... eu Adriano seu herdeiro... que... que... que quer dizer isto?... (Interdicto.)

PANTALEÃO.

Pois não o-sabia?... Quanto sou feliz por ser o primeiro! abracemo-nos, meu bom amigo do coração! (Abraça Adriano, que fica immovel.)

ADRIANO.

Snr. Pantaleão... permitta que eu me assente... (Pantaleão corre a buscar uma cadeira) por cinco minutos : quando se recebe uma noticia d'estas, a gente sempre se assenta por cinco minutos. (Em quanto Pantaleão falla, Adriano conta pelos dedos, fallando comsigo mesmo.)

PANTALEÃO.

Vossa illustre senhoria vai saborear todos os prazeres da fortuna, todas as vantagens sociaes, que ella facilita : se se quizer dar ao commercio, meu amigo do peito, V. S. tem fundos sufficientes para metter-se sósinho no monopolio do toucinho, da carne fresca, da farinha, do milho e do feijão... Oh! que feliz e felicissimo mortal!

ADRIANO, sem prestar attenção.

Cada milhão... quatro centos contos... são cinco milhões... cinco vezes quatro, vinte... são vinte cem contos!... que são dous mil contos... dous mil contos são cinco milhões... cinco milhões são dous mil contos!... Isto faz andar a cabeça da gente á roda!... dous mil contos!...

PANTALEÃO.

E se preferir a politica, V. S. será eleitor... juiz de paz... commandante da guarda nacional... deputado... e até barão!... isto é muito agradavel ao amor proprio!

ADRIANO, levantando-se.

Muito obrigado. (Á parte.) Am!... tudo agora se desembrulha! as delicadezas, as amizades, as senhorias os offerecimentos... oh! dinheiro!!! (A Pantaleão.) snr. Pantaleão, eu sou um rapaz muito bem criado para que me atreva a declarar que o snr. e este jornal faltão á verdade; mas...

PANTALEÃO.

Eu não quero saber disso, vim aqui para perguntar a V. S. se me quer comprar esta casa.

ADRIANO.

Eu ia dizendo que...

PANTALEÃO.

Perdoe-me V. S. : minha casa lhe convêm?

ADRIANO.

Certamente que sim. (Á parte.) Quanto á filha, nem pelo diabo! é uma maitáca que falla até pelas pontas dos dedos.

PANTALEÃO, tirando um papel do bolso.

Oh! eu o-adivinhava : acabemos por tanto já com este negocio...

ADRIANO.

Mas se eu não tenho real de meu, snr.

PANTALEÃO.

Oh! não fallemos em dinheiro... V. S. tem credito na praça : acabo de redigir este contracto, pelo qual V. S. me compra esta casa, e se obriga a dar-me por ella doze contos de réis, pagos no fim de seis mezes, e com o direito de desfazer o contracto no fim de um mez; e eu, pela minha parte, no caso de arrependimento me obrigo a pagar-lhe para rehaver o immovel, dous contos de réis. Serve assim?... (Adriano lê o contracto.) Este mundéo não vale oito contos... e se elle aceita...

ADRIANO.

Pois vá : assignarei este papel, que finalmente a nada me obriga; mas veja que é apezar meu. (Assignão ambos dous papeis; cada um guarda o seu.)

PANTALEÃO.

Quanto a isto, estamos arranjados; a respeito da rapariga, brevemente falleremos: o meu amigo não se arrependerá d'estes dous negocios: uma mulher excellente... uma propriedade que não o-é menos... ainda joven e formosa... V. S. a-fará rebocar... a propriedade é deliciosa... cheia de talentos e de graças: e que nariz, snr.!... a rapariga então é um portento! é toda feita de pedras de talha... optimas madeiras... e finalmente... sim, amigo do coração, adeus! eu sou um mortal immensamente afortunado! oh! sim!... V. Excellencia aperta a mão de um mortal immensamente afortunado!... (á parte) oh! Iphigenia, tu serás millionaria e eu entrarei no monopolio com o dinheiro do genro!... (a Adriano) adeus, amigo do peito, adeus!

ADRIANO.

Oh! dinheiro! (Cántão.)

PANTALEÃO, á parte.

Eu tambem sou como os outros,
Não é por ser marralheiro;
Mas me derreto em ternuras
Ao pé de quem tem dinheiro.

ADRIANO, á parte.

Este é como alguns que eu sei
Adulador, marralheiro;
Os favores, que me off'rece,
São foscas ao meu dinheiro.

SCENA IX

ADRIANO, só.

Agora sim, entremos em nós... conversemos um pouco com a consciencia... estou em meu perfeito juizo... estou, não ha dúvida! não me acho bebado, nem doudo! tenho... ou tive um primo... na California... Paulo Claudio Genipapo... na minha arvore genealogica, nos annaes de minha familia, eu encontro um tio, que emquanto vivo foi patrão de uma sumaca... chamava-se elle mestre Leonardo Genipapo... ora, quando se tem tido um tio, não é nenhum impossivel, que depois a gente venha a ter não só um, como até cincoenta primos... todos querem que eu seja o unico herdeiro de um primo, que deixou milhões... a imprensa proclama isso por suas mil boccas... não é por consequencia admissivel, que todos se enganem... (depois de um instante de silencio); tolo, e muito tolo sou eu em não dançar, em não saltar por esta sala: é verdade! sou rico! tenho dinheiro! sou millionario!... oh!... (Canta e dança.)

Emfim, o senhor destino
Ser justo quiz uma vez;
De suspirados milhões
Feliz herdeiro me fez.

Sou rico! sou rico!
Já tenho outro rôsto!

Sou rico! sou rico!
Não caibo de gôsto!

Vejão já quantos amigos
Mal me deixão respirar!
« Que cambada de marrecos
« Pega n'elles p'ra capar. »

Sou rico! sou rico!
Já tenho outro rôsto!
Sou rico! sou rico!
Não caibo de gôsto.

SCENA X

CELESTINA e ADRIANO.

ADRIANO.

Ah! ès tu, Celestina?... vem ajudar-me a gozar esta alegria desordenada! eu sou rico, Celestina, eu sou millionario!...

CELESTINA.

Jà o-sei.

ADRIANO.

Leste algum jornal?...

CELESTINA.

Não; foi a snra. Beatriz.

ADRIANO.

É o mesmo: ella é a verdadeira gazeta do quarteirão;

mas d'esta vez a snra. Beatriz fallou a verdade, o que certamente é um pouco extraordinario. Sim, eis aqui o jornal, o bemaventurado jornal!... Celestina, tu vás ser feliz.

CELESTINA.

Eu feliz!... pois vê, como sou criança; tua inesperada riqueza quasi que me tem causado afflicção.

ADRIANO.

Oh! não sejas tu a primeira que maldigas a minha fortuna: tu vás deixar o teu pequeno quarto para morar n'um sobrado cheio de espelhos de doze pés de altura!

CELESTINA.

Não sou ambiciosa: esta modesta camara me vio tão feliz com o teu amor, que jámais a-poderei deixar sem saudades.

ADRIANO.

Oh! os espelhos de doze pés de altura nada será ainda: terás moveis de mogno, ricas porcellanas, vasos de Sèvres, fortes-pianos e pianos-fortes; vestidos de seda, chapéos de plumas, chales de toquim, adereços de brilhantes, joias preciosas, ouro, coralinas, esmeraldas, o diabo, Celestina, terás o diabo a quatro; e quando te virem passear comigo de carruagem, elles... esses sujeitinhos todos que nos torcião ainda hontem o nariz, hão de abaixar os olhos, e dizer: « Aquella moça deve estar bem contente por ter um amante, que com extremo tal a-adora! »

CELESTINA.

Um amante!... mas ainda esta manhã, Adriano, tu dizias um marido! não é a riqueza, é a verdadeira felicidade que eu aspiro, Adriano, estarás tu mudado?...

ADRIANO.

Eu mudado?... oh!... não... não... mas... Celestina, isso é puerilidade: um amante... um marido... veremos... mais tarde... veremos... é simplesmente uma mudança de palavra.

CELESTINA.

Mas essa palavra, snr., é tudo para a mulher honesta; reconheço já que a vossa nova posição vos tornou outro: a pobre Celestina não é mais a mulher que se vos faz necessaria...

ADRIANO.

Eu não disse isso... todavia, fallas de um modo que...

CELESTINA.

Tendes razão, snr., eu comprehendo, eu adivinho tudo! (Canta.)

Pobre me olhavas
Digna de amor;
Mas hoje rico,
Mudas, senhor.

Eu sou a mesma,
Não mudarei;
Qual vos amava
Vos amarei.

ADRIANO.

Mas, Celestina, que motivo...

CELESTINA, canta.

Se um dia a sorte
P'ra vós mudar,
No pobre quarto
Me ireis achar.

Constante e pura
Sempre serei,
Pobre de novo
Vos amarei.

ADRIANO.

Que teima! quem te disse que eu te desprezo?...

CELESTINA, canta e chorando vai-se.

Rico vos deixo,
Pura me ausento;
Mas levo n'alma
Cruel tormento.

Vossa ventura
Fação os céos.
Adeus... eu parto;
Senhor, adeus!

SCENA XI

ADRIANO e FELISBERTO.

ADRIANO.

Celestina! Celestina! eis aqui como são as mulheres! deitão-nos sempre água na fervura.

FELISBERTO.

Ainda eu!

ADRIANO.

Snr. Felisberto, eu lhe rogo que para outra vez se faça annunciar; não se entra na casa de um homem da minha jerarchia, como ahi na espelunca de qualquer...

FELISBERTO.

Perdão! mil vezes perdão: porém, um negocio da maior transcendencia... (Em quanto Adriano procura uma cadeira e senta-se, diz Felisberto á parte.) Tenho presentemente a certeza de que esta casa se acha no alinhamento da rua projectada, e portando ella me é necessaria por todo preço.

ADRIANO, sentado.

Então que temos?...

FELISBERTO.

Snr. Adriano, V. S. me faz um grande mal. .

ADRIANO.

Devéras?...

FELISBERTO.

Sim : acabo de sahir da casa do snr. Pantaleão, que me assegurou ter vendido esta propriedade a V. S.

ADRIANO.

É certo ; e que mais?...

FELISBERTO.

Mas é que V. S. não sabe, que eu tenho absoluta necessidade d'esta casa : eu a-desejo ardentemente... certas recordações de familia...

ADRIANO.

Sim... sim... tudo isso é muito possivel; mas tambem eu tenho aqui minhas recordações, e portanto conservarei a propriedade.

FELISBERTO.

Que! pois V. S. não quereria ceder-m'a!

ADRIANO.

O que ha de ser! veio-me o desejo de representar o papel de proprietario : despedirão-me tantas vezes de casas onde morava, que tenho vontade de pôr tambem os outros no meio da rua; è mais agradavel ter inquilinos do que sel-o; e olhe, não se póde aturar inquilinos! põem um homem doudo... não págão ao senhorio!

FELISBERTO.

E se eu désse por esta casa quatorze contos de réis?...

ADRIANO.

Quatorze contos?... o que são n'esta vida quatorze contos de réis?...

FELISBERTO.

Oh! é dinheiro, que se custa a ganhar!...

ADRIANO.

Ah! ah! ah!... a quem diz o snr. isso?...

FELISBERTO.

Está bem, darei dezeseis contos á vista...

ADRIANO.

Dezeseis contos!... (Á parte.) É verdade que todos me fallão de milhões, que eu possuo; mas confesso, que não me desagradaria ter já e quanto antes alguns bilhetes do banco no bolso... (A Felisberto.) Pois bem... quero ser condescendente... aceito.

FELISBERTO.

Dentro em meia hora trago-lhe o dinheiro; é negocio concluido.

ADRIANO.

Eu lhe dou a minha palavra... tambem... olhe: por ora é a unica cousa que eu tenho para dar.

FELISBERTO.

Ella me basta, honrado amigo.

FELISBERTO, canta.

Que bom negocio,
Que vou fazer;
Oh que ventura!
Oh que prazer!

ADRIANO.

Que chuva d'ouro
Stá-me a chover;
Oh que ventura!
Oh que prazer!

FELISBERTO.

Parto depressa
Sem mais tardar,
E o seu dinheiro
Vou já buscar.

ADRIANO.

Parto depressa
Sem mais tardar,
E o meu dinheiro
Vá já buscar.

SCENA XII

ADRIANO, só.

Eu disse uma chuva... qual chuva! é uma inundação! é um diluvio de prosperidades! entremos na investigação das necessidades do nosso toilette, e primeiro que tudo ponhamos nossas antigas miserias no meio da rua: (abre a gaveta e vê o relogio) oh! o quer dizer isto?... o meu relogio?... o relogio, que eu havia empenhado no Monte de

Soccorro?... aqui anda obra do genio do bem ou do pé de carneiro; mas... oh! que raio de luz!... sim, é o genio do bem... Celestina! não ha dúvida... foi ella... com o fructo do seu trabalho... sim, foi ella! e eu fiz chorar aquelles bellos olhos! ah! eu sou um rico orgulhoso e máo! graças, porém, a Deus, que tudo se póde ainda reparar. Snra. Beatriz! snra. Beatriz! morta ou viva, e ainda que rebente no caminho, a snra. Beatriz irá buscar-me Celestina... snra. Beatriz! ella me ha de trazer a minha bella Celestina! (Apparece Beatriz e Celestina, Adriano cae aos seus pés.)

SCENA XIII

CELESTINA, ADRIANO e BEATRIZ. — Celestina recúa, ficando Adriano de joelhos aos pés de Beatriz.

ADRIANO, de joelhos e com os olhos baixos.

E eu cairei aos seus pés pedindo-lhe o meu perdão, e lhe direi : Tu que és bella como um anjo, pura como um raio do sol, meiga como a pombinha do valle, perdoa-me!... esqueci por um instante que tu eras cheia de graças, e de sentimentos nobres, e que só querias, antes de tudo, um nome, o nome d'aquelle a quem amas... oh! bem... eu te offereço o meu nome e a minha mão! (Toma a mão de Beatriz e beija-a.) Ah! tu me perdôas!... (Levanta a cabeça.) Ora... e esta! com quem estava eu fallando!... (Vê Celestina.) Ah! tu estás ahi!

CELESTINA.

É te comprehendi bastante, Adriano.

BEATRIZ.

E eu tambem, snr. Adriano, e se não fôsse tão escrupulosa já teria abraçado a V. S. excellentissima! (Á parte.) Nunca ouvi tantas ternuras do meu defunto Pancracio.

ADRIANO, mostrando o relogio.

Minha Celestina, eu adivinhei tudo!

BEATRIZ.

Consegui retel-a no meu quarto: suas lagrimas pozerão-me o coração em cinco pedaços, e como sei por experiencia propria, que os namorados brigão e fazem as pazes trinta vezes por dia...

ADRIANO.

Mas agora, Celestina, tu me desprezas?

CELESTINA.

Não, não, meu amigo, tudo está esquecido.

ADRIANO.

Eu te desposo, minha Celestina, e a felicidade entrará em nossa casa com o acto do nosso casamento.

CELESTINA.

E ficará para sempre morando comnosco.

BEATRIZ, limpando os olhos.

E eu ainda a chorar... vejão só! e isto me fazia esquecer, que hoje o excellentissimo snr. meu amo tem sido

procurado por toda a cidade em peso: tenho lá dentro um balaio cheio de cartas e bilhetes de visita: eu vou buscar. (Entra e volta logo.)

ADRIANO.

Que nova miseria será esta?...

CELESTINA.

Não é miseria, Adriano; são os milagres do dinheiro, que é o snr. omnipotente de quasi todos.

BEATRIZ, trazendo um balaio cheio de cartas e bilhetes.

Eis aqui as provas de que V. S. excellentissima tem a seu favor a opinião publica!

ADRIANO.

Vejamos: misericordia! um balaio de cartas e de bilhetes de visita!... oh! dinheiro! oh! miseria da humanidade!... ora, comecemos pelas cartas: (tira uma e lê) oh! a primeira é do tal editor, que regeitou minhas musicas: (lê) miseravel! vê, Celestina, agora, agora elle me envia uma escriptura, pela qual se obriga a imprimir pelo preço que pedi as mesmas composições que hontem regeitava, sob pena de uma indemnisação de um conto de réis pago por aquelle que se arrepender!...

CELESTINA.

Que ventura! tuas composições vão, portanto, apparecer! tu vás ser conhecido... todos te vão applaudir, e te fazer justiça.

ADRIANO, depois de lêr outra carta.

Esta tambem não é má! sou admittido na orchestra do

theatro de S. Pedro d'Alcantara pelo competente director com todas as condições por mim propostas: eis-aqui o contracto assignado! havia de ser bonito se eu apparecesse agora tocando timpanos ou ferrinhos!...

CELESTINA.

E essa outra carta?... será ainda algum novo obsequio?...

ADRIANO, depois de lêr.

Oh! lá se é! nada menos do que a empreza do *Provisorio* que me compra a propriedade da minha ópera por dous contos de réis, e que se obriga a pol-a em scena dentro de um anno!...

CELESTINA.

Oh! isto sim é que é uma grande felicidade! todos apostárão sobre quem mais faria para te collocar a salvo da pobreza!

ADRIANO.

Sim! agora que já de nada disso preciso, curvão-se todos ante o meu dinheiro: oh! sim! abrem-me os braços, quando já estou acima de seus favores: este mundo, Celestina, tem uma alma de bilhetes do banco, e um coração de monjolo!

CELESTINA.

Paciencia... é preciso soffrel-o, porque é o mundo que temos... e pela minha parte por ora não desejo mudarme para outro.

ADRIANO, vendo e atirando fóra os bilhetes de visita.

E esta nuvem de bilhetes de visita! oh! que povaréo, que multidão veio visitar os meus cinco milhões!... vejamos sempre; (tira um) commendador fulano dos anzóes carapuça... Não conheço, fóra com elle; (outro) o deputado... Misericordia! deputado é uma cousa que custa muito cára á nação; (outro) o brigadeiro... Fóra, que póde brigar comigo; (outro) o doutor... Péor está essa! doutores longe de minha porta; (outro) Mr. de tal, cabelleireiro, tem pomada de urso e água dos amantes... Ao fresco; (outro) pilulas vegetaes... E está! pois já tão depressa não me querem dar pilulas a engolir?..! (outro) trastes, marmores e porcellanas... entendo; (outro) frei Laverno faz os seus comprimentos... Ah! é um frade!... chegou a minha fama aos conventos... rua; (outro) o barão de qualquer cousa... Irra! não posso mais!... (Atira com todos os bilhetes fóra.) Eis ali rolando pelo chão não sei quantos diplomas da vergonha humana!... desprezavão o artista e vêm beijar os pés do millionario!... Miseraveis! vandalos!... isto ou é para desesperar, ou para rir!

CELESTINA.

Pois então é melhor rir... riamo-nos!

ADRIANO.

Vá feito... riamo-nos!... (Canta.)

Vejão já quantos amigos
Mal me deixão respirar!
« Que cambada de marrecos
« Pega n'elles p'ra capar! »

Sou rico! sou rico!
Já tenho outro rôsto!
Sou rico! sou rico!
Não caibo de gôsto!

SCENA XIV

EDUARDO, ERNESTO, ADRIANO, CELESTINA, BEATRIZ, e os AMIGOS.

ERNESTO.

Oh! muito bem, Adriano; como vamos de fortuna? ..

ADRIANO.

Vinde, meus amigos, vinde tomar parte na minha alegria: eu estou nadando em um mar de ouro!

EDUARDO.

Nós sabemos tudo.

ERNESTO, tristemente.

Teu primo é morto, não é assim?...

ADRIANO, como querendo chorar.

Ah!... é verdade!...

BEATRIZ, o mesmo.

Ah! é verdade! era muito bom moço!

EDUARDO.

Então estás muito afflicto?...

ADRIANO.

Sim, tenho chorado... este é já o terceiro lenço; os outros ficârão ensopadinhos de lagrimas; e comtudo eu conhecia muito pouco a meu primo... apenas nos tinhamos visto, quando mamavãmos: porém, a morte é sempre uma separação dolorosa.

ERNESTO.

Escuta, Adriano; tu és sensivel?...

ADRIANO.

Ao menos tenho essa pretenção, e as minhas lagrimas sinceras...

ERNESTO.

E eras muito amigo de teu primo?...

ADRIANO.

Oh! o mais que é possivel...

ERNESTO.

Abraça-me pois, meu amigo, enxuga o pranto; elle não está morto.

ADRIANO, estupefacto.

Não... não... não... não está morto?!!

BEATRIZ.

Não está morto?... isso era o diabo agora!

CELESTINA

Como o-sabe, snr.?...

ERNESTO.

Não está morto, porque nunca esteve vivo.

ADRIANO.

Isto não é brincadeira; creio que é negocio muito serio!

ERNESTO.

Hontem, aquecido pelo champagne, tu te gabaste de ter na California um primo snr. de milhões...

ADRIANO.

Eu... eu disse isso?... é possivel; porquanto não me lembro de cousa alguma!

ERNESTO.

E querendo zombar de nós, apenas nos lembraste a idéa de uma cassoada.

ADRIANO.

Uma cassoada!... como?... este artigo do jornal?...

ERNESTO.

Não passa de uma invenção nossa!

ADRIANO.

Pobre outra vez!... (Caindo n'uma caixa.) Eu... morro agora por fôrça!

CELESTINA.

Meu Deus! Adriano não está bom!

BEATRIZ.

E eu a gastar politicas com um musicozinho tão ordi-

nario! com uma bisca, com um farroupilha d'esta qualidade!... Vou já participar ao snr. Pantaleão. (Vai-se.)

ERNESTO.

Que é isto, Adriano?... sê homem: se tivessemos previsto, que sentirias tanto um simples gracejo de amigos...

ADRIANO.

Ah! meus amigos, eis aqui uma comedia muito capaz de acabar em tragedia... Eu estava tão feliz!...

CELESTINA.

Eis-nos de novo em nossa boa mediocridade.

ADRIANO.

Não! não posso suportar semelhante desgosto! isto é um salto mortal! é muito melhor atirar-me de uma janella á baixo! (Corre e esbarra-se com Felisberto.)

SCENA XV

FELISBERTO, e os DITOS.

FELISBERTO.

Oh! que me rebenta o nariz!

ADRIANO, submisso.

Eu lhe fiz mal... offendi-o?...

FELISBERTO.

Não foi nada... trago o dinheiro a V. S.

ADRIANO.

A minha senhoria... a minha senhoria acaba de receber a sua demissão.

FELISBERTO.

Não o-comprehendo, meu prezado amigo.

ADRIANO.

Digo, que agora apparecem suas dúvidas a respeito do negocio.

FELISBERTO.

Que, snr. Adriano! V. S. quereria faltar a palavra!.. (Á parte.) Diabo! e eu que já tratei a cessão da casa com vinte por cento de lucro!

ADRIANO.

Não é isso; mas devo dizer...

FELISBERTO.

Nada quero ouvir: tenho a sua palavra, e um homem honrado, snr., não tem senão uma palavra: eis aqui o contracto de venda para assignar.

ADRIANO.

Todavia...

FELISBERTO.

Ah! snr. Adriano! é possivel que tenha em tão pouco a sua palavra?...

ADRIANO.

Snr. Felisberto!...

FELISBERTO.

Essa hesitação me dá o direito de dizer o que disse.

ADRIANO.

E o snr. não se arrependerá d'este contracto?...

FELISBERTO.

De modo nemhum.

ADRIANO.

E aconteça o que acontecer não se queixará de mim?...

FELISBERTO.

Eu queixar-me!... e de que?... assigne, tenha V. S. a bondade de assignar.

ADRIANO, á parte.

Com effeito... posso bem fazer este negocio... a casa é minha, e eu ganho n'esta venda quatro contos de réis; (assignando) vamos, pois que o snr. o-exige, eu assigno.

FELISBERTO.

Para lhe provar que o negocio me convem, ajuntei ao dinheiro, que lhe entrego, um recibo da conta que me devia, e portanto estamos quites.

ADRIANO recebe e conta o dinheiro.

Como?... minha conta tambem?... ah! Celestina, eis aqui um remorso da adversidade!

FELISBERTO.

O que quer dizer com isso?...

SCENA XVI

Os Ditos, PANTALEÃO e BEATRIZ.

PANTALEÃO.

Isto é um horror! é uma ladroeira!... uma infamia!...

TODOS.

Que aconteceu?...

PANTALEÃO.

O snr. musico, meu locatario, é victima de uma mystificação! elle é tão rico, como aqui, a velha Beatriz!

FELISBERTO.

Que diabo é isto?... quem me dará um fio para sahir d'este labyrintho!

PANTALEÃO.

O fio é que eu continúo a despedir d'esta casa e de mestre de minha filha ao tal snr. Adriano Genipapo!

ADRIANO.

Snr. Pantaleão! o snr. tem um coração abjecto... o snr. é indigno do nome de homem, que usurpa!

PANTALEÃO.

Parece-me que o snr. me quer insultar!

ADRIANO.

Sahir d'esta casa! sahiremos d'ella ambos, miseravel taberneiro! por quanto acabo de vendel-a ao snr. Felisberto...

PANTALEÃO.

Eu vou leval-o jà ao chefe de policia!

ADRIANO.

Oh! pois não! irei mesmo com prazer; tenho que refferir ao chefe de policia uma certa historia de monopolio de toucinho e carne fresca... Ah! jà se cala?... acabemos com isto: snr. Pantaleão, eu lhe pago a casa que lhe comprei, e o mais que lhe devo; e por minha vez, snr., ouvi todos, ouvi: snr. Pantaleão, regeito a mão de sua filha que ainda ha pouco me offereceu!

PANTALEÃO.

Ah! ah! ah! e pensava, que eu ainda tinha as mesmas disposições?...

ADRIANO.

Celestina, esta gente não tem vergonha, não?... (Outro tom.) Eu não sei se me devo rir delles!... miseraveis! vós que me desprezaes, lembrai-vos, que abaixastes a cabeça diante de mim! estupidos! (Outro tom.) Estupidos?... estupido sou eu... elles pênsão e praticão, como quasi todos, isto è a moda... è a èpocha... è o mundo... actualmente o que melhor se sabe do padre nosso, é o venha a nós!

CELESTINA.

Snres., vòs o-vêdes, vosso gracejo teve boas consequencias...

ERNESTO.

Tanto melhor para elle nol-o perdoar.

ADRIANO.

De todo o coração, que até vol-o agradeço.

FELISBERTO.

Mas então o unico, que aqui fica com cára de páo, sou eu?...juro, que ainda não comprehendi nada d'esta moxinifada.

CELESTINA.

Pois é muito simples... o primo da California...

FELISBERTO.

Não está morto?...

ADRIANO.

Nem nascido, mestre Felisberto!

FELISBERTO, á parte.

Ai que cabeçada!... e a conta que elle me devia!

ADRIANO.

Mas graças a esta invenção, graças a só presumpção, de que me achava rico, fui cercado de respeitos, de obsequios, e de amigos; offerecérão-me, casa, mulher e dinheiro!...

CELESTINA.

Obrigárão-se a imprimir suas musicas, contractárão-o para uma orchestra, e comprárão-lhe uma ópera!

ADRIANO.

Pozerão-me a salvo das privações da pobreza...

BEATRIZ.

Ora, o que tem isso?... lembremo-nos do adagio antigo: a água corre para o mar.

ADRIANO.

O dinheiro é um feitiço
Que a todo mundo enlouquece;
Aos ricos todos festejão,
O pobre nada merece.

CELESTINA.

As senhoras melhor sabem
Do dinheiro o valimento;
Moça rica que tem dote,
Nunca perde casamento.

PANTALEÃO.

O rico nunca tem frio,
Traz sempre a barriga cheia;
E até por cousas que eu sei
Jámais visita a cadeia.

FELISBERTO.

Homem pobre é sempre feio
Bicho máo e desprezado;
Quem tem dinheiro é bonito,
É sabio, sempre engraçado.

CÔRO GERAL.

Dinheiro! venha dinheiro!
Dinheiro é tudo na terra;
Dá prazeres, gloria, amores,
Faz a paz e move a guerra.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO ACTO.

AMOR E PATRIA

DRAMA EM UM ACTO

PERSONAGENS:

PLACIDO.
PRUDENCIO.
LUCIANO.
VELLASCO.
AFFONSINA.
LEONIDIA.
SENHORAS e CAVALHEIROS.
POVO.

A acção se passa no dia 15 de setembro de 1822.

AMOR E PATRIA

ACTO UNICO

O theatro representa uma sala ornada com luxo e esmero em relação á épocha. Duas portas ao fundo, uma dando sahida para a rua, e outra communicando com uma sala; portas á direita; janellas á esquerda.

SCENA PRIMEIRA

PLACIDO, PRUDENCIO, LEONIDIA e AFFONSINA, que observa curiosa uma caixa que está sobre uma cadeira, e a porta da sala do fundo que se acha fechada.

PLACIDO.

Ella já nem póde disfarçar a curiosidade que a-atormenta; tem andado em volta da caixa mais de quatro vezes.

LEONIDIA.

Coitadinha! aquillo é tão natural na sua idade...

PRUDENCIO.

Acrescente-lhe : é no seu sexo... Nunca vi paes tão desfructaveis!

PLACIDO.

Agora lá vai ella direitinha olhar pelo buraco da fechadura da porta : então que disse eu?...

LEONIDIA.

Faz-me pena vel-a assim martyrisando-se.

PLACIDO.

É para que no fim ainda mais agradavel e completa lhe seja a surpreza.

PRUDENCIO.

E vocês achão muito bonito o que está fazendo minha sobrinha?...

PLACIDO.

Então que lhe acha, snr. tenente rabugento?...

PRUDENCIO.

Nada : apenas uma comedia em que uma sala trancada e uma caixa fechada fazem lembrar o pomo vedado, e em que Affonsina representa o papel de Eva e minha irmã e meu cunhado o da serpente tentadora ou do diabo, que é a mesma cousa.

LEONIDIA.

Este meu irmão tem lembranças felizes!

PRUDENCIO.

Vocês hão de acabar por perder completamente aquella menina! O snr. meu cunhado com as idéas que trouxe da sua viagem à França e a snra. minha irmã com a sua cegueira de mãe extremosa, derão-lhe uma educação como se a quizessem para doutora de borla e capello: fizerão-n'a aprender tudo quanto ella podia ignorar, e a-deixárão em jejum a respeito do que devia saber. Assim, minha sobrinha dança melhor do que as bailarinas do theatro de S. João; toca o seu cravo a ponto de admirar ao padre José Maurício: canta e gorgeia que parece um dos italianos da capella real; conversa com os homens com se elles fôssem mulheres; é capaz de discutir sobre theologia com Fr. Sampaio, e sobre arte militar com o general Corado; mas se lhe perguntarem como se toma ponto a umas meias, como se prepara um bom jantar, como se governa uma casa, espicha-se completamente: eu até aposto que ella não sabe rezar.

LEONIDIA.

Affonsina é um thesouro de talentos e de virtudes, e você não passa de um má lingua.

PRUDENCIO.

Oh! pois não! Nem os sete sabios da Grecia lhe dão volta! Ella faz versos como o defunto padre Caldas; falla em politica e é tão eloquente como o Antonio Carlos; é tão revolucionaria como o Barata... Não sei por que ainda não quiz ser deputado às cortes!.... Havemos de lá chegar; creio, porém, que já escreve seus artigos para o *Reverbero*,

e que para isso está de intelligencia com o Ledo e o padre Januario : atè bem póde ser que vocês já a-tenhão feito pedreira livre, e que a menina falle com o diabo á meia noite.

AFFONSINA, vem á frente.

Minha mãe...

LEONIDIA.

Que tens, Affonsina? pareces-me triste...

PLACIDO.

É verdade, minha filha : que quer dizer esse ar melancolico no dia dos teus annos, e quando te preparamos uma bella festa?...

AFFONSINA.

É que... eu... meu pae, eu não posso mais...

PRUDENCIO.

Talis arbor, *talis fructus!* De um casal sem juizo não podia nascer senão uma doudinha.

LEONIDIA.

Mas que te falta, dize?

AFFONSINA.

Ah! minha mãe, aquella sala e esta caixa atormentão-me, exaspérão-me...

PRUDENCIO.

Andem depressa... andem... satisfação a curiosidade da menina, antes que ella arranje algum faniquito.

PLACIDO.

E que tens que vêr com aquella sala e com essa caixa?...

AFFONSINA.

É uma curiosidade bem natural : esta caixa, que está fechada, talvez contenha algum objecto interessante, e aquella porta, que sempre esteve aberta e que hoje amanheceu trancada, encerra necessariamente algum mysterio, e portanto...

PRUDENCIO.

Vamos á consequencia, que ha de ser sublime!...

AFFONSINA.

A consequencia, meu tio?... Eil-a, ahi vai :

Deixar de ser curiosa
Por certo não 'stá em mim :
É peccado feminino,
Por força hei de ser assim.

O que em todas se perdoa,
Tambem se desculpe em mim :
Mamãe sabe que as mulheres
São todas, todas assim.

Mamãe, aquella caixa,
Papae, aquella sala,
Encerrão um segredo
Que o meu socego abala.

JUNTAMENTE.

AFFONSINA.

Saber desejo

O qu'ali 'stá;
Eu sou teimosa,
Sou curiosa,
Sou caprichosa,
Sou ardilosa,
Serei vaidosa:
Mas não sou má.

PLACIDO e LEONIDIA

Ninguem lhe diga
O qu'ali 'stá;
Serás teimosa
E curiosa,
E caprichosa,
E ardilosa;
Serás vaidosa:
Mas não és má.

PRUDENCIO.

Ninguem lhe diga
O qu'ali 'stá;
Tu és teimosa
E curiosa,
E caprichosa,
E ardilosa,
Muito vaidosa,
E tambem má.

Não fôras tu mulher, minha rica sobrinha!

AFFONSINA.

Meu tio, não é muito que eu tenha um defeito que é

commum nas mulheres, quando falta á vossa mercê uma das primeiras virtudes dos homens.

PLACIDO.

Affonsina!

PRUDENCIO.

Deixem fallar a rhetorica; diga lá, minha senhora : qual é então essa virtude que me falta?

AFFONSINA.

É a coragem, meu tio.

PRUDENCIO.

Ora, fico-lhe muito obrigado! sou um grandissimo poltrão, porque não entro em revoluções nem em bernardas, e guardo a minha espada de tenente de ordenanças para as grandes crises e os momentos supremos?

AFFONSINA.

Então é bem para receiar que a sua espada fique eternamente na bainha.

PRUDENCIO.

Póde fazer o favor de dizer porque?

AFFONSINA.

É bem simples : é porque vossa mercê nem considera momento supremo aquelle em que se trata da regeneração e da independencia da patria.

PRUDENCIO.

E eu creio que era mais proprio da senhora occupar-se

com bilros e agulhas, do que com independencias e regenerações politicas : uma mulher mettida em negocios do Estado, é capaz de transformar a nação em casa de Orates.

AFFONSINA.

Porém, meu tio, olhe que nem por isso o momento deixa de ser supremo, e é preciso que nos dê provas do seu valor.

PRUDENCIO.

Provavelmente quer que eu deite a correr pelas ruas, dando vivas ao que não entendo e morras a quem nunca me fez mal, e que me exponha a ter a sorte do Tira-Dentes, como está fazendo o seu querido Luciano, que é um doudo de pedras.

LEONIDIA.

Mano Prudencio, attenda ao que diz!

PLACIDO.

Luciano cumpre o seu dever : a causa que adoptou é a de sua patria, e se morrer por ella será um martyr, um heroe; nunca, porém, um louco.

PRUDENCIO.

Póde-se bem servir á patria sem fazer traquinadas.

AFFONSINA.

É verdade; meu tio tem razão : Luciano é um louco, e elle um homem de muito juizo, de uma bravura e de um patriotismo como nunca vi!

PRUDENCIO.

A senhora parece que quer divertir-se comigo?

AFFONSINA.

Eu quero sómente recordar agora alguns factos. A nove de janeiro d'este anno, o senado da camara foi em nome do povo representar ao principe contra a sua retirada do Brasil; não houve um só patriota que não corresse ao largo do Paço; meu tio, o momento era supremo e quando se ouviu repetir o glorioso — Fico — do Principe, o primeiro que o-saudou com um viva enthusiastico foi Luciano, e entre aquelles que respondêrão a esse brado patriotico, ouvi dizer que não se achava meu tio.

PRUDENCIO.

Estava retido em casa com um ataque de maleitas.

PLACIDO, a Leonidia.

Affonsina esqueceu-se da sala e da caixa.

LEONIDIA, a Placido.

Pois se fórão offender o seu Luciano!

AFFONSINA

Dous dias depois, a onze de janeiro, Avilez e as tropas lusitanas occupárão o morro do Castello; a lucta parecia dever começar; os brasileiros corrêrão para o campo de Sant' Anna, e Luciano foi o chefe de uma companhia de voluntarios. Meu tio, o momento era outra vez supremo, e ouvi dizer que vossa mercê não appareceu durante tres dias.

PRUDENCIO.

Estava de erysipela, senão verirão!

PLACIDO, a Leonidia.

Olha a cara com que está o mano Prudencio.

LEONIDIA, a Placido.

Bem feito : é para não ser basofio.

AFFONSINA.

Mas Avilez retirou-se com os seus para a Praia Grande; o perigo não tinha ainda passado, e no campo do Barreto reunirão-se as milicias brasileiras e as phalanges dos patriotas : Luciano, á frente dos seus bravos companheiros, lá se achou prompto para o combate e fiel á causa da patria. Ah! meu tio, o mómento era de novo ou continuava a ser supremo, e eu ouvi dizer que não houve quem podesse descobrir onde vossa mercê se escondia.

PRUDENCIO.

Achava-me atacado de rheumatismo nas pernas.

AFFONSINA.

Ah! é que vossa mercê é um compendio de todas as molestias, e eu tenho reparado que sempre adoece a proposito!

PRUDENCIO.

Eu sou o que diz meu nome : Prudencio! o homem da prudencia; não hei de nunca deshonrar a minha espada de tenente de ordenanças em bernardas de pouco mais ou menos; chegue, porém, o dia de uma grande e ver-

dadeira batalha, em que haja cargas de cavallaria, descargas de infantaria, trovoada de artilheria, e verão como brilho no meu elemento!

AFFONSINA.

Com vossa mercê na batalha ha de haver por fôrça uma carnagem horrorosa!

PLACIDO, LEONIDIA e AFFONSINA, juntamente.

Se os tambores rufassem devéras,
Á peleja os guerreiros chamando,
O tenente Prudencio, chorando.
Fugiria medroso e poltrão.

PRUDENCIO.

Não! não! não!

Se os tambores rufassem devéras,
Á peleja os guerreiros chamando,
Meu ginete veloz cavalgando,
Eu voára com a espada na mão.

Fação de conta
Que negra affronta
Sem mais tardar
Corro a vingar.
A uns degolo,
Outros esfolo,
Outros immolo,
Sem trepidar.
Zás! cutilada !
Zás! estocada!
Zás! pistolada!

Sem descançar :
E derribando,
E cutilando,
E decepando
Sem respirar,
Só me detenho
No féro empenho,
Quando não tenho
Mais quem matar.

(Ouve-se o rufar de tambores.)

(Assusta-se.) Misericordia! que é isto?

PLACIDO, LEONIDIA e AFFONSINA.

Avante! avante! prosiga!
Chama o tambor os guerreiros!

PRUDENCIO.

Estou com dôr de barriga.

LEONIDIA.

Que tremor é esse, mano Prudencio? dir-se-ia que tem medo!

PRUDENCIO.

Não é medo, não; mas vocês sabem que eu sou muito nervoso, e assim... um rufar de repente...

AFFONSINA, que tem ido á janella.

Socegue, meu tio : é apenas a guarda do Paço que se vai render.

PRUDENCIO.

E quem foi que se assustou aqui?

O rufo dos tambores
Exalta o meu valor;
Com a durindana em punho,
Nas azas do furor,
Eu levo aos inimigos
A morte e o terror.

PLACIDIO, LEONIDIA e AFFONSINA, juntamente.

O rufo dos tambores
Abate o seu valor;
Não sabe mais da espada,
Tem medo e não furor,
E em dôres de barriga
Disfarça o seu terror.

AFFONSINA.

Realmente, meu tio, vossa mercê vale os doze Pares de França juntos!

PRUDENCIO.

Eu sou assim; sou o homem das grandes occasiões!

SCENA II.

Os PRECEDENTES, e LUCIANO.

LUCIANO.

Mas o péor é, tio Prudencio, que as suas grandes occasiões não chegão nunca.

PRUDENCIO.

Ora, eis-ahi o senhor espalha-brasas comnosco! faça côro ali com a senhora, e venha tambem divertir-se comigo.

LUCIANO.

Nada de amofinar-se; o dia de hoje é de festa, e por tanto não se enfade.

PLACIDO.

Entretanto, vejo-te de chapéo na mão, e disposto a roubar a Affonsina algumas horas de um dia, que devia ser todo consagrado a ella.

LUCIANO.

Meu pae, eu conto com o perdão de Affonsina e com o seu, asseverando que sómente motivos da mais grave importancia me obrigão a sahir por uma hora.

PRUDENCIO.

Oh! pois não! o senhor anda sempre occupado com assumptos da mais elevada transcendencia; não ha *bernarda* em que não entre, nem revolucionario a quem não conheça; agora então vive sempre pelas grimpas; frequenta a casa do advogado Rocha, já é maçon, e ainda hontem foi duas vezes á casa do ministro José Bonifacio.

PLACIDO.

Muito bem, Luciano! muito bem! estas amizades fazem a tua gloria: vae, meu filho, e continúa a proceder como até aqui. (Tocão cornetas.)

PRUDENCIO.

Péor vai ella! Que diabo de tempo em que a cada instante se ouvem os echos das cornetas e o rufar dos tambores!

LUCIANO.

Creio que hoje deve ter lugar algum acontecimento importante; o nosso magnanimo Principe está a chegar de S. Paulo; mas... tio Prudencio, porque não vai saber que novidades ha?

PRUDENCIO.

Pensa que tenho medo?... pois vou immediatamente. (Á parte.) Hei de pôr a cabeça na rua; mas, pelo sim, pelo não, deixarei o corpo no corredor. (Vai-se.)

LUCIANO.

Meu pae, procurei um meio de afastar o tio Prudencio, porque antes de sahir preciso dizer-lhe duas palavras em particular.

LEONIDIA.

Visto isso, tambem devemos retirar-nos?

LUCIANO.

Por um instante só, minha mãe.

LEONIDIA, a Placido.

Acho Luciano hoje mais serio do que costuma mostrar-se.

LUCIANO, a Affonsina.

Affonsina, eu voltarei nas azas do amor.

AFFONSINA, a Luciano.

Nunca sem tardar muito para a minha saudade.

LEONIDIA.

Vem, Affonsina. (Vai-se.)

AFFONSINA, á parte.

E ainda não sei o que contém a caixa nem a sala. (Vai-se.)

SCENA III

PLACIDO e LUCIANO.

PLACIDO.

Estamos sós, Luciano, e eu confesso que estou ancioso por saber que especie de confidencia me queres fazer.

LUCIANO.

Meu pae, é força que eu lhe dirija uma pergunta, que aliás considero desnecessaria. Oh! por Deus o-juro : não duvido, nem duvidei jàmais da unica resposta que vossa mercê vai dar-me; mas... julgou-se... é essencial que eu a-ouça da sua bocca.

PLACIDO.

Excitas a minha curiosidade e começas a desassocegar-me. Falla.

LUCIANO.

Algum dia... vossa mercê se pronunciou contra o Prin-

cipe e contra a causa do Brasil?... Mandou alguma vez soccorros ou communicações a Avilez quando elle esteve na Praia Grande, ou o-aconselhou a resistir ás ordens do Principe?

PLACIDO.

Luciano! és tu que me devias fazer uma tal pergunta?

LUCIANO.

Não... não... eu bem o-sei, eu o-conheço, meu pae; sinto que o-offendo : mas acredite que era indispensavel que eu lhe fizesse esta pergunta, como é indispensavel que eu ouça um —não— pronunciado pela sua bocca.

PLACIDO.

É possivel!

LUCIANO.

Oh! responda-me, responda-me por compaixão!

PLACIDO.

Pois bem : pela minha honra, pela honra de minha mulher, pela pureza de minha filha, eu te affirmo que — não.

LUCIANO.

Obrigado, meu pae! mil vezes obrigado! N'estas épochas violentas, n'estes dias de crise, ha ás vezes quem duvide da consciencia mais pura e da probidade mais illibada; oh! mas a patria de seus filhos é tambem a sua patria, e... oh meu Deus! que immensa felicidade me inunda o coração! (Abraça Placido.)

PLACIDO.

Sim! eu amo o Brasil, como o mais patriota dos seus filhos!

LUCIANO.

Tocamos a hora suprema, meu pae! o Principe chegará de S. Paulo talvez hoje mesmo; a ultima carta vai ser jogada, e o Brasil será contado entre as nações do mundo. Oh! sinto abrasar-me a chamma do patriotismo! o grito da liberdade e da independencia soa já em meus ouvidos e em meu coração! Meu pae, um dia de gloria vai brilhar para a minha patria, e se combate houver, e se n'elle succumbir teu filho, não o-lamentes, porque morrerei a morte dos bravos, defendendo a mais santa das causas e a mais bella das patrias!

PLACIDO.

Sim! àvante! àvante! (Abração-se; soão trombetas.) Soão de novo as trombetas... Que será?

LUCIANO.

A trombeta bellicosa
Chama os bravos á peleja;
Infame, maldito seja
Quem recusa combater.

Da liberdade da patria
A causa é sagrada e bella:
É honra vencer com ella,
Honra por ella morrer.

Quebrar da patria o jugo

É dos heroes a gloria :
Ás armas, brasileiros;
A morte ou a victoria!

(Vai-se.)

SCENA IV

PLACIDO, só.

Como é sublime o grito do patriotismo! Mas esta pergunta que Luciano acaba de fazer-me envolve talvez algum sinistro mysterio!... embora! tenho a minha consciencia tranquilla; para longe as idéas tristes : o anniversario natalicio da minha Affonsina seja todo de alegria e de ventura... e é já tempo de revelar o segredo da caixa e da sala : Leonidia! Affonsina! então que é isso?... querem ficar lá dentro o dia inteiro?

SCENA V

PLACIDO, LEONIDIA e AFFONSINA.

LEONIDIA.

Placido, Affonsina ainda não me deixou soccgar um instante, e quer por fôrça que eu lhe revele o nosso segredo.

PLACIDO.

Tens então muita vontade de saber o que encerra esta caixa e o que se acha n'aquella sala?

AFFONSINA.

Oh! muita, meu pae... e tambem para martyrio já é bastante.

PLACIDO.

Pois bem: eis-aqui a chave da sala; abre a porta e olha. (Dá a chave, Affonsina vai vêr.) Que vês?...

AFFONSINA.

Um altar!... para que se armou aqui um altar?

PLACIDO, o mesmo.

Abre agora a caixa; aqui tens a chave.

AFFONSINA.

Ah!

LEONIDIA.

Que encontraste na caixa, Affonsina?...

AFFONSINA.

Um vestido... um véo... e uma corôa de noiva...

LEONIDIA.

E não sabes a quem devem pertencer?...

AFFONSINA.

Minha mãe... eu não sei...

PLACIDO.

Affonsina, minha Affonsina: não te lembras que ao re-

ceber cheio de jubilo o pedido da tua mão, que nos fez Luciano, eu exigi que o dia do casamento fôsse marcado pôr mim?... Pois esse dia feliz é hoje, hoje, que tambem é o dia dos teus annos, e que será o mais bello da minha vida!...

AFFONSINA.

Meu pae!... minha mãe!...

LEONIDIA.

Estás contente, Affonsina?... Oh! mas a tua alegria não excede a que enche o coração de tua mãe!...

PRUDENCIO, dentro.

Então já está descoberto o segredo?... Póde-se comprimentar a noiva com todos os *ff* e *rr* do estylo?

PLACIDO.

Sim... sim... Affonsina já abriu a caixa e a sala.

PRUDENCIO.

Em tal caso, avanço com o meu batalhão... ávante, camaradas!

SCENA VI

Os PRECEDENTES, PRUDENCIO, CAVALHEIROS e SENHORAS.

CÔRO.

Salve o ditoso
Dia propicio

De natalicio
E de hymenéo!
Salve, mil vezes,
Noiva adorada,
Abençoada
Por Deus no céo.

(Placido comprimenta; as senhoras cercão Affonsina, etc.)

PLACIDO.

Obrigado, meus senhores, obrigado!

PRUDENCIO.

Muito bem! excellentemente; e agora queira Deus que o encanto do casamento, que põe a cabeça á roda a todas as moças, queira pelo contrário dar á minha sobrinha a unica cousa que lhe falta, isto é, o juizo no seu lugar.

LEONIDIA.

Mano Prudencio, você esquece o respeito que deve á princeza da festa.

PRUDENCIO.

Pois se eu tenho a cabeça completamente aturdida com os tambores que rufão lá fóra, e com os parabens e alegrias que fervem cà dentro! não sei como me hei de haver! Na praça a guerra, que é o meu elemento, e em casa um casamento que me faz encher a bocca d'água. Olhe: atè me havia esquecido de lhe entregar uma carta, que ha pouco veio trazer um criado da nossa prima, a mulher do intendente da policia.

LEONIDIA.

Uma carta do intendente?... Que novidade haverá?

PLACIDO.

Aposto que adivinhou o casamento de Affonsina...

LEONIDIA, lendo.

Meu Deus!...

PLACIDO.

Leonidia muda de côr e treme!... Que será?

PRUDENCIO.

A cartinha, pelo geito, parece mais um convite de enterro, do que carta de parabens: quem sabe se não é noticia de alguma *bernarda?*... Ora, que não se póde ter socego n'este tempo de revoluções!... tomára eu que levasse o diabo a todo o patriota que não é como eu amigo do seu commodo.

PLACIDO.

Recebeste, por certo, uma noticia desagradavel...

AFFONSINA.

Minha mãe, que ha?

LEONIDIA.

Que ha de ser?... Minha prima se mostra resentida, porque não a-previnimos do teu casamento; queixa-se de mim, e declara-se enfadada; mas vou já obrigal-a a fazer as pazes comigo; voltarei dentro em pouco; no entanto, minhas senhoras...

PRUDENCIO.

As honras da casa ficão por minha conta : minhas senhoras, aquella porta dá caminho para o jardim; aquella, meus senhores, abre-se para uma sala de jogo : ás senhoras as flôres, aos homens as cartas ! vamos... (Repetem o canto e vão-se.)

SCENA VII

PLACIDO e LEONIDIA.

PLACIDO.

Houve ha pouco uma pessoa, a quem não conseguiste enganar, Leonidia.

LEONIDIA.

Nem tive esse pensamento, meu amigo; lê esta carta; mas lembra-te de que hoje é o dia do casamento de nossa filha : tem coragem e prudencia.

PLACIDO, *lendo.*

« Cumpro um dever de amizade prevenindo-te de que
« teu marido foi denunciado como inimigo do Principe e
« da causa do Brasil; o governo toma medidas a esse res-
« peito; o denunciante, cujo nome não te posso confiar,
« é um moço ingrato e perverso, que deve tudo a teu
« marido, que o-acolheu em seu seio e tem sido o seu
« constante protector. Vês bem que este aviso, que te dou,
« póde, se chegar ao conhecimento do governo, compro-

« metter ao intendente. Falla-se na deportação do snr. Pla-
« cido; mas ha quem trabalhe em seu favor. Adeus. » In-
famia!

LEONIDIA.

Silencio...

PLACIDO.

Mas é uma horrivel calumnia que me levantão!

LEONIDIA.

Sê prudente, meu amigo; convem que não transpire este segredo; eu vou immediatamente fallar á minha prima, e conto desfazer toda està intriga. Deus ha de ser por nós... Promette-me ficar socegado...

PLACIDO.

Sim... sim... vae... e sobre tudo, e antes de tudo, traze-me o nome do infame calumniador.

LEONIDIA.

Hei de trazer-te a alegria, mas não me lembrarei da vingança. (Vai-se.)

SCENA VIII

PLACIDO e logo VELLASCO.

PLACIDO.

Que abominavel trama! Quem será o infame denunciante? (Lendo.) «... Um ingrato que me deve tudo. » Meu

absolutamente, e portanto, è vossa mercê para mim ainda mais do que são meus paes.

PLACIDO.

Snr., antes dos paes, Deus, e a patria sómente : mas a que vem essa historia?...

VELLASCO.

Repeti-a para perguntar-lhe agora se um homem que lhe deve tanto poderia procurar enganal-o?

PLACIDO.

Snr. Vellasco, nunca duvidei da sua honra, nem da sua palavra.

VELLASCO.

E se eu, pronunciando agora o nome do seu denunciante, quebrar uma das fibras mais delicadas do seu coração? se...

PLACIDO.

Embora... eu devo, eu quero saber esse nome...

VELLASCO.

Pois bem : o seu denunciante... foi...

PLACIDO.

Acabe...

VELLASCO.

O snr. Luciano.

PLACIDO.

Mente!

VELLASCO.

Snr. Placido!...

PLACIDO.

Perdoe-me... fui precipitado; mas Luciano... não... não é possivel!

VELLASCO.

E no emtanto foi elle!

PLACIDO.

Está enganado : Luciano é a honra...

VELLASCO.

Tenho um patricio empregado na policia, e d'elle recebi esta confidencia : vi a denuncia escripta pela lettra do snr. Luciano.

PLACIDO.

Meu Deus! é incrivel! (Reflecte.) Não... Luciano não póde ser; o noivo de minha filha... o meu filho adoptivo... o meu... não, não : é falso.

VELLASCO.

Cumpri o meu dever; o mais não é da minha conta; rogo-lhe sómente que não compromētta o meu amigo, que perderia o seu emprego se se descubrisse que. .

PLACIDO.

Póde socegar... não o-comprometterei; mas Luciano!... com que fim commetteria elle uma acção tão indigna?

VELLASCO.

Snr. Placido, a sua pergunta não é difficil de ser sa-

tisfeita: o snr. Luciano ha dous dias que não deixa a casa do ministro José Bonifacio : uma deportação prompta e immediata precipitaria o casamento desde tanto por elle suspirado, e ao mesmo tempo deixaria em suas mãos a riqueza immensa do deportado, ficando o segredo da traição occulto nas sombras da policia.

PLACIDO.

Quem poderia acredital-o!... Mas... realmente todas as presumpções o condemnão : ha pouco elle tremeu e confundiu-se, ouvindo Prudencio dizer que o-tinha visto hontem entrar duas vezes na casa do ministro : a carta da mulher do intendente diz que o denunciante é um ingrato, que tudo me deve, que eu acolhi em meu seio, e de quem tenho sido o constante protector... Oh! miseria da humanidade!... oh! infamia sem igual! foi elle! o calumniador, o infame; o denunciante foi Luciano!

VELLASCO.

Ainda bem que a verdade brilha a seus olhos; mas... não se exaspere : a innocencia triumphará e o crime deve ser condemnado ao desprezo.

PLACIDO.

Ao desprezo? não : o seu castigo ha de ser exemplar : juro, que um ingrato não será o esposo de minha filha; o demonio não se ha de unir a um anjo de virtudes; oh! o céo me inspira ao mesmo tempo o castigo do crime e o premio do merito. Snr. Vellasco, ha dous mezes pediu-me o snr. a mão de minha filha, e eu lh'a-recusei, di-

zendo-lhe que Affonsina estava promettida em casamento a Luciano; pois bem, o motivo da recusa desappareceu : minha filha será sua esposa.

VELLASCO.

Senhor...

PLACIDO.

Recusa a mão de minha filha?...

VELLASCO.

Oh! não, mas a snra. D. Affonsina ama ao snr. Luciano.

PLACIDO.

Aborrecel-o-ha dentro em pouco : minha filha ama sómente a virtude, e um ingrato ha de inspirar-lhe horror.

VELLASCO.

Mas eu nem mesmo assim serei amado : e em tal caso...

PLACIDO.

Respondo pelo coração de Affonsina; não pretendo coagil-o...

VELLASCO.

Snr., é a felicidade que me está offerecendo; abre-me as portas do céo : e pensa que eu hesitarei em beijar-lhe a mão, recebendo de sua bocca o nome de filho?

PLACIDO.

Ainda bem! Oh! Luciano! Luciano! mal sabes o que te espera!... Snr. Vellasco, vá reunir-se aos nossos amigos, e... silencio. (Vai-se para dentro.)

VELLASCO.

Acabo de lançar-me em um caminho perigoso; embora: quem não arrisca, não ganha. Se eu perder no jogo, terei pelo menos feito beber fel e vinagre a esse revolucionario que detesto, a esta familia estupida que não me aprecia bastante, e ao snr. Placido, que, sendo meu patricio, me havia posto de lado para casar a filha e dar a sua riqueza a um brasileiro!... Ânimo! o dia é para mim de jogo forte. Vou jogar. (Entra.)

SCENA IX

AFFONSINA e logo LUCIANO.

AFFONSINA.

Como sou feliz! O horisonte da minha vida é um quadro de flôres: amo, sou amada: meus paes abençoão o meu amor e meus votos; meus juramentos de envolta com os de Luciano vão ser levados ao céo nas azas dos anjos! Oh! meu Deus! meu Deus! o coração é muito pequeno para tão grande felicidade.

LUCIANO.

Affonsina! minha Affonsina!

AFFONSINA.

Luciano... já sabes...

LUCIANO.

Encontrei na casa do intendente nossa mãe, que tudo

me disse, e vejo a corôa e o véo de noiva em tua cabeça patenteando a minha gloria : oh ! de joelhos !, de joelhos ! agradeçamos a Deus tanta ventura !

AFFONSINA.

Sim... sim... é impossivel mais felicidade do que a nossa.

LUCIANO.

E ainda é maior do que pensas; errarei muito se não é verdade que saudaremos hoje a um só tempo o triumpho sincero do amor e o triumpho heroico da patria : Affonsina, os cantos de amor vão misturar-se com os hymnos da liberdade...

AFFONSINA.

Como?

LUCIANO.

Creio que um acontecimento grandioso teve lugar. O ministro José Bonifacio acaba de receber despachos e noticias do Principe; oh ! o meu coração transborda de enthusiasmo, e eu espero saudar hoje a patria da minha Affonsina, como nação livre e independente.

AFFONSINA.

Oh ! praza ao céo que a gloria da patria venha reflectir seus raios brilhantes sobre a pyra do nosso hymenéo.

LUCIANO.

E a patria será tua unica rival; a amada unica que terei além de ti !

AFFONSINA.

Mas a essa minha rival eu amo, eu adoro tambem! nem eut e quizera para meu esposo se não a-amasses tanto! a essa minha rival... Oh! meu Luciano, amo-a! adoro-a tanto, como a mim! ainda mais do que a mim!...

LUCIANO.

Affonsina!

AFFONSINA, correndo a abraçar-se.

Luciano!

SCENA X

Os PRECEDENTES, e PLACIDO apparecendo.

PLACIDO.

Separae-vos!...

AFFONSINA.

Meu pae!...

LUCIANO.

Senhor...

PLACIDO.

Separae-vos, disse: Affonsina, o teu casamento só mais tarde terá lugar, e outro será teu esposo, porque este snr. é... um... infame...

LUCIANO.

Infame! infame! .. oh! meu Deus! eu mataria outro qualquer homem que ousasse dizel-o!

AFFONSINA.

Luciano! .. é meu pae!

LUCIANO.

Estás vendo que o não esqueci.

PLACIDO.

Nada mais ha de commum entre nós : o snr. sabe que praticou uma infamia, e tanto basta. Seja feliz... suba... conquiste posição... honras... fortuna; presinto que terá um futuro immenso... é habil... conseguirá tudo, menos ser esposo de minha filha.

AFFONSINA.

Meu pae, calumniárão a Luciano.

PLACIDO.

Não; foi elle que se deshonrou.

AFFONSINA.

É calumnia, meu pae!

LUCIANO.

Obrigado, Affonsina; juro-te pela nossa patria, que me fazes justiça. (A Placido.) Snr., ninguem no mundo, e nem vossa mercê, é mais honrado do que eu.

PLACIDO.

Acabemos com isto. (Fallando para dentro.) Venhão todos entrem, snrs.!

AFFONSINA.

Oh! meu Deus!... Luciano...

LUCIANO.

Socega.

SCENA XI

OS PRECEDENTES, PRUDENCIO, VELLASCO, SENHORAS, CAVALHEIROS.

PRUDENCIO.

São horas do casamento?...

PLACIDO.

Justiça seja feita!

PRUDENCIO.

Justiça! tenho muito medo d'esta senhora, porque padece da vista, e ás vezes dá pancada de cégo.

PLACIDO.

Snres., tenho de cumprir um acto de solemne justiça; oução-me.

AFFONSINA.

Eu tremo!...

PLACIDO

Sejão todos testemunhas do que vou dizer, e do que

se vai passar. Snres., acabo de romper o casamento que devia celebrar-se hoje. O Snr. Luciano é indigno da mão de minha filha.

PRUDENCIO.

Então como diabo foi isso?

PLACIDO.

Esse mancebo, a quem sempre servi de pae desvelado, atraiçôou-me, feriu-me com a mais perversa calumnia. Esperando, sem dúvida, ficar de posse dos meus bens e riqueza, denunciou-me ao governo como inimigo do Principe e da causa do Brasil, e pediu a minha immediata deportação.

AFFONSINA.

Luciano? é impossivel, meu pae!...

PRUDENCIO.

Já não ha impossiveis no mundo, minha senhora : e ia esta pombinha sem fel cair nas garras d'aquelle revolucionario!

VELLASCO, á parte.

Chegamos ao fim do jogo : tenho esperanças de ganhal-o; mas confesso que estou com receio da ultima cartada.

PLACIDO.

A perfidia do ingrato foi a tempo descoberta : espero em Deus não ser deportado; e ainda bem que posso salvar minha filha!

PRUDENCIO.

Apoiado! nada de contemplações...

PLACIDO.

E agora, snres., revelarei a todos um segredo de familia, que eu hoje tinha de confiar sómente ao snr. Luciano. Sabem os meus amigos que eu tive um irmão querido, meu socio nos prazeres e nas afflicções da vida, e tambem meu socio no commercio; a morte roubou-me esse irmão, cuja fortuna herdei, como seu unico parente. Pois bem, esse irmão muito amado, ferido de subito pelo mal que o-devia levar em poucos instantes á sepultura, reconhecendo o seu estado, e vendo que se aproximava do transe derradeiro, chamou-me para junto de seu leito e disse-me : «Placido, sabes que tenho um filho, penhor de um amor infeliz e illegitimo; ignorem todos este segredo, e tu recolhe meu filho, educa-o, zela a fortuna que deixo e que deve pertencer-lhe; e se elle se mostrar digno de nós, se fôr um homem honrado, entrega-lhe a sua herança.» Concluindo estas palavras, meu irmão expirou. Snres., o filho de meu irmão é o snr. Luciano!

LUCIANO.

Grande Deus!...

AFFONSINA.

É meu primo!

PRUDENCIO.

Esta é de deixar um homem de bocca aberta um dia inteiro!

VELLASCO, á parte.

Complica-se o enredo..... e..... palavra de honra, creio que isto acaba mal.

PLACIDO.

Snr. Luciano, creio que cumpri á risca o meu dever : zelei os seus bens, a sua fortuna, amei-o e eduquei-o como... um filho. Hoje que sou victima de sua ingratidão, podia guardar para mim a herança que lhe pertence, pois que nenhum documento lh'a-assegura, e todos ignoravão o que acabo de referir : quero, porém, dar-lhe um ultimo e inutil exemplo de probidade. (Dando papeis.) Eis-aqui as minhas contas : póde mandar receber a sua herança; o snr. possue quinhentos mil cruzados.

PRUDENCIO.

Este meu cunhado é doudo!

AFFONSINA.

Como procederá agora Luciano?...

PLACIDO.

Eis as minhas contas, repito; examine-as e dê-me as suas ordens. Uma ultima palavra : comprehenda que faço um sacrificio fallando-lhe ainda, e que estou ancioso por concluir depressa. Snr., sei que se ufana do nome de patriota; é um bello nome, sem dúvida, e que exprime uma idéa grandiosa; mas não basta ser valente para ser patriota, como ser bravo não é ser honrado. O patriota é aquelle que além de estar prompto a dar a vida pela causa

do seu paiz, sabe tambem honral-o com a pratica de virtudes, e com o exemplo da honestidade; o patriota prova que o-é no campo da batalha, nos comicios publicos, no serviço regular do Estado e no seio da familia; em uma palavra, quem não é homem probo, não póde ser patriota. Eis o que pretendia dizer-lhe; agora separemo-nos para sempre: aqui tem as minhas contas, e dê-me as suas ordens. (Luciano fica immovel.)

AFFONSINA.

Oh! elle não aceita!

PLACIDO.

Receba-as, snr., e deixe-nos em paz. (Luciano recebe os papeis.)

AFFONSINA.

E aceitou .. meu Deus!

VELLASCO, á parte.

Quinhentos mil cruzados de menos no bôlo!

LUCIANO.

Vou retirar-me; antes, porém, de o-fazer, tambem direi uma unica... e derradeira palavra. Fui condemnado sem ser ouvido: transformou-se contra mim a calumnia em verdade, e punirão-me com o insulto e com a humilhação. Curvo-me diante do unico homem que o-podia fazer impunemente. Snr., facil me fôra desfazer em um instante todo esse indigno enredo em que me envolvêrão, mas o meu orgulho me cerra os labios, e não descerei a

desculpar-me; ao insulto seguirá em breve o arrependimento; no emtanto... vou retirar-me; esta riqueza, porém, que vossa mercê me atirou ao rosto em um tal momento... essa riqueza... oh! snr., um patriota tambem prova que o-é, levantando-se diante do opprobrio... Oh! vossa mercê definiu perfeitamente o patriota e o homem honrado: deu-me, porém, a definição e não me apresentou o exemplo; pois o exemplo quero eu dar-lh'o: eil-o aqui! (Rasga os papeis.)

AFFONSINA.

É o meu Luciano! Eu o-reconheço!...

PLACIDO.

Snr.! despreza a herança de seu pae?...

LUCIANO.

Não desprezo a herança de meu pae; revolto-me contra a affronta de meu tio. Riquezas! eu as-terei; a terra abençoada por Deus, o Brasil, minha bella e portentosa patria, abre ao homem que trabalha um seio immenso repleto de thesouros inexgotaveis; colherei, pois, esses thesouros por minhas mãos, enriquecerei com o meu trabalho, e ninguem, ninguem jámais terá o direito de humilhar-me!

PRUDENCIO.

É outro doudo! creio que a loucura é molestia hereditaria n'esta familia.

LUCIANO.

Vossa mercê não será deportado, eu o-juro; descance;

mas o seu denunciante, esse... esse miseravel que se esconde nas trevas, esse... hei de conhecel-o e curval-o de joelhos a meus pés, e... adeus, snr... Affonsina!...

AFFONSINA.

Luciano!

LEONIDIA, dentro.

Parabens! parabens!

PLACIDO.

Leonidia ..

VELLASCO, á parte.

Péor está essa!...

SCENA XII

Os PRECEDENTES, e LEONIDIA.

LEONIDIA.

Placido!... (Abraça-o.) Cheguei tarde, meu amigo, tudo já estava feito; Luciano tinha assignado uma fiança por ti e suspendido a tua deportação...

PLACIDO.

Luciano?! perdão, meu filho! perdoa a teu pae!

LUCIANO.

Meu pae! o meu coração nunca o-accusou...

VELLASCO, á parte.

Chegou o momento de pôr-me longe d'aqui... vou sahir sorrateiramente...

LEONIDIA.

Pois duvidaste de Luciano? d'elle, que ha dous dias só se occupa de salvar-te?

PLACIDO.

Snr. Vellasco!... (Voltando-se.) Devo-lhe o ter feito a meu filho uma grande injustiça; venha defender-me... (Tral-o pelo braço.)

VELLASCO.

Segue-se que fui enganado tambem... palavra de honra... palavra de honra...

PLACIDO.

Não jure pela honra... não a-tem para jurar por ella...

PRUDENCIO.

Mas que alma de judas foi então o denunciante?

LEONIDIA.

Negárão-me o seu nome; mas eis-aqui uma carta para Luciano.

LUCIANO, depois de lêr.

O denunciante?... eil-o! (Mostrando Vellasco.)

PLACIDO.

Miseravel!... (Luciano o-suspende.)

PRUDENCIO.

Pois vossês cairão em acreditar n'aquelle ilhéo?...

LUCIANO.

Sirva-lhe de castigo a sua vergonha : os bons vingão-se de sobra do homem indigno, quando o-expúlsão da sua companhia... o denunciante é baixo e vil, e o denunciante falsario um ente abjecto, a quem não se dirige a palavra, nem se concede a honra de um olhar. (Sem olhal-o, aponta para a porta, e Vellasco sahe confuso e envergonhado.) Affonsina!

PLACIDO.

É tua, meu filho... o altar vos espera... não nos demoremos... vamos.

LEONIDIA.

Vae, minha filha! vae e sê feliz! (Abre-se a porta da sala do fundo; os noivos e a companhia vão para o altar : Leonidia só fica na scena, ajoelha-se e ora.)

CÔRO.

Nas azas brancas o anjo da virtude
Os puros votos leve d'este amor,
E aos pés de Deus depositando-os, volte
E aos noivos traga a benção do Senhor.

AFFONSINA e LUCIANO.

Minha mãe!...

LEONIDIA, abraçando-os.

Meus filhos!...

PRUDENCIO.

Agora ao banquete! ao banquete! estou no meu elemento!... (Ouve-se musica e gritos de alegria.) Misericordia!... parece toque de rebate...

LUCIANO.

Oh! é a feliz nova que rebenta, sem dúvida! Meu pae! minha mãe! Affonsina! é a Independencia... eu corro... (Vai-se.)

PLACIDO.

Os signaes não são de rebate, são de alegria...

LEONIDIA.

E Luciano... se elle se foi expor...

AFFONSINA.

Não, minha mãe; meu esposo foi cumprir o seu dever.

PRUDENCIO.

Esta minha sobrinha nasceu para general.

SCENA XIII

Os PRECEDENTES, e LUCIANO ornado de flôres.

LUCIANO.

Salve! salve! o Principe immortal, o paladim da liberdade chegou de S. Paulo, onde a 7 deste mez, nas margens

do Ypiranga, soltou o grito « Independencia ou Morte! » grito heroico, que será d'ora ávante a divisa de todos os Brasileiros... ouvi! ouvi! (Acclamações dentro.) Sim! — « Independencia ou Morte! »

PRUDENCIO.

Por minha vida! este grito tem assim alguma cousa que parece fogo... faz ferver o sangue nas veias, e é capaz de fazer de um medroso um heroe... O diabo leve o medo!... quando se escuta um d'estes gritos electricos, não ha, não póde haver Brasileiro, de cujo coração e de cujos labios não rompa esse motte sagrado... « Independencia ou Morte! »

VOZES, dentro.

Viva a Independencia do Brasil!... Viva! viva!

SCENA XIV

Os Precedentes e Multidão. — Homens ornados de flôres e folhas; um traz a bandeira nacional. Enthusiasmo e alegria. Vivas á Independencia.

LUCIANO, tomando a bandeira.

Eis o estandarte nacional! Viva a nação brasileira!...

AFFONSINA.

Dá-me essa nobre e generosa bandeira. (Toma-a.) Meu pae: eis o estandarte da patria de teus filhos! abraça-te

com elle, e adopta por tua patria a nação brasileira, que vai engrandecer-se aos olhos do mundo!...

PLACIDO.

Terra de amor, terra de liberdade, terra de futuro e de gloria! Brasil querido! aceita em mim um filho dedicado!...

(Acclamações — vivas — e o Hymno da Independencia.)

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

INDICE DO TOMO PRIMEIRO

PARIZ. — IMP. DE SIMON RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

GRAND DICTIONNAIRE ITALIEN-FRANÇAIS ET FRANÇAIS-ITALIEN

Par Barberi, continué et terminé par Basti et Cerati. 2 gros vol. in-4, contenant 2,500 pages, 45 fr.; net. . . . . 25 fr.

LE NOUVEAU MAITRE ITALIEN

Abrégé de la Grammaire des Grammaires italiennes, simplifié et mis à la portée de tous les commençants, divisé par leçons, avec des thèmes gradués pour s'exercer à parler dès les premières leçons et s'habituer aux inversions italiennes, par J. Ph. Barberi, auteur du *Grand Dictionnaire italien-français*. 1 fort vol. in-8, 6 fr.; net. . . . 4 fr.

DICTIONNAIRE USUEL DE GÉOGRAPHIE MODERNE

Contenant : les articles les plus nécessaires de la géographie ancienne, ce qu'il y a de plus important dans la géographie historique du moyen âge, le résumé de la statistique générale des grands États et des villes les plus importantes du globe, par M. D. de Rienzi. Nouvelle édition. 1 fort vol. in-8, à 2 col., orné de 9 cartes col. . . . . 8 fr.

DICTIONNAIRE GÉOGRAPHIQUE, STATISTIQUE ET POSTAL DES COMMUNES DE FRANCE

Dédié au commerce, à l'industrie et à toutes les administrations publiques, par M. A. Peigné, auteur du *Dictionnaire portatif de la langue française* et de plusieurs ouvrages d'instruction; avec la carte des postes. Cet ouvrage, par la multiplicité et l'exactitude des renseignements qu'il fournit, est indispensable à tout commerçant, voyageur, industriel et employé d'administration, dont il est le *vade mecum*. . . . . . 5 fr.

GUIDES POLYGLOTTES, MANUELS DE LA CONVERSATION ET DU STYLE ÉPISTOLAIRE

A l'usage des voyageurs et de la jeunesse des écoles, par MM. Clifton, Vitali, Corona, Bustamente, Ebeling, Carolino Duarte. Grand in-32, format dit Cazin, papier satiné, élégamment cartonnés. Le vol. . 2 fr.

Jolie reliure toile. . . . . 50 c. le vol. en plus.

Français-Anglais. 1 vol in-32.
Français-Italien. 1 vol. in-32.
Français-Allemand. 1 vol. in-32.
Français-Espagnol. 1 vol. in-32.
Français-Portugais. 1 vol in-32.
Español-Francés. 1 vol. in-32.
English-French. 1 vol. in-32.
English-Portuguese. 1 vol. in-32.
Español-Inglés. 1 vol. in-32.
Anglais-Allemand. 1 vol. in-32.
Español-Italiano. 1 vol. in-32.
Portuguez-Francez. 1 vol. in-32.
Portuguez-Inglez. 1 vol. in-32.

GUIDE EN SIX LANGUES. — Français-anglais-allemand-italien-espagnol-portugais. 1 fort vol. in-16 de 550 pages. Prix. . . . . 5 fr.

Nous appelons d'une manière toute spéciale l'attention sur nos *Guides polyglottes*. Le soin intelligent et scrupuleux qui en a dirigé l'exécution leur assurer parmi les livres de ce genre, une incontestable supériorité. Le texte original a été fait et préparé, avec beaucoup d'adresse et d'habileté, par un maître de conférence à l'École normale supérieure. Les besoins de la conversation usuelle y sont très-heureusement prévus. Les dialogues, au lieu de se traîner dans l'ornière des banalités ennuyeuses, ont un à-propos, une vivacité, un sel, qui amusent et réveillent le lecteur L'auteur a eu l'art de joindre l'*agréable* à l'*utile*.

GÉOGRAPHIE UNIVERSELLE

Par Malte-Brun, description de toutes les parties du monde sur un nouveau plan, d'après les grandes divisions du globe; précédée de l'Histoire de la Géographie chez les peuples anciens et modernes, et d'une Théorie générale de la Géographie mathématique, physique et politique. Sixième édition, revue, corrigée et augmentée, mise dans un nouvel ordre et enrichie de toutes les nouvelles découvertes, par J. J. N. Huot. 6 beaux vol. grand in-8, enrichis de 41 gravures sur acier. . . 60 fr.

Avec un superbe atlas entièrement établi à neuf. 1 vol. in-folio, composé de 72 magnifiques cartes coloriées, dont 14 doubles. . . . . . 80 fr.

On se plaignait généralement de la sécheresse de la géographie, lorsque, après quinze années de lectures et d'études, Malte-Brun conçut la pensée de renfermer dans une suite de discours historiques l'ensemble de la géographie ancienne et moderne, de manière à laisser, dans l'esprit d'un lecteur attentif, l'image vivante de la terre entière, avec toutes ses contrées diverses, et avec les lieux mémorables qu'elles renferment et les peuples qui les ont habitées ou qui les habitent encore.

Il s'est dit : « La géographie n'est-elle pas la sœur et l'émule de l'histoire? Si l'une a le pouvoir de ressusciter les générations passées, l'autre ne saurait-elle fixer, dans une image mobile, les tableaux vivants de l'histoire en retraçant à la pensée cet éternel théâtre de nos courtes misères? cette vaste scène, jonchée des débris de tant d'empires, et cette immuable nature, toujours occupée à réparer, par ses bienfaits, les ravages de nos discordes? Et cette description du globe n'est-elle pas intimement liée à l'étude de l'homme, à celle des mœurs et des institutions? n'offre-t-elle pas à toutes les sciences politiques des renseignements précieux? aux diverses branches de l'histoire naturelle, un complément nécessaire? à la littérature elle-même, un vaste trésor de sentiments et d'images? »

DICTIONNAIRE DE LA CONVERSATION ET DE LA LECTURE

52 vol. grand in-8 de 500 pages à 2 col., contenant la matière de plus de 300 vol. . . . . 208 fr.

Œuvre éminemment littéraire et scientifique, produit de l'association de toutes les illustrations de l'époque, sans acception de partis ou d'opinions, le *Dictionnaire de la Conversation* a depuis longtemps sa place marquée dans la bibliothèque de tout homme de goût, qui aime à retrouver formulées en préceptes généraux ses idées déjà arrêtées sur l'histoire, les arts et les sciences.

SUPPLÉMENT AU
DICTIONNAIRE DE LA CONVERSATION ET DE LA LECTURE

Rédigé par tous les écrivains dont les noms figurent dans cet ouvrage, et publié sous la direction du même rédacteur en chef. 16 vol. gr. in-8 de 500 pages, conformes aux 52 vol. publiés de 1832 à 1839. . 80 fr.

Le *Supplément*, aujourd'hui terminé, se compose de *seize volumes* formant les tomes LIII à LXVIII de cette Encyclopédie si populaire.

Ce *Supplément* a réparé toutes les erreurs, toutes les omissions qui avaient échappé dans le travail si rapide de la rédaction des 52 premiers volumes. Tous les *renvois* que le lecteur cherchait vainement dans l'ouvrage principal se trouvent traités dans le *Supplément*, quelques articles jugés insuffisants ont été refaits.

Qui ne sait l'immense succès du *Dictionnaire de la Conversation?* Plus de 19,000 exemplaires des tomes I à LII ont été vendus; mais, aujourd'hui, les seuls exemplaires qui conservent toute *leur valeur primitive* sont ceux qui possèdent le *Supplément*, en d'autres termes, les tomes LIII à LXVIII.

Comme les seize volumes supplémentaires n'ont été tirés qu'à 3,000, ils ne tarderont pas à être épuisés.

Nous nous bornerons à prévenir les possesseurs des tomes I à LII qu'avant peu de temps il nous sera impossible de compléter leurs exemplaires et de leur fournir les tomes LIII à LXVIII; car ils s'épuisent plus rapidement que nous ne l'avions pensé.

Prix des seize vol. du *Supplément* (tomes LIII à LXVIII), 80 fr.; le v. 5 fr.

COURS COMPLET D'AGRICULTURE

Du Nouveau Dictionnaire d'agriculture théorique et pratique, d'économie rurale et de médecine vétérinaire; sur le plan de l'ancien Dictionnaire de l'abbé ROSIER.

Par M. le baron de MOROGUES, ex-pair de France, membre de l'institut, de la Société nat. et cent. d'agriculture;
M. MIRBEL, de l'Académie des sciences, professeur de culture au Jardin des Plantes, etc;
Par M. le vicomte HÉRICART DE THURY, président de la Société nationale d'agriculture;
M. PAYEN, de la Société nationale d'agriculture, professeur de chimie industrielle et agricole;
M. MATHIEU DE DOMBASLE, etc.

Ce cours a eu pour base le travail composé par les membres de l'ancienne section d'agriculture de l'Institut : MM. DE SISMONDI, BOSC, THOUIN, CHAPTAL, TESSIER, DESFONTAINES, DE CANDOLLE, FRANÇOIS DE NEUFCHATEAU, PARMENTIER, LA ROCHEFOUCAULD, MOREL DE VINDÉ, HUZARD père et fils, APPERT, VILMORIN, BRONGNIART, LENOIR, NOISETTE, etc., etc. 4e édition, revue et corrigée. Broché en 20 vol. grand in-8, à 2 colonnes, avec environ 4,000 sujets gravés, relatifs à la grande et à la petite culture, à l'économie rurale et domestique, etc. Complet, 112 fr. 50; net. . . . . . . 90 fr.

DICTIONNAIRE D'HIPPIATRIQUE ET D'ÉQUITATION

Ouvrage où se trouvent réunies toutes les connaissances équestres et hippiques, par F. CARDINI, lieutenant-colonel en retraite. 2 vol. grand in-8, ornés de 70 figures. Deuxième édit., corrigée et considérablement augmentée, 20 fr.; net. . . . . 15 fr.

OUVRAGES RELIGIEUX

ÉLÉVATIONS A DIEU SUR TOUS LES MYSTÈRES DE LA RELIGION CHRÉTIENNE

Par BOSSUET. 1 vol. grand in-8, même format que les *Méditations sur l'Evangile*, orné de 10 magnifiques gravures anglaises sur acier, d'après LE GUIDE, POUSSIN, VANDERWERF, MARATTE, COPLEY, MELVILLE, etc. . 16 fr.

MÉDITATIONS SUR L'ÉVANGILE

Par BOSSUET, revues sur les manuscrits originaux et les éditions les plus correctes, et illustrées de 14 magnifiques gravures sur acier, d'après RAPHAEL, RUBENS, POUSSIN, REMBRANDT, CARRACHE, LÉONARD DE VINCI, etc. 1 vol. grand in-8 jésus. . . . . 18 fr.

Cette superbe réimpression des chefs-d'œuvre de Bossuet, imprimée avec le plus grand soin par Simon Raçon, est destinée à prendre place parmi les plus beaux livres de l'époque.

LES SAINTS ÉVANGILES

Par l'abbé DASSANCE, selon saint Matthieu, saint Marc, saint Luc et saint Jean. 2 splendides vol. grand in-8, illustrés de 12 gravures sur acier, et ornés de vues. Edition CURMER. Brochés, 48 fr.; net. . . . . . 30 fr.

LES ÉVANGILES

Par F. LAMENNAIS, Traduction nouvelle, avec des notes et des réflexions. Deuxième édition, illustrée de 10 gravures sur acier, d'après GIGOLI, LE GUIDE, MURILLO, OVERBECK, RAPHAEL, RUBENS, etc. 1 vol. in-8 cavalier vélin, 10 fr.; net. . . . . 8 fr.

LES VIES DES SAINTS

Pour tous les jours de l'année, nouvellement écrites par une réunion d'ecclésiastiques et d'écrivains catholiques, classées pour chaque jour de l'année par ordre de dates, d'après les martyrologes et Godescard; illustrées d'environ 1,800 gravures. L'ouvrage complet forme 4 beaux vol. grand in-8; chaque vol. se compose d'un trimestre et forme un tout complet. 10 fr. le vol. Complet. . . . . 40 fr.

Les *Vies des Saints* avaient déjà obtenu l'approbation des archevêques de Paris, de Cambrai, de Tours, de Bourges, de Reims, de Sens, de Bordeaux, etc., etc.

IMITATION DE JÉSUS-CHRIST

Traduite par l'abbé Dassance, avec approbation de Monseigneur l'archevêque de Paris. Edition Curmer, avec encadrements variés, frontispice or et couleur, et 10 gravures sur acier. 1 vol. grand in-8. . . 20 fr.

Reliure chagrin, tranche dorée. . . . . 12 fr. »
— demi-chagrin, tranche dorée, plats toile. 5 50

LES FEMMES DE LA BIBLE

Par M. l'abbé G. Darboy. Collection de portraits des femmes remarquables de l'Ancien et du Nouveau Testament (gravés par les meilleurs artistes, d'après les dessins de G. Staal), avec textes explicatifs rappelant les principaux événements du peuple de Dieu, et renfermant des appréciations sur les caractères des Femmes célèbres de ce peuple. 2 vol. grand in-8 jésus. Le vol. 20 fr.

LES SAINTES FEMMES

Par M. l'abbé Darboy. Collection de portraits, gravés sur acier, des femmes remarquables de l'Église; ouvrage approuvé par Monseigneur l'archevêque de Paris. 1 vol. grand in-8 jésus. . . . . 20 fr.

LE CHRIST, LES APOTRES ET LES PROPHÈTES

Par l'abbé Darboy. Collection de portraits de l'Écriture sainte les plus remarquables, gravés par les meilleurs artistes. 1 volume grand in-8 jésus.. . . . . 20 fr.

LA VIERGE

Histoire de la Mère de Dieu et de son culte, par l'abbé Orsini. Nouvelle édition, illustrée de gravures sur acier et de sujets dans le texte. 2 beaux vol. grand in-8 jésus. . . . . 24 fr.

SAINT VINCENT DE PAUL

Histoire de sa vie, par l'abbé Orsini. 1 magnifique vol. grand in-8 jésus, illustré de 10 splendides gravures sur acier, tirées sur chine avant la lettre, d'après Karl Girardet, Leloir, Meissonnier, Staal, etc., gravées par nos meilleurs artistes. . . . . 12 fr.

PRIX DE LA RELIURE DES SEPT VOLUMES CI-DESSUS

Reliure toile mosaïque, plaque spéciale, tranche dorée.. . . . . 6 fr.
Reliure demi-chagrin, tranche dorée. . . . . 6 »

LA SAINTE BIBLE

L'Ancien et le Nouveau Testament complets; traduction nouvelle par Genoude. 3 vol. grand in-8 à 2 colonnes, illustrés de 8 magnifiques gravures anglaises et de 350 gravures sur bois. . . . . 24 fr.

Demi-rel. chagrin, plats toile, doré sur tranche, 3 vol. rel. en 2. 6 fr. le vol.

HISTOIRE ECCLÉSIASTIQUE

Par l'abbé FLEURY, augmentée de 4 livres (les livres CI, CII, CIII et CIV) publiés pour la première fois d'après un manuscrit appartenant à la Bibliothèque impériale, avec une table générale des matières. Paris, 1856. 6 vol. gr. in-8 jésus, à 2 col.; au lieu de 60 fr., net.. . 30 fr.

ŒUVRES COMPLÈTES DE CHATEAUBRIAND

Nouvelle édition, précédée d'une étude littéraire sur CHATEAUBRIAND par M. SAINTE-BEUVE, de l'Académie française. 12 vol. in-8, papier cavalier vélin, orné d'un beau portrait de Chateaubriand. Chaque vol.. 5 fr.

Notre édition réunit à la fois les avantages d'un prix modéré, d'une excellente typographie et d'une correction faite d'après les meilleurs textes. Elle sera enrichie d'une étude très-complète sur Chateaubriand par M. Sainte-Beuve, et de notes inédites extrêmement curieuses.

Nous avons eu soin de faire faire des titres particuliers et des couvertures spéciales pour chaque volume formant un tout complet.

EN VENTE

LE GÉNIE DU CHRISTIANISME. 1 vol.

LES MARTYRS. 1 vol.

L'ITINÉRAIRE DE PARIS A JERUSALEM. 1 vol.

ATALA, RENÉ, LE DERNIER ABENCERRAGE, LES NATCHEZ, POÉSIES. 1 vol.

VOYAGE EN AMÉRIQUE, EN ITALIE ET EN SUISSE. vol.

Chaque volume, avec 3, 4 ou 5 gravures, se vend séparément.. . . . 6 fr.
Demi-reliure, plats toile, doré sur tranche. . . . . 3 fr.

MAGNIFIQUE COLLECTION DE GRAVURES

Comme ornement et complément de notre. édition, nous publions une splendide collection composée d'environ 40 gravures, dessinées par STAAL, etc., exécutées spécialement pour cette édition, et avec le plus grand soin, par MM. F. DELANNOY, A. THIBAULT, OUTHWAITE, MASSARD, etc., d'après les dessins originaux de G. STAAL, RACINET, etc. Rien n'a été négligé pour rendre ces gravures dignes des *Œuvres de Chateaubriand* 12 livr. composées de chacune 3 ou 4 grav. Chaque livraison. 1 fr.

HISTOIRE DE FRANCE

Par ANQUETIL, avec continuation jusqu'à nos jours par BAUDE, l'un des principaux auteurs du *Million de Faits* et de *Patria*. 8 vol. grand in-8, imprimés à 2 col., illustrés de 120 gravures environ, renfermant la collection complète des portraits des rois, 50 fr.; net. . . . . . 40 fr.

HISTOIRE DE FRANCE D'ANQUETIL

Continuée depuis la Révolution de 1789 par LÉONARD GALLOIS. Edition ornée de 50 gravures en taille-douce. 5 vol. grand in-8 jésus à 2 colonnes, contenant la matière de 40 vol. in-8 ordinaires. 62 fr. 50; net. 40 fr.
Demi-reliure, dos chagrin, le vol. . . . . 3 fr. 50

ABRÉGÉ CHRONOLOGIQUE DE L'HISTOIRE DE FRANCE

Par le président HÉNAULT, continué par MICHAUD. 1 vol. grand in-8 illustré de gravures sur acier. 12 fr.
Demi-reliure, chagrin. . . . . 3 fr. 50
— avec les plats toile, tr. dor.. . . . . . . 6 fr. »

HISTOIRE DE LA RÉVOLUTION FRANÇAISE

Par M. LOUIS BLANC, auteur de l'*Histoire de Dix ans*. Chaque volume se vend séparément. . . . . 5 fr.

Le dixième volume est en vente.

CAMPAGNE DE PIÉMONT ET DE LOMBARDIE

Par AMÉDÉE DE CESENA. 1 vol. grand in-18 jésus. . . . . 20 fr.

L'histoire de cette campagne est une histoire éminemment populaire, qui doit éveiller un intérêt universel. Les éditeurs n'ont rien négligé pour que cet ouvrage joignît au mérite de l'à-propos tous les avantages d'une exécution sérieuse. et devînt un livre, non pas seulement de circonstance et d'un intérêt éphémère, mais digne de tenir une place honorable dans les bibliothèques. — Au point de vue littéraire et politique, le nom de l'auteur est à la fois une promesse et une garantie. Les incidents de la campagne sont retracés dans ce livre avec une verve et un entrain qui donnent beaucoup de charme au récit. L'ouvrage est orné des portraits de l'Empereur, de l'Impératrice et de Victor-Emmanuel, admirablement gravés sur acier par Delannoy, d'après Winterhalter, de plans et de cartes, de types militaires des trois armées et de planches sur acier représentants les batailles de *Magenta* et de *Solferino* et la *Rentrée des Troupes à Paris*. Le livre renferme aussi la liste complète et nominale des décorés et des médaillés de l'armée d'Italie, et, par cela même, devient pour eux un titre de famille.

GALERIES HISTORIQUES DE VERSAILLES

Ce grand et important ouvrage a été entrepris aux frais de la liste civile du roi Louis-Philippe, et rédigé d'après ses instructions. Il renferme la description de 1,200 tableaux; des notices historiques sur plus de 676 écussons armoriés de la salle des Croisades, et des aperçus biographiques sur presque tous les personnages célèbres depuis les temps les plus reculés de la monarchie française. Cet ouvrage, véritable histoire de France, illustrée par les maîtres les plus célèbres en peinture et en sculpture, et destiné à être donné en cadeau à tous les hommes éminents de notre époque, n'a jamais été mis en vente. 10 vol. in-8 imprimés en caractères neufs sur beau papier, avec un magnifique album in-4 contenant 100 gravures. . . . . 80 fr.

VERSAILLES ANCIEN ET MODERNE

Par le comte ALEXANDRE DE LA BORDE. Paris, Gavard, 1842. 1 vol. grand in-8 jésus vélin; au lieu de 30 fr., net. . . . . 12 fr. 50

Ce volume, de 916 pages de texte, est orné de plus de 800 gravures sur acier et sur bois.

SOUVENIRS D'UN AVEUGLE

Voyage autour du monde, par J. ARAGO, sixième édition, revue, augmentée, enrichie de notes scientifiques, par F. ARAGO, de l'Institut. 2 vol. grand in-8 raisin, illustrés de 23 planches et portraits à part, et de 110 vignettes dans le texte, 20 fr.; net. . . . . 15 fr.

Reliure toile, tranche dorée, le volume. . . . . 3 fr. 50
Reliure demi-chagrin, plats en toile, tr. dorée, les 2 vol. en un. 4 50

ABRÉGÉ MÉTHODIQUE DE LA SCIENCE DES ARMOIRIES

Suivi d'un glossaire des attributs héraldiques, d'un traité élémentaire des ordres modernes de la chevalerie, et de notions sur l'origine des noms de famille et des classes nobles, les anoblissements, les preuves et les titres de noblesse, les usurpations et la législation nobiliaire, etc., par M. MAIGNE, 1 vol. grand in-18 jésus, orné d'environ 300 vignettes dans le texte, gravées par M. DUFRÉNOY. . . . . 6 fr.

DICTIONNAIRE DE LA NOBLESSE ET DU BLASON

Par Jouffroy d'Eschavannes, héraldiste, historiographe, secrétaire-archiviste de la Société orientale de Paris. 1 vol. grand in-8, ill. de 2 pl. de blason col. et d'un grand nombre de grav. 15 fr.; net. . . 10 fr.

ORDRES DE CHEVALERIE ET MARQUES D'HONNEUR

Histoire, costume et décoration, par M. Wailen, chevalier de plusieurs ordres. Ouvrage publié sur les documents officiels, avec un supplément renfermant toutes les nouvelles décorations jusqu'à ce jour, et les costumes des principaux ordres. Superbe volume grand in-8, illustré de 110 planches coloriées à l'aquarelle. Au lieu de 75 fr., net. . . 40 fr.

COSTUMES DU MOYEN AGE

D'après les monuments, les peintures et les monuments contemporains, et pris en grande partie parmi les monuments de la célèbre bibliothèque des ducs de Bourgogne; précédés d'une dissertation sur les mœurs, les usages de cette époque. 2 magnifiques volumes illustrés de 150 gravures soigneusement coloriées à l'aquarelle. 90 fr.; net. . . . 45 fr.

L'ITALIE CONFÉDÉRÉE

Histoire politique, militaire et pittoresque de la campagne de 1859, par Amédée de Cesena. 4 vol. grand in-8 jésus, illustrés de gravures sur acier, de types militaires des différents corps des armées française, sarde et autrichienne, dessinés par Ch. Vernier; des plans de Vérone, de Mantoue et de Venise, etc., et d'une carte du nord de l'Italie indiquant les limites actuelles du royaume de Sardaigne et des États de la confédération, dressés par Vuillemin. Prix de chaque volume. . . . . 6 fr.

L'histoire de cette campagne est une histoire éminemment populaire, qui doit éveiller un intérêt universel.

Les éditeurs n'ont rien négligé pour que cet ouvrage joignît au mérite de l'actualité la plus palpitante tous les avantages d'une exécution sérieuse, et devînt un livre, non pas seulement de circonstance et d'un intérêt éphémère, mais digne de tenir une place honorable dans les bibliothèques. — Le livre renferme aussi la liste complète et nominale des décorés et des médaillés de l'armée d'Italie, et, par cela même, devient pour eux un titre de famille.

MÉMORIAL DE SAINTE-HÉLÈNE

Par feu le comte de las Cases, nouvelle édition revue avec soin, augmentée du *Mémorial de la Belle-Poule*, par M. Emmanuel de las Cases, 2 vol. grand in-8, avec portraits, vignettes nouvelles, gravés sur acier, par Blanchard. Dessins de Pauquet, Frère et Daubigny. 24 fr.; net. . 14 fr.

HISTOIRE UNIVERSELLE

Par le comte de Ségur, de l'Académie française; contenant l'histoire des Égyptiens, des Assyriens, des Mèdes, des Perses, des Juifs, de la Grèce, de la Sicile, de Carthage et de tous les peuples de l'antiquité, l'histoire romaine et l'histoire du Bas-Empire. 9e édit., ornée de 30 grav. sur acier, d'après les grands maîtres. 3 vol. grand in-8. . . . 37 fr. 50

On peut acheter séparément chaque volume, qui forme un tout complet :

Histoire ancienne, contenant l'histoire des Egyptiens, des Assyriens, des Mèdes, des Perses, des Grecs, des Carthaginois, des Juifs. 1 vol. . . . . . . 12 fr. 50

Histoire romaine, contenant l'histoire de l'empire romain, depuis la fondation de Rome jusqu'à Constantin. 1 vol. . . . . 12 fr. 50

Histoire du Bas-Empire, depuis Constantin jusqu'à la fin du second empire grec. . . . . 12 fr. 50

L'*Histoire universelle* de Ségur est devenue, pour la jeunesse, un livre classique. Le nombre des éditions qui se sont succédé en atteste le mérite et le succès.

HISTOIRE DES DUCS DE BOURGOGNE

Par M. de Barante, membre de l'Académie française. Septième édition. 12 vol. in-8, caractères neufs, imprimés sur papier vélin satiné des Vosges, ornés de 104 grav. et d'un grand nombre de cartes. Prix, le vol. . . . . 5 fr.

La place de cet ouvrage est marquée dans toutes les bibliothèques. Il joint au mérite et à l'exactitude historique une grande vérité de couleur et un grand charme de narration.

HISTOIRE DES RÉPUBLIQUES ITALIENNES DU MOYEN AGE

Par Simonde de Sismondi. Nouvelle édition, ornée de gravures sur acier. 10 vol. in-8, 50 fr.; net. . . . . 40 fr.

HISTOIRE D'ITALIE

Depuis les premiers temps jusqu'à nos jours, par le docteur Henri Leo et Botta, traduite de l'allemand et enrichie de notes très-curieuses par M Dochez. 3 vol. grand in-8; au lieu de 45 fr., net. . . . 15 fr.

HISTOIRE DE PORTUGAL

Par Henri Schœfer, traduite par Henri Soulange-Bodin. 1 vol. grand in-8; au lieu de 15 fr., net. 5 fr.

HISTOIRE D'ESPAGNE

Depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours, d'après les meilleurs auteurs, par Ch. Paquis et Dochez. 2 vol. grand in-8; au lieu de 30 fr., net. . . . . 10 fr.

HISTOIRE DES CAUSES DE LA RÉVOLUTION FRANÇAISE

Par A. Granier de Cassagnac. 4 vol. in-8. . . . . 20 fr.

LAMARTINE

Histoire de la Révolution de 1848. Nouvelle édition, complétement revue par l'auteur. 2 volumes in-8, papier cavalier vélin. . . . . . 12 fr.

Même Ouvrage. 2 vol. grand in-18 jésus, le vol. . . . . 3 fr. 50

RAPHAEL

Pages de la vingtième année, par Lamartine. Deuxième édition. 1 vol. in-8, cavalier vélin. . . . . 5 fr.

HISTOIRE DE RUSSIE

Par A. de Lamartine. Paris, Perrotin, 1856. 2 vol. in-8, 10 fr.; net. 5 fr.

M. de Lamartine a voulu compléter son Histoire de l'empire ottoman par une Histoire de la Russie. — Ces deux volumes sont indispensables aux nombreux possesseurs de l'Histoire de la Turquie.

HISTOIRE DE LA PEINTURE EN ITALIE

Depuis la Renaissance des beaux-arts jusque vers la fin du dix-huitième siècle, par Lanzi; traduite de l'italien sur la troisième édition, sous les yeux de plusieurs professeurs, par madame A. Dieudé. Paris, Dufart, 1824. 5 vol. in-8; au lieu de 35 fr. . . . . 18 fr.

Cette traduction est la seule complète qui ait été publiée de l'ouvrage de Lanzi. Cet ouvrage est indispensable aux artistes et à tous ceux qui ont le goût des beaux-arts.

VOYAGE DANS L'INDE

Par le prince A. Soltykoff; illustré de lithographies à deux teintes, par Debudder, etc., d'après les dessins de l'auteur. 1 vol. gr. in-8 jés. 20 fr.

Reliure t. mosaïque, riche plaque spéciale, genre indien, tr. dor., le vol. 6 fr.

VOYAGE EN PERSE

Par le même; illustré, d'après les dessins de l'auteur, de magnifiques lithographies par Trayer, etc. 1 vol. gr. in-8 jésus. . . . . . 10 fr.

Reliure toile mosaïque, riche plaque spéciale, genre indien, tr. dorée, 6 fr.

ŒUVRES COMPLÈTES DE BUFFON

Avec la nomenclature linnéenne et la classification de Cuvier. Édition nouvelle, revue sur l'édition in-4 de l'Imprimerie impériale, annotée par M. Flourens, membre de l'Académie française, etc., etc., etc.

Les *Œuvres complètes de Buffon* forment 12 v. grand in-8 jésus, illustrés de 162 planches, 800 sujets coloriés, gravés sur acier, d'après les dessins originaux de M. Victor Adam. Imprimés en caractères neufs, sur papier pâte vélin, par la typographie J. Claye. . . . . . . 120 fr.

M. le ministre de l'instruction publique a souscrit, pour les bibliothèques, à cette magnifique publication (aujourd'hui complétement achevée), reconnue par les hommes les plus compétents comme une édition modèle des œuvres du grand naturaliste. Le nom et le travail de M. Flourens la recommandent d'une façon toute particulière, et lui donnent un cachet spécial.

Pour satisfaire a de nombreuses demandes nous avons ouvert une souscription par demi-volumes du prix de 5 fr.

Les souscripteurs peuvent retirer, dès à présent, les 24 demi-volumes.

LEÇONS ÉLÉMENTAIRES D'HISTOIRE NATURELLE

Traité de conchyliologie, précédé d'un aperçu sur toute la zoologie, à l'usage des étudiants et des gens du monde, par M. Chenu, conservateur du Musée d'histoire naturelle de M. Delessert. 1 vol. in-8, orné de 1,000 vignettes sur cuivre et sur bois, dans le texte, et d'un atlas de 12 planches en taille-douce coloriées. Prix, broché, 15 fr.; net. . . . . . . 8 fr.

Atlas en planches noires, broché, 12 fr.; net. . . . . 5 fr.

LE MUSÉUM D'HISTOIRE NATURELLE

Histoire de la fondation et des développements successifs de l'établissement, biographie des hommes célèbres qui y ont contribué par leur enseignement ou par leurs découvertes; description des galeries, du jardin, des serres et de la ménagerie, par Paul-Antoine Cap. Paris, Curmer. 1 magnifique volume très-grand in-8 jésus sur papier superfin. 15 magnifiques planches coloriées à l'aquarelle, 20 grandes planches gravées sur acier, une grande quantité de bois gravés, illustrations par Ad. Féart, Freemann, Pauquet, etc. Au lieu de 21 fr., net. . . . 16 fr.

HISTOIRE NATURELLE DES MAMMIFÈRES

Classés méthodiquement, avec l'indication de eurs mœurs et de leurs rapports avec les Arts, le Commerce et l'Agriculture, par Paul Gervais, illustrations par MM. Werner, Freemann, Oudart, Delahaye, de Bar et autres éminents artistes; gravures par MM Annedouche, Quartley, Gusman Brunier, Hildebrand, Gauchard, Sargent et l'élite des graveurs français et étrangers. Paris, Curmer, 1855. 2 magnifiques vol. très-grand in-8 jésus; au lieu de 25 fr., le vol. net. . . . . 16 fr.

Ces volumes contiennent 58 planches gravées sur acier et coloriées entièrement inédites, et environ 150 gravures sur bois séparées du texte, imprimées à deux teintes; un nombre considérable de gravures sur bois, inédites.

L'AFRIQUE FRANÇAISE, L'EMPIRE DU MAROC ET LES DÉSERTS DU SAHARA

Édition illustrée d'un grand nombre de gravures sur acier, noires et coloriées, par Christian. 1 volume grand in-8 jésus. . . . . . . 15 fr.

CASIMIR DELAVIGNE

Œuvres complètes, comprenant le Théâtre, les Messéniennes et les Chants sur l'Italie. Nouvelle édition, illustrée de 12 belles vignettes gravées sur acier d'après A. Johannot. 1 beau vol. gr. in-8 jésus. 1855. . 12 fr. 50

ŒUVRES DE P. ET TH. CORNEILLE

Précédées de la vie de P. Corneille, par Fontenelle, et des discours sur la poésie dramatique. Nouvelle édition ornée de gravures sur acier. Un beau volume grand in-8. . . . . 12 fr. 50

ŒUVRES DE J. RACINE

Avec un essai sur la vie et les ouvrages de J. Racine, par Louis Racine; ornées de 13 vignettes, d'après Gérard, Girodet, Desenne, etc. 1 beau vol. grand in-8 jésus. . . . . 12 fr. 50

ŒUVRES COMPLÈTES DE BOILEAU

Avec une notice et notes de tous les commentateurs, illustrées de 7 gravures sur acier, nouvelle édition. 1 vol. grand in-8 . . . 12 fr. 50

MOLIÈRE

Œuvres complètes, précédées d'une notice sur la vie et les ouvrages de Molière, par Sainte-Beuve, illustrées de 800 dessins, par Tony Johannot. Nouvelle édition. 1 vol. gr. in-8, jésus, imprimé par Plon frères. 20 fr.

Reliure demi-chagrin, pour chacun des cinq ouvrages, le vol.. . .. . 3 fr. 50
Même reliure, plats en toile, tranche dorée. . . . . 6 »

COURS ÉLÉMENTAIRE D'HISTOIRE NATURELLE

A l'usage des Lycées et des maisons d'éducation, rédigé conformément au programme de l'Université. Le cours comprend :

Zoologie, par M. Milne-Edwards, membre de l'Institut, professeur au Jardin des Plantes.

Botanique, par M. A. de Jussieu, de l'Institut, professeur au Jardin des Plantes

Minéralogie et Géologie, par M. F. S. Beudant, de l'Institut, inspecteur général des études. 3 forts vol. in-12 ornés de plus de 2,000 figures intercalées dans le texte.

Chaque volume se vend séparément. Broché. . . . . 6 fr.
Cartonné à l'anglaise. . . . . 7 fr.
La Géologie seule. Brochée.. . . . . 4 fr.
Ouvrage adopté par l'Université et approuvé par Mgr l'archevêque de Paris.

NOTIONS PRELIMINAIRES D'HISTOIRE NATURELLE

Pour servir d'introduction au *Cours élémentaire d'histoire naturelle*, rédigées conformément au programme officiel de l'enseignement dans les lycées (section des sciences). 3 vol. in-18 jésus, illustrés d'un grand nombre de figures intercalées dans le texte.

Zoologie, par M. Milne-Edwards.. . . . . 3 fr. »
Botanique, par M. Payer, professeur à la Faculté des sciences de Paris (*sous presse*).
Géologie, par M. E. B. de Chancourtois.. . . . . 1 fr.

COURS ÉLÉMENTAIRE DE CHIMIE

Par M. V. Regnault, de l'Institut, directeur de la Manufacture impériale de Sèvres, professeur au Collége de France et à l'Ecole polytechnique 4 vol. in-18 jésus, ornés de 700 figures dans le texte. 5me édit. 20 fr.

PREMIERS ÉLÉMENTS DE CHIMIE

A l'usage des facultés, des établissements d'enseignement secondaire, des écoles normales et des écoles industrielles; par M. V. Regnault. In-18 jésus, illustré d'un grand nombre de figures dans le texte. . . 5 fr.

COURS ELÉMENTAIRE DE MÉCANIQUE

Théorique et appliquée, à l'usage des lycées, des écoles normales, des facultés, etc.; par M. Delaunay, de l'Institut, ingénieur des Mines, professeur à la Faculté des sciences de Paris et à l'Ecole polytechnique, etc. 1 vol. in-18 jésus illustré de 540 figures dans le texte. 4me édition. 8 fr

COURS ÉLÉMENTAIRE D'ASTRONOMIE

Concordant avec les articles du programme officiel pour l'enseignement de la cosmographie dans les lycées; par *le même*. 1 volume in-18 jésus, illustré de planches en taille-douce et d'un grand nombre de figures intercalées dans le texte, deuxième édition. . . . . 7 fr. 50

ÉLÉMENTS DE BOTANIQUE

Première Partie : Organographie, par M. Payer, de l'Institut, professeur de botanique à la Faculté des sciences et à l'Ecole normale supérieure. 1 volume grand in-18, avec 668 fig. intercalées dans le texte. . 5 fr.

SOUS PRESSE :

2e Partie : **Anatomie, physiologie, organogénie, pathologie et tératologie végétales**

3e Partie : **Les principaux groupes du règne végétal**, considérés au point de vue de leur classification naturelle (*Phytographie*); de leur application à la médecine et à l'industrie (*Botanique apliquée*), et de leur distribution à la surface du sol (*Géographie botanique*).

COURS ELEMENTAIRE D'AGRICULTURE

Destiné aux élèves des écoles d'agriculture et des écoles normales primaires, aux propriétaires, cultivateurs; par MM. Girardin, correspondant de l'Institut, professeur, et Dubreuil, professeur d'agriculture et de sylviculture, chargé du cours d'arboriculture au Conservatoire impérial des arts et métiers. 2 forts volumes in-18 jésus, illustrés de 842 figures dans le texte 2e édition.. . . . . 15 fr.

COURS ÉLÉMENTAIRE THÉORIQUE ET PRATIQUE D'ARBORICULTURE.

Comprenant l'étude des pépinières d'arbres et d'arbrisseaux forestiers, fruitiers et d'ornement; celle des plantations d'alignement forestières et d'ornement; la culture spéciale des arbres à fruits à cidre, et de ceux à fruits de table. Précédé de quelques notions d'anatomie et de physiologie végétales; par M. A. Dubreuil, professeur d'agriculture et de sylviculture. 4e édition, considérablement augmentée. 1 très-fort vol. in-18 jésus, illustré de 811 figures dans le texte et de 5 planches gravées sur acier. Publié en deux parties. . . . . 12 fr.

Ouvrage approuvé par l'Université et couronné par les sociétés d'horticulture de Paris, de Rouen et de Versailles.

INSTRUCTION ÉLÉMENTAIRE POUR LA CONDUITE DES ARBRES FRUITIERS

Greffe, — Taille, — Restauration des arbres mal taillés ou épuisés par la vieillesse, — Culture, récoltes et conservation des fruits; par *le même*. Ouvrage destiné aux jardiniers, aux élèves des fermes écoles et des écoles normales primaires. 1 volume in-18 jésus, illustré de figures dans le texte. Deuxième édition. . . . . 2 fr. 50

OUVRAGES EN VOIE D'EXÉCUTION :

COURS ÉLÉMENTAIRE DE PHYSIQUE

Par M. V. Regnault, de l'Institut, directeur de la manufacture impériale de Sèvres, professeur au Collége de France et à l'Ecole polytechnique. 2 volumes in-18 jésus, illustrés de figures dans le texte.

PREMIERS ÉLÉMENTS DE PHYSIQUE

Rédigés sur le nouveau programme; par *le même*. 1 volume grand in-18, avec figures dans le texte.

EXPOSITION ET HISTOIRE DES PRINCIPALES DÉCOUVERTES SCIENTIFIQUES MODERNES

Par M. Louis Figuier, docteur ès sciences. Cinquième édition. 4 volumes in-18 jésus. Brochés. . . . . 14 fr.

CES QUATRE VOLUMES CONTIENNENT :

Le premier : Machine à vapeur. — Bateaux à vapeur. — Chemins de fer.

Le deuxième : Machine électrique. — Bouteille de Leyde. — Paratonnerre. — Pile de Volta.

Le troisième : Photographie. — Télégraphie aérienne et électrique. — Galvanoplastie et dorure chimique. — Poudres de guerre et poudre-coton.

Le quatrième : Aérostats. — Eclairage au gaz. — Ethérisation. — Planète Leverrier.

APPLICATIONS NOUVELLES DE LA SCIENCE

A l'industrie et aux arts en 1855, par *le même*. In-18. . . . . . 3 fr.

TRAITÉ DE MÉCANIQUE RATIONNELLE

Contenant les éléments de mécanique exigés pour l'admission à l'Ecole polytechnique et toute la partie théorique du cours de mécanique et machines de cette école; par M. Ch. Delaunay, de l'Institut, professeur à l'Ecole polytechnique et à la Faculté des sciences de Paris, deuxième édition. 1 vol. in-8. . . . . 8 fr.

LEÇONS ÉLÉMENTAIRES DE BOTANIQUE

Fondées sur l'analyse de 50 plantes vulgaires et formant un traité complet d'organographie et de physiologie végétales, à l'usage des étudiants et des gens du monde; par M. Emm. Lemaout. Deuxième édition, 1 volume grand in-8 raisin, illustré d'un atlas de 50 planches et de 700 figures dans le texte. Avec atlas noir. . . . . 10 fr.

— Colorié. . . . . 16 fr.

ATLAS ÉLÉMENTAIRE DE BOTANIQUE

Avec le texte en regard, comprenant l'organographie, l'anatomie et l'iconographie des familles d'Europe, à l'usage des étudiants et des gens du monde; par M. Lemaout. 1 volume in-4, contenant 2,340 figures dessinées par MM. Steinheil et J. Decaisne. Br. . . . . . . 15 fr.